

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO
DE VÍNCULOS SOCIAIS DE ADOLESCENTES,
JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA NOTURNA**

Maria Aparecida Gomes Ramos

Goiânia/2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO
DE VÍNCULOS SOCIAIS DE ADOLESCENTES,
JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA NOTURNA**

Maria Aparecida Gomes Ramos

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Avelino da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Linha de pesquisa: Religião e Cultura

Goiânia/2006

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM

24 DE FEVEREIRO DE 2006

E APROVADA COM A NOTA 9,0 (NOVE INTEIROS)

PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. J. C. Avelino da Silva/UCG (Presidente)



2) Dra. Carolina Teles Lemos/UCG (Membro)



3) Dra. Maria Margarida Machado/UFG (Membro)



À Maria Gomes, minha mãe, muita gratidão pela vida.

À Lucelene Auxiliadora, professora que atravessou a margem do Rio das Antas aos 15 anos e ensinou-me as primeiras letras na zona rural.

A Rede das Palavras

Sabia que a religião é uma linguagem?

Um jeito de falar sobre o mundo...

Em tudo, a presença da esperança e do sentido...

Religião é tapeçaria que a esperança constrói com palavras.

E sobre estas redes as pessoas se deitam.

É. Deitam-se sobre as palavras amarradas umas nas outras.

Como é que as palavras se amarram?

É simples.

Com o desejo.

Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.

Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.

E tudo se faz com as palavras e o desejo.

Por isto, para se entender a religião, é necessário entender o caminho da linguagem.

(Rubem Alves)

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho foi necessário um coletivo de pessoas e instituições, sem as quais não seria possível realizá-lo. Por isso, agradeço imensamente:

Ao Deus da vida, pela capacidade, pelos dons.

Às irmãs dominicanas de Monteils, pelo incentivo aos estudos, como busca da verdade.

Ao amado e companheiro Geraldo Vanderlei Vieira que surgiu em meu caminho, no início dessa pesquisa, tornando-se apoio incondicional em todas as horas.

À Rede Municipal de Educação de Goiânia, pela licença concedida destes dois anos para que eu me dedicasse a esse aprimoramento.

À escola Professora Marília Carneiro que possibilitou o contato com os alunos e foi campo desta pesquisa.

Aos adolescentes, jovens e adultos, migrantes, sujeitos religiosos e aprendentes que, carinhosamente, dispuseram-se a ser entrevistados.

De modo especial, ao professor José Carlos Avelino da Silva, pela paciência e dedicação na orientação deste trabalho.

Aos professores Manuel Ferreira Lima Filho e Carolina Teles Lemos, pelas contribuições no exame de qualificação e à professora Maria Margarida Machado que aceitou fazer parte desta banca de defesa.

Aos professores(as) e colegas da 6ª turma do mestrado e a todos os funcionários de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, com quem convivemos nestes últimos dois anos.

Às colegas Ivaneuma, Magda, Nilza, Nelci e Marta pelos oitos anos de trabalho pedagógico em conjunto no EAJA, na tentativa de mudança do fracasso para uma cultura cidadã.

Ao Jaime e Rosalina, presidentes das associações de bairro do Jardim Guanabara II e do Conjunto Jardim Guanabara III, gestão 2003 - 2006 que muito contribuíram para a contextualização histórica dos setores.

Ao pastor, aos padres e ao cooperador das igrejas que, gentilmente, enriqueceram esse estudo, concedendo suas entrevistas.

À Comissão de Justiça e Paz da Família Dominicana do Brasil, na defesa dos Direitos Humanos, pela infra-estrutura material oferecida.

À Devanir, pela cuidadosa revisão do texto e pelas ricas sugestões.

Às vizinhas e amigas, Sônia, Ione e Conceição, braço direito na lida cotidiana, sem as quais não concluiria o texto hoje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – JARDIM GUANABARA: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO	19
1.1 Jardim Guanabara I	21
1.2 Os Conjuntos Jardim Guanabara II e III	27
1.3 As Invasões do Jardim Guanabara II.....	32
CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSO DE EXCLUSÃO E CONQUISTAS	39
2.1 O Perfil do Aluno no Contexto da Escola Noturna.....	40
2.2 O Fracasso Escolar de Adolescentes, Jovens e Adultos.....	53
2.3 A Voz do Aluno sobre a Escola Noturna.....	60
CAPÍTULO 3 – A CENTRALIDADE DA RELIGIÃO NA VIDA DOS ALUNOS	64
3.1 A Formação do Povo Brasileiro e o Desenraizamento dos Alunos.....	65
3.2 A Matriz Religiosa Brasileira e suas Influências.....	72
3.3 A Reforma Protestante e o Pluralismo Religioso	78
3.4 Participação: na Religião Sim, nos Movimentos Sociais Não.....	86
3.5 O Perfil dos Agentes Religiosos das Igrejas.....	111
CAPÍTULO 4 – MEMÓRIA RELIGIOSA, SÍMBOLO, EDUCAÇÃO E CULTURA	128
4.1 Memória e Prática Religiosa dos Alunos.....	131
4.2 A Prece de Mauss	139
4.3 A Prece na Perspectiva dos Alunos.....	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	154
APÊNDICE A	160
APÊNDICE B	161
APÊNDICE C	162
APÊNDICE D	164
APÊNDICE E	165
APÊNDICE F	166
APÊNDICE G	169
ANEXO 1	171

RESUMO

RAMOS, Maria Aparecida Gomes. *A influência da religião na construção de vínculos sociais de adolescentes, jovens e adultos da escola noturna*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

Esta dissertação aborda o tema da relação igreja e realidade social, especialmente no que diz respeito aos vínculos sociais dos estudantes migrantes, matriculados na escola noturna. A pesquisa de campo foi realizada com os alunos da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (Eaja) de uma escola da Rede Municipal de Goiânia. Identificou-se que a religião, enquanto cultura, tem ocupado um papel importante na vida do ser humano, ela está presente no cotidiano da sociedade e da escola, principalmente no ensino noturno, onde se encontram os alunos trabalhadores, migrantes em sua maioria e tardiamente escolarizados. Para este grupo, a religião é um dos elementos formadores de vínculo social, que os alunos ainda mantêm, mesmo diante de tantas exclusões e desenraizamentos pelos quais passaram. Sobrou, para estes marginalizados, uma crença que carregam na memória para onde vão. A participação religiosa nas igrejas permite uma grande mediação nessa trajetória. Mostra-se assim que a crença em um Deus torna-se a razão de viver desse grupo, no enfrentamento do cotidiano da cidade.

Palavras-chave: religião, cultura, educação, vínculo social.

ABSTRACT

RAMOS, Maria Aparecida Gomes. *Religious Influence in the Construction of Social Bonds among Adolescents, Young Adults, and Adults Studying in the Evening*. Dissertation (Master's Course on Religious Science) Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

This dissertation deals with the relationship between church and social reality, especially, in what social bonds among migrating students studying in the evening. This field research was performed along with EAJA students – Adolescent, Young-Adult, and Adult Schooling – from a public school in the municipality of Goiânia. Both religion and culture were identified as having an important role in human life, being present in our school and society day-by-day, mainly in the evening courses, which are mostly composed of workers, usually migrating people, who went later to school than expected. For this group religion is one of fundamental elements for the creation of social bonds, relationships kept by most of them, due to the loss of roots and exclusion faced by them. What is left to these marginal people is the belief they carry with wherever they go. Religious service participation allows them a bond in their trajectory. Thus, this shows that believing in one God has become their reason for living in a big city.

Key word: religions, culture, education, social bonds.

LISTA DE SIGLAS

AJA	- Experiência Pedagógica de 1ª a 4ª Séries do Ensino Fundamental para Jovens e Adultos
AMG III	- Associação dos Moradores Jardim Guanabara III
Aspeg	- Associação dos Servidores Públicos do Estado de Goiás
Ceasa	- Centro de Abastecimento de Goiás
CEB	- Câmara de Educação Básica
CEF	- Caixa Econômica Federal
Celg	- Companhia Energética de Goiás
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Eaja	- Educação de Jovens Adolescentes e Adultos de Goiânia
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
Eneja's	- Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEB	- Movimento de Educação de Base
Mobral	- Movimento Brasileiro de Alfabetização
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Saneago	- Saneamento de Goiás
SEE	- Secretaria Estadual de Educação
SME	- Secretaria Municipal de Educação
TRE	- Tribunal Regional Eleitoral

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1: Origem Migratória dos Estudantes Entrevistados.....	24
Gráfico 2: Atividade Profissional dos Pais dos Entrevistados.....	25
Gráfico 3: Atividade Profissional dos Alunos Entrevistados.....	25
Gráfico 4: Número de Escolas em que Estudaram os Alunos Entrevistados.....	45
Gráfico 5: Grau de Instrução dos Pais dos Entrevistados.....	54
Gráfico 6: Procedência dos Alunos Entrevistados.....	68
Gráfico 7: Participação dos Entrevistados em Movimentos Sociais.....	91
Gráfico 8: Religião de Origem dos Alunos Entrevistados	93
.....	
.....	
.....	
.....	
Gráfico 9: Religião Atual dos Alunos Entrevistados.....	93
Quadro 1.....	35
Quadro 2.....	35
Quadro 3.....	36
Quadro 4.....	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma investigação sobre a influência da religião na construção de vínculos sociais de adolescentes, jovens e adultos do ensino noturno, mais especificamente, alunos de 1^a a 4^a séries, da Escola Municipal Marília Carneiro, situada no Jardim Guanabara III, no município de Goiânia. O objetivo é compreender o sentido da religião, para este grupo acima citado, como formadora de valores sociais e individuais e suas influências no cotidiano da escola e nas relações humanas. Busca-se observar de que forma a religião atua como formadora de vínculos sociais que contribuem para superar as exclusões e enfrentar o desenraizamento sofrido por estes estudantes, diante das transformações sócio-culturais.

Foi também a partir da experiência pessoal de 11 anos vivida na escola noturna, no ensino fundamental de adolescentes, jovens e adultos e na inserção em alguns movimentos sociais desta pesquisadora, que a temática religiosa surgiu como problema instigante. Durante este tempo, observou-se que esta população de alunos deixa de freqüentar as aulas formais na escola para participar dos eventos oferecidos pelas igrejas; alguns não participam de determinadas atividades proposta pela escola, como filmes e momentos culturais, por observância a preceitos religiosos. Parte-se do princípio de que é importante compreender o universo desses alunos e a influência de sua religiosidade, como elemento socializador na sua vida cotidiana.

É preciso considerar que a religiosidade, enquanto expressão cultural, tem ocupado um papel importante na vida do ser humano, ela está presente no cotidiano da sociedade e da escola, principalmente, no noturno onde se encontram os alunos trabalhadores, migrantes em sua maioria, e tardiamente escolarizados. Para este grupo, a religião é um dos elementos de formação de consciências. No contexto atual, em que a participação nos movimentos sociais apresenta um cenário pouco ativo, a religião tem sobressaído como solução para as tensões geradas pelas transformações sociais; isto acarreta uma procura muito intensa pelas diversas igrejas.

A degradação do mundo rural e a nova reestruturação do mundo da cidade são fatos sociais muito presentes no Brasil e, principalmente, no estado de Goiás, que é um dos estados receptores de migrantes vindos, sobretudo, da região Nordeste. Neste cenário, devido às transformações sócio-culturais sofridas por esta população de alunos, tais como a migração do campo para a cidade, o enfrentamento de novas relações de trabalho e o retorno à escola, entre outros, a religião ainda é um elemento importante na socialização desses alunos e ela permanece como valor de busca vivencial entre os estudantes da escola noturna.

Já foram realizados trabalhos sobre o projeto AJA (Alfabetização de Jovens e Adultos) da SME de Goiânia, como o de Maria Margarida Machado (1997), sobre as políticas educacionais; Maria Emília de Castro Rodrigues (2002), sobre o aspecto pedagógico desta experiência e Ivonete Maria da Silva (2004), sobre a não permanência desses alunos na escola e a centralidade do trabalho em suas vidas. No programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás existem trabalhos relacionados à educação; o de Sabatine (2001), por exemplo, trata da fenomenologia e do comportamento dos jovens universitários; Quinteiro (2002) aborda representação religiosa e a proposta pedagógica da escola pública para crianças e recentemente, Santos (2005) trabalhou os docentes e o ensino religioso na Rede Estadual de Goiás.

Como se pode ver, o estudo no campo específico da dimensão religiosa dos educandos jovens e adultos trabalhadores, migrantes, da escola pública noturna se reveste de importância e de significação em razão da existência de pouca pesquisa nesse aspecto. Igualmente, é relevante a abordagem do tema em relação ao quadro teórico e empírico. Esta pesquisa traz como novidade a abordagem do aspecto

religioso dos sujeitos, a partir da migração, do desenraizamento, da memória histórica.

A pesquisa de campo foi desenvolvida com alunos de 1^a à 4^a série do Ensino Regular Noturno da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (Eaja) na Escola Municipal Professora Marília Carneiro de Azevedo Dias, localizada no conjunto Jardim Guanabara III, em Goiânia – Goiás. A escolha dessa escola deveu-se a sua posição geográfica no conjunto habitacional e também por ser um dos lugares onde há manifestações religiosas consideráveis. O espaço geográfico escolhido é outro fator importante. O Jardim Guanabara e o seu entorno, onde os alunos vindos de vários estados brasileiros residem, abrigam muitos templos religiosos.

O caminho percorrido para a constituição do objeto proposto na pesquisa e para coletar os dados necessários à construção dos capítulos compôs-se de vários recursos: questionários, entrevistas, observações participantes, visitas em busca de memórias. Além disso, recorreu-se à contribuição importante dos autores que compõem o referencial teórico escolhido: Maria Francisca de S.C. Bites, Ecléia Bosi, Carlos R. Brandão, José Severino Croatto, Darci Ribeiro, Otto Maduro, Marcel Mauss, Maria Helena S. Patto, Simone Weil e outros. O processo de coleta de dados foi desenvolvido em quatro etapas: uma com os alunos, outra com os agentes religiosos, a terceira com os professores da escola campo e a quarta com os presidentes da associação do bairro do Jardim Guanabara II e do Conjunto Jardim Guanabara III.

Para a obtenção dos dados sociais, econômicos, culturais e religiosos dos sujeitos, aplicaram-se questionários (Apêndice A e B) abrangendo 20% da média dos 115 alunos matriculados, freqüentes nas quatro turmas. O objetivo foi levantar as características gerais dessa população e coletar outros dados considerados

importantes. Com esses dados confeccionaram-se gráficos que ajudam a visualizar melhor a realidade dos entrevistados.

Realizaram-se também entrevistas abertas através de um roteiro (Apêndice C) com 20% do total de alunos. Estas foram divididas em três blocos: no primeiro, as perguntas são destinadas a conhecer a história de vida dos sujeitos da pesquisa. No segundo, elas objetivam perceber o significado da religião e a colher elementos que sejam influentes na formação de vínculos sociais nesse segmento de alunos. No terceiro bloco, as questões visam a descobrir a relação dos alunos do Eaja com a escola e como o processo ensino-aprendizagem. Ainda com os alunos, mas somente com os da 3ª série, foi desenvolvida a mesma técnica acima, para identificar suas práticas religiosas e o trabalho de memória descrito no capítulo quatro.

Os resultados da pesquisa apontaram várias realidades que caracterizam os sujeitos do ensino noturno. As principais são as seguintes: o laço forte com a religião, o alto índice migratório, a pouca instrução escolar, a não participação nos movimentos sociais. Deu-se prioridade aos três primeiros itens, porque estão relacionados com a proposta do projeto. Entretanto, a questão da não participação nos movimentos sociais foi também considerada importante e incluída na análise para estabelecer o contraponto com a intensa participação religiosa destes alunos, e também por ser considerada conseqüência da migração que provoca o desenraizamento das pessoas. Esta foi a primeira etapa da coleta de dados realizada com os alunos; está apresentada no texto de duas formas: entre aspas e citada em forma de bloco vazado.

O mesmo processo foi proposto para os representantes administradores dos serviços religiosos de três igrejas, as mais freqüentadas por esses estudantes e

situadas no Jardim Guanabara: Igreja Católica, Assembléia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. O questionário foi realizado para fazer um levantamento do perfil desses agentes; as entrevistas, para que se percebesse o sentido e a natureza do trabalho religioso desenvolvido nessas igrejas, as suas doutrinas e orientações.

Para completar esses quadros sobre os alunos e os agentes religiosos fez-se a observação participante de cultos e celebrações religiosas, nas igrejas citadas. Por meio desta observação, pôde-se obter informações sobre a realidade dos atores sociais, no seu próprio contexto de expressão celebrativa e, assim, perceber outras variedades de situações que não apareceram nas respostas dos entrevistados. Tais observações possibilitaram conhecer melhor as concepções culturais e os sentimentos que marcam a experiência religiosa de cada educando; isto foi imprescindível para se compreender a importância da religião, que é o objeto específico dessa pesquisa. Foi útil para a análise, os discursos dos representantes das igrejas; as informações importantes sobre as mensagens que passam e os seus critérios de pertença e participação nestas igrejas. Enfim, para se compreender o sentido manifesto ou oculto na relação humana e religiosa dos estudantes.

Segundo essa orientação, propôs-se focalizar a dimensão religiosa dos educandos trabalhadores adolescentes, jovens e adultos da escola noturna do ensino fundamental, ou seja, não se trabalhou com uma única expressão religiosa em particular, mas com as igrejas às quais os alunos declararam pertencer. Esse foi o critério de escolha, para a segunda etapa. As análises dessa abordagem encontram-se no capítulo três.

Na terceira etapa, recorreu-se a alguns professores para com eles fazer memória do trabalho educativo desenvolvido ao longo dos anos de 1997 a 2004, na

escola Marília Carneiro; trabalho este que teve por objetivo motivar a presença e a participação dos alunos do ensino noturno e evitar a evasão deles da sala de aula. Na saudade e nas lembranças recordadas, encontram-se fotografias; imagens que mostram um pouco dessas tentativas, as fotografias encontram-se no apêndice..

Na quarta etapa, através de visitas e de entrevistas não estruturadas buscou-se o diálogo, por várias vezes, com os presidentes das associações do Jardim Guanabara II, da parte da invasão e do conjunto habitacional Jardim Guanabara III. As informações e os documentos fornecidos por eles muito contribuíram para a construção da história do bairro, conforme se pode ver no capítulo um.

Outro recurso metodológico utilizado foi o diálogo constante entre os sujeitos e os autores citados acima que deram suporte teórico no texto. A perspectiva adotada foi a da fala de um iluminando a do outro. Esta pesquisa não tem a pretensão de defender esta ou aquela teoria, mas sim de tentar compreender um fato social: a importância da religião na vida dos educando jovens e adultos da escola noturna, no contexto da migração para a cidade de Goiânia. Contudo, em alguns momentos fixou-se mais na discussão dos autores, a fim de aprofundar as questões.

Observa-se que a grande maioria dos alunos entrevistados gosta de Goiânia e preferem morar aqui por diversos motivos:

tem mais recurso de saúde que eu preciso; eu gosto mais daqui, pois foi aqui que consegui um emprego para matar minha fome; Aqui é melhor de trabalhar e mais fácil de viver, Gosto mais daqui devido ter mais oportunidades, a cidade oferece mais melhora; acho bom em todos os assuntos na saúde, nos estudos; Gosto mais daqui porque aqui as pessoas são amigas, tem outras concorrências, muitas outras coisas.

Vê-se que os interesses almejados por todos na mudança, do campo para a cidade ou do interior e de outros estados para a capital de Goiás, é a busca de uma cidadania mais plena: saúde, trabalho e educação. São essas as condições básicas que fixam os seres humanos num lugar. Alguns deles, no entanto, carregam o gosto amargo da exclusão e do abandono vivido no local de origem. Por isso, não gostam nem de se lembrar desse lugar. É o caso da aluna que veio do estado do Piauí: “gosto mais daqui, pois não quero lembrar das coisas que eu passei lá. [Quais as lembranças que você tem de lá?] “Era da minha mãe viva, dos meus irmãos, de alguns que lembro”.

[Quais as coisas ruins de que você se lembra?] As coisas ruins é que tem muita pobreza. Muitas pessoas precisam de ajuda e não têm como viver. Os prefeitos só ligam para eles mesmos, não ligam para a cidade, não ligam para nada. Isso agente acha triste, porque a gente vê tanta coisa acontecer e ninguém faz nada (Entrevista /junho de 2005).

O primeiro capítulo deste trabalho aborda-se o contexto migratório na história da cidade de Goiânia, as ações de despejo e de formação de invasões que recheiam o do surgimento do Jardim Guanabara, onde a maioria dos alunos da escola noturna moram.

No segundo capítulo, procurou-se aprofundar a dimensão histórica do fracasso escolar, permeada de preconceito e exclusão, enfoca-se as possíveis causas da evasão, um problema social que atinge diretamente os alunos da escola noturna.

No terceiro capítulo, fez-se uma forte interlocução entre os sujeitos da pesquisa e os teóricos em busca da origem religiosa dos alunos, percorrendo as fontes da formação do povo brasileiro e das matrizes religiosas do período colonial,

marcadas pelo catolicismo rural e urbano. Foi feita, ainda, uma breve discussão que partiu da Reforma e chegou às novas denominações religiosas, nestas últimas, muitos alunos entrevistados encontram-se atualmente. Por isso, foi necessário conhecer o perfil dos agentes religiosos que atuam nas igrejas freqüentadas pelos alunos.

No quarto capítulo, desenvolveu-se um trabalho com a memória religiosa, com as práticas e crenças dos alunos da Eaja, relacionando-as com os símbolos, com a cultura e com a educação como elementos socializadores dos sujeitos.

CAPÍTULO 1

JARDIM GUANABARA: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

[...] o homem reconheceu a natureza (a Terra-Mãe) como um primeiro ponto fixo ao qual sua consciência nascente podia se apegar. Era seu primeiro referencial de estabilidade e constância, na qual podia – e tinha que – confiar...

(José Carlos Avelino da Silva)

Não se tem o objetivo de rescrever a história de Goiânia, mas pretende-se, com um recorte dela, nesse capítulo, contextualizar o bairro Jardim Guanabara em sua trajetória histórica. Procurou-se compreender a realidade da população deste bairro que é, em sua maioria, formada de imigrantes vindos do interior do estado de Goiás e de várias outras partes do Brasil e que continuam a chegar à capital, no decorrer de cada ano, em busca de uma vida melhor. Dentre esses imigrantes estão os adolescentes, jovens e adultos trabalhadores sujeitos dessa pesquisa. Este grupo de alunos trabalhadores enfrenta, na mudança do campo para a cidade, várias transformações socioculturais: novas relações de trabalho, retorno à escola e, principalmente, a participação em novas igrejas. Isto porque, mesmo no vai-e-vem à

procura de um destino mais seguro, esses sujeitos não perdem de vista a vivência de uma religião.

Para uma melhor compreensão desse bairro é necessário fazer algumas distinções sobre a sua delimitação e diferenças físico- geográficas. Quando se fala de Jardim Guanabara I, II e IV refere-se a áreas que foram organizadas através de loteamentos. Porém, quando são citados os 'Conjuntos Jardim Guanabara II e III, faz-se referência aos conjuntos habitacionais populares que foram construídos de forma planejada, para atender a uma determinada população (Anexo 1). O Guanabara II é caracterizado por duas realidades: uma parte é o Conjunto e a outra é formada por uma invasão.

Acrescenta-se ainda que esta pesquisa analisará de modo especial o Jardim Guanabara II que é uma área formada por lotes e por uma ocupação de moradores remanejados de outros setores de Goiânia, o que será explicado posteriormente. É onde moram muitos alunos do ensino noturno os quais foram entrevistados. Analisa-se também o 'Conjunto Jardim Guanabara III', estruturado de modo mais planejado, e onde fica localizada a Escola Municipal Professora Marília Carneiro Azevedo Dias, local do estudo de campo desta pesquisa.

Esta análise será realizada com o auxílio de dados coletados em diversas fontes: de entrevistas com os presidentes das Associações dos Moradores do Jardim Guanabara II e III, de reportagens dos Jornais Diário da Manhã, e O Popular e também dialogando com Silva (2004) que, em sua recente pesquisa, revela a origem da força de trabalho que construiu Goiânia e as condições de vida dos trabalhadores imigrantes. A partir desses dados procurou-se delinear a história do Jardim Guanabara assim como os problemas e desafios do cotidiano enfrentados pela população que reside neste bairro hoje.

1.1 Jardim Guanabara I

Iniciar-se-á pelo surgimento da primeira etapa do setor Jardim Guanabara I, que foi regularizada em 1953 e se desenvolveu à margem esquerda da Avenida Vera Cruz. Os primeiros moradores lembram com saudades da agricultura de subsistência nas fazendas que originaram o bairro e que sustentava os pioneiros. As paisagens do local, naquele momento, eram caracterizadas por plantações de milho, café, arroz e por uma mata fechada onde foi construído, mais tarde, o Aeroporto Santa Genoveva. Ao lado está o antigo 10º Batalhão Militar, única instituição que servia, naquela época, de apoio àquela comunidade recém-nascida. Apesar da economia voltada para agropecuária, o quartel do exército era também fonte de renda e de cultura para essa população. Muitas mulheres do Guanabara eram lavadeiras e cozinheiras dos militares. Como dona Nicinha, de 61, anos que trabalhou lá durante 22 anos. Ela conta que, na década de 1970, "houve um aumento populacional significativo na região, os militares serviam janta para a maioria dos moradores. Muita gente sobrevivia da comida do quartel".

Em um "mato sem fim", repleto de gado e plantações, João Bico, 84 anos, pai de Nicinha, abria com seu facão as estradas do local, além de preparar o terreno para construir a casa de sua família, feita de saco de cimento e palha de arroz. A família de Nicinha, umas das pioneiras do bairro, faz parte dos mais de cinquenta mil moradores que hoje residem no setor.

O Jardim Guanabara I fica localizado na região norte de Goiânia, e sua área estende-se desde a entrada da Brigada de Operações Especiais do Exército até a BR-153, próximo à Central de Abastecimento de Goiás (Ceasa). O setor tem como origem duas fazendas que ocupavam a área acima descrita. Ali, gradativamente,

foram sendo construídas as casas. "Os moradores vieram aos poucos, por isso os nomes Guanabara I, II, III e IV", explica o funcionário público Reinaldo Aves, 42 anos, antigo morador.

A segunda etapa do Guanabara I nasceu em 1975. Esta etapa resultou de uma desapropriação do Setor Nova Vila, onde atualmente localiza-se o Parque de Exposições Agropecuárias; os habitantes desalojados foram remanejados para a área que hoje é nomeada de Guanabara II; esta, no entanto, só foi regularizada em 1986.

Fatos como esses mostram que, desde o início de sua história,

Goiânia conviveu com problemas de habitação popular. Por um lado, havia necessidade dos trabalhadores para a construção da cidade, por outro, não havia áreas determinadas para suas moradias, exceto os alojamentos temporários. (SILVA, 2004, p. 38).

Não se pode esquecer de que a construção de Goiânia, nova capital do estado, em 1935, deu-se no contexto de urbanização pós Revolução Industrial, que foi um dos vetores que determinaram o crescimento rápido das grandes cidades. O reflexo dessa revolução ocorrida no século XX é visível, a partir daí, urbanização e industrialização se tornaram inseparáveis, ou seja, uma não acontece sem a outra. Em relação à urbanização de Goiânia, assim como de outras cidades brasileiras, o processo não foi diferente.

Com a crescente imigração provocada pela urbanização industrial capitalista, não há lugar para estes, 'os pobres', sempre excluídos, a não ser ocupar os espaços indevidos. No álbum de fotografias de Goiânia, publicado em comemoração aos 60 anos do jornal *O Popular* (1998), descreve-se essa realidade precária de moradia dos imigrantes não qualificados que aqui chegavam, a partir de 1935. Viam-se

diante da necessidade de alojar suas famílias, não tinham recursos para morar ou adquirir lotes urbanos nos bairros populares. Passaram a ocupar os vazios, sem houvesse repressão imediata do poder público (O POPULAR, 1998). Esta forma de ocupação urbana em Goiás, não recebeu o nome de favela, mas sim de 'invasão'. Dessas invasões surgiram os bairros Setor Universitário, Vila Nova, Fama, Criméia. O nascimento do Jardim Guanabara também não foi exceção.

Tanto o Jardim Guanabara I, que surgiu primeiro, quanto o II, que nasceu em segundo, foram ocupações desordenadas. Seus lotes e casas, em determinadas ruas, não foram planejados. Algumas ruas são espaçosas enquanto outras são estreitas, há também, vielas e becos. Desta forma, hoje, o Jardim Guanabara é constituído, em várias partes, por essas invasões que posteriormente foram chamadas de posse urbana.

Assim, a realidade de conflito pela posse da terra urbana, no município de Goiânia, faz-se presente também na história desse bairro. Silva (2004, p. 39) recorda que já na "década de 1930, empresários se apropriavam de toda terra passível de ser comprada e que se localizava entre o núcleo de Goiânia e a cidade de Campinas". Desse modo, os operários foram sendo expulsos dando origem às periferias.

A questão dos conflitos pela posse da terra na capital ainda persiste. Poder-se-ia enumerar vários exemplos: nas décadas de 1980 a ocupação do Jardim Nova Esperança; em 1990 surgiu Jardim Dom Fernando, Jardim das Oliveiras e muitas outras. Em fevereiro de 2005, ano em que se escreve esse texto, houve um violento despejo de 3.500 famílias no Parque Oeste Industrial, região Oeste. Esta última questão, ainda não foi resolvida. Com respeito a esse caso, uma carta denúncia chama atenção: "Goiás e Goiânia violam os direitos humanos. Temos aqui

verdadeiro coronelismo urbano formado pelos empresários das imobiliárias". (SASSATELLI..., 2005, p. 3). Essa denúncia reafirma a palavra de Silva (2004) sobre os empresários urbanos da década de 1930, fatos como esse se repetem praticamente todos os anos.

A expulsão da população do campo é uma das causas do crescimento da cidade. A pesquisa demonstrou claramente essa questão na origem migratória dos estudantes do ensino noturno. Treze deles são oriundos da zona rural, o que equivale a 65% do total, como mostra o Gráfico 1.

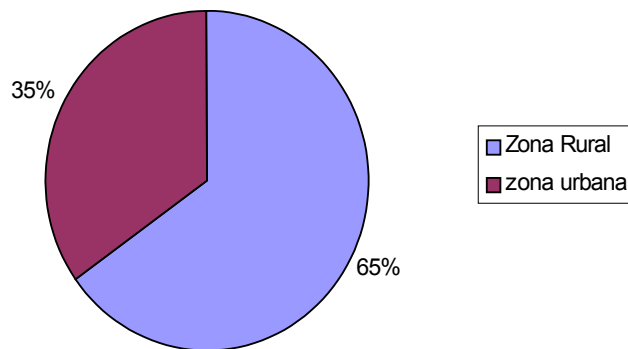


Gráfico 1: Origem Migratória dos Estudantes
Fonte: a autora, com base na pesquisa de campo

Os dados mostram, ainda, um outro lado da questão que é a não qualificação profissional desses sujeitos para viverem na cidade. Isso merece novamente um recorte na história da construção de Goiânia. Silva (2004, p. 40) descreve que em

Goiás faltava mão-de-obra qualificada, como mestre-de-obra, pedreiro, pintor, encanador, eletricitas. Neste sentido foram necessárias muitas campanhas de divulgação com essa finalidade[...] O recurso utilizado foi buscar pessoas qualificadas em São Paulo, Rio de Janeiro, onde fosse possível.

Esse problema da qualificação é também permanente. A exemplo, a pesquisa verificou que os alunos trabalhadores, ao saírem de suas origens, enfrentaram uma nova relação de trabalho na cidade. No quadro das profissões fica bem clara essa diversidade: cinco são domésticas, quatro donas de casa, os demais são manicure, servente, pedreiro, mecânico, chapa, desempregado. Ao se observar a geração de seus pais, as profissões também não variam: são aposentados rurais, lavradores, pedreiro, costureira, vigia, ferroviário, donas de casa.

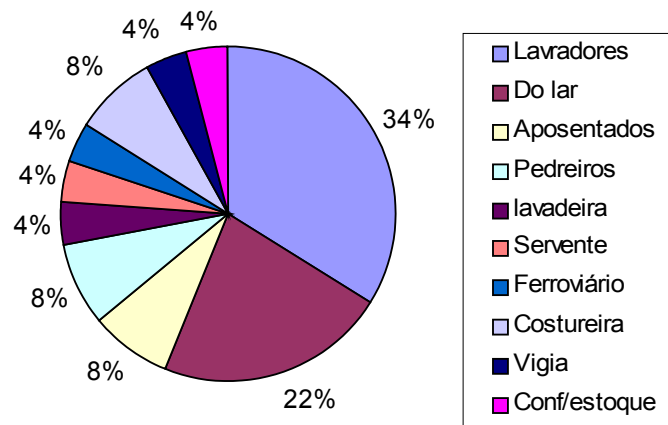


Gráfico 2: Atividade Profissional dos Pais

Fonte: a autora, com base na pesquisa de campo

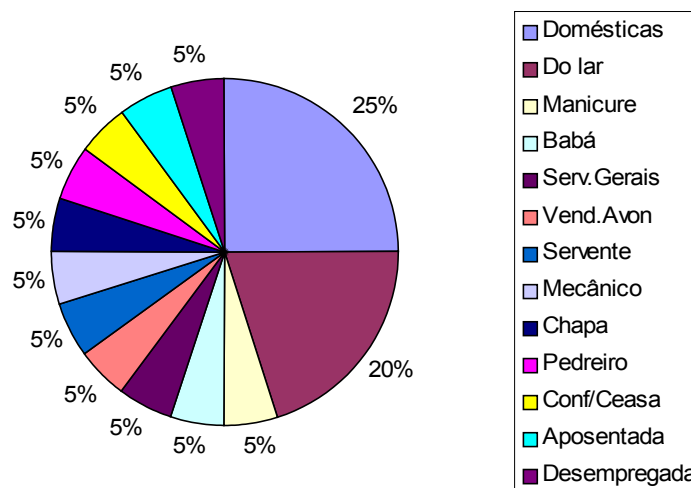


Gráfico 3: Atividade Profissional dos Alunos

Fonte: a autora, com base na pesquisa de campo

Diante dos gráficos profissionais de pais e filhos, consta-se que a realidade não mudou. Nove pais são lavradores, ou seja, 34% do total. Seis são mulheres que também trabalham em casa. Isso leva a pensar nas conseqüências da falta de uma política de reforma agrária abrangente, que fixe realmente o trabalhador a terra. Fica visível também que esses pais de famílias foram expulsos do campo e que continuam sendo excluídos e marginalizados, em vários aspectos, aqui na cidade: na moradia, na qualificação para o trabalho, na educação, sobrevivendo apenas pelos subemprego, quando não desempregados como mostram os gráficos 2 e 3.

Atualmente, na capital goiana, há um crescimento de luxuosos condomínios fechados, o que mostra o poder aquisitivo de alguns e a ação especulatória das imobiliárias, pois são elas que os administram. É o próprio capital escondendo-se da violência e da desigualdade que ele mesmo produz. Nesse contexto, também o Jardim Guanabara não fica de fora. Ao seu lado direito, na margem da BR-153, em direção à Brasília, está o condomínio Aldeia do Vale. Dito ecologicamente correto, é administrado pela Imobiliária Tropical, a mesma que dirige o Terminal Rodoviário de Goiânia. Muitos alunos do ensino noturno, participantes desta pesquisa, trabalham nesse condomínio como domésticas e jardineiros. Domésticas que arrumam belas mansões e que moram em barracos, jardineiros que cuidam de enormes jardins e não têm espaço para o seu quintal. Enfim, cuidam do ecológico do outro e não têm para si a não ser o beco, onde não há sequer o saneamento básico. Assim são as ocupações que ficam entre os conjuntos Jardim Guanabara II e III. É o contraste gerado pela desigualdade social do sistema capitalista. Neste sentido, pode-se concordar com Silva (2004, p. 43) que "a Idéia de metrópole hoje não pode ser entendida como um todo orgânico. A periferia, as invasões na constituição da metrópole vão além do espaço Geográfico".

Esse é o processo de formação de periferias das grandes cidades brasileiras, e está sendo também o de Goiânia e, conseqüentemente, o de bairros como o Jardim Guanabara. É o espaço urbano planejado convivendo com o invadido. Esse bairro convive de forma evidente com essas duas realidades; dentro do Jardim Guanabara I estão localizados os dois conjuntos de casas populares Guanabara II e III; e abaixo dos dois fica a invasão, às margens do Córrego Pedreira. É esta realidade descrita a seguir, um outro campo da pesquisa, além da escola.

1.2 Os Conjuntos Jardim Guanabara II e III

Os Conjuntos Jardim Guanabara II e III localizam-se também na região norte de Goiânia e estão ao lado da BR-153, abaixo do Guanabara I. Ficam a quatorze quilômetros do centro da cidade de Goiânia. Os conjuntos foram criados a partir de 1989 e resultaram de um projeto desenvolvido pela Associação dos Servidores Públicos do Estado Goiás (Aspeg). A compra das casas foi financiada em 25 anos pela Caixa Econômica Federal (CEF). A Aspeg comprou a área, e a Companhia Warre Engenharia executou o projeto em duas etapas. A primeira foi entregue em 1989 e a segunda em 1990. São casas geminadas. Em cada lote de 14 x 30m foram construídas duas casas de dois quartos, sala, cozinha e um banheiro. No total são duas mil e duzentas e cinquenta unidades. Cabe ressaltar que o material de construção dessas casas é de terceira classe. Os primeiros moradores contam que, no começo, cada funcionário escolhia em qual casa gostaria de morar. No entanto, enfrentaram muitas dificuldades: receberam as residências somente com fiação e cal nas paredes, embora, tivessem que pagar uma poupança de doze meses e mais

a taxa da chave. Tempo em que a inflação encontrava-se no patamar de 25% a 28% ao mês. Muitos dos futuros moradores não puderam pagar e perderam a casa.

Uma característica comum aos moradores é que se tratavam de funcionários públicos de vários níveis e categorias: da Companhia Energética de Goiás (Celg), da Saneamento de Goiás (Saneago), do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), dos correios, professores e policiais. Com o passar do tempo, esta realidade foi-se transformando como em qualquer outro bairro. As casas foram sendo modificadas e ampliadas para se tornarem uma habitação mais confortável. Hoje, encontram-se poucas unidades em seu estilo original. Muitas delas estão sendo vendidas a outros.

O motivo que, muitas vezes, levou as pessoas a venderem suas casas foram as altas prestações cobradas pela CEF e os baixos salários dos funcionários públicos, que sempre estão abaixo dos índices da inflação e incompatíveis com uma vida digna. O salário dessas classes de profissionais no país já passou até oito anos sem um aumento sequer. Há prestações de algumas dessas casas que chegam a R\$ 250,00 a R\$ 300,00 reais mensais. Embora muitos já tenham conseguido a quitação do financiamento desses imóveis através dos planos e medidas provisórias dos dois últimos governos federais, ainda há muitas famílias com saldo devedor altíssimo, com prestações elevadas, atrasadas e pagando-as na justiça.

Atualmente, o Jardim Guanabara III é um conjunto bastante peculiar. Sem ter perdido as características de uma cidadezinha do interior e de zona rural; faz jus à origem de fazenda que era; contudo, tornou-se também um pólo comercial e de prestação de serviços. Encontram-se ali supermercados, panificadoras, restaurantes, farmácias, papelarias, postos de saúde, lojas de importados, de vestiários, dezenas de salões de beleza e barbearias, lojas de eletrodomésticos

domésticos, de construção em geral, oficinas mecânicas, fábricas de móveis. Enfim é um setor que tem uma infra-estrutura urbana.

Um dos problemas do conjunto, levantado pela associação dos moradores, é a falta de políticas públicas para o lazer. Por isso, "o Guanabara torna-se violento. Os jovens entram no mundo das drogas, roubos, prostituição", relata a presidente da associação do Guanabara III. Das cinco áreas destinadas para tal e pelas quais os moradores pagam, duas foram doadas em 1996, aos acampados que ocupavam uma dessas praças, por um prefeito em final de mandato. Isso gerou duas ocupações dentro do conjunto; o que, revela também a carência de políticas públicas para a moradia.

Um outro problema é a ocupação das margens do Córrego Pedreira que passa ao lado dos conjuntos. É uma área onde não poder haver construções pois é protegida por leis ambientais. No entanto, ali se instalaram centenas de moradores. Isto está provocando a poluição do córrego, devido à quantidade de lixo e esgoto que corre a céu aberto e vai parar no seu leito. Segundo a presidente da associação de moradores do III, "muitos dos detritos que provocam essa poluição vêm não só da invasão mas de outras áreas de ocupações que estão dentro dos dois conjuntos e não têm a mesma estrutura básica". Com as grandes chuvas, desce muito lixo, para o córrego. Em 2003, isso causou uma forte enchente que matou duas pessoas e deixou muita gente desabrigada. Isto ocorre porque não há um trabalho de conscientização ecológica de todos os moradores para o dever de preservar e cobrar soluções do poder público responsável.

Em relação à participação da comunidade nos trabalhos sociais há desafios e dificuldades, pois os moradores já encontraram os conjuntos com uma certa infra-estrutura: com água, energia e asfalto. Isso os leva a uma

acomodação. Conforme disse o diretor de cultura da associação de moradores do Guanabara III, "alguns consideram-se pequenos burgueses, não participam e são exigentes. A diretoria da associação, para estes, é um mero corpo de funcionários que trabalham sem remuneração". Porém, essa afirmação é um pouco contraditória, visto que os moradores das áreas de ocupação, que estão dentro do conjunto e não têm esses benefícios, também não participam das atividades promovida pela associação. Esta visão individualista não se restringe somente aos aspectos habitacionais. Há uma cultura do individualismo na pós-modernidade.

O conflito entre o planejado e o invadido explicita uma relação discriminatória e preconceituosa entre ambos. Tal relação se dá entre os conjuntos Guanabara II e III e as áreas de ocupação do córrego. Os dois primeiros são conjuntos com certa infra-estrutura, com uma população também definida de funcionários públicos que, muitas vezes, têm um emprego e salários garantidos. Essas condições tornam os moradores indiferentes, individualistas, fechados em suas próprias casas: todas com grades ou portões bem altos.

A percepção dessa dificuldade de participação aparece também na entrevista de um dos padres católicos que atende esta região, quando perguntado sobre os desafios de trabalhar nessa realidade:

Os Conjuntos Jardim Guanabara com a estrutura de quadras, é fechado, o que dificulta o trabalho pastoral. É diferente de um bairro que nasce devagar. O conjunto já surgiu pronto. [O conjunto Guanabara III] considera-se mais rico que o II. Além do pessoal das áreas de ocupação que não participa, não se sentem integrados. Esta realidade é desafiante.

Segundo a diretoria da atual associação do Jardim Guanabara III, a participação maior é dos membros da Igreja Católica, comunidade Nossa Senhora

das Graças, onde a entidade encontra mais espaço para se reunir, divulgar seus projetos e realizar suas ações. Neste sentido, há uma participação mais consciente dessas pessoas, membros dessa igreja. Porém, não há participação do pessoal da invasão. Como o padre falou, eles não se integram ao conjunto, nem nas atividades da igreja e nem nas da associação.

Para a divulgação dos seus trabalhos, a associação do Jardim Guanabara III já conseguiu espaço também na Igreja Assembléia de Deus do Residencial Felicidade, setor ao lado do conjunto III. Esta associação tem realizado ainda várias atividades em parceria com duas escolas municipais do conjunto, principalmente com a Escola Marília Carneiro, sede dessa pesquisa. São exemplos dessa parceria a Campanha do Natal sem Fome, as festas juninas, culto ecumênicos, Jogos da primavera e outras. Isso demonstra a abertura da escola, e que é possível as entidades caminharem juntas na construção de uma melhor educação, com a participação de toda a comunidade.

Aliás, esta foi uma das finalidades da fundação da Escola Municipal Marília Carneiro, no Jardim Guanabara III. A proposta de uma escola voltada aos interesses da comunidade está explícita no convite de inauguração da Secretaria Municipal de Educação e do então vereador Mário Ghannam: "a nova escola é diferente das demais, pois foi construída a partir de um novo projeto de educação, que busca a integração da escola com a comunidade" (SME, 1994, p. 1).

Atualmente, a associação de moradores do Jardim Guanabara III tem procurado desenvolver várias atividades, uma delas é melhorar as opções de lazer com o projeto iniciação esportiva, do qual participam cerca de 180 crianças. Desde junho, são ministradas aulas de futebol nos campos gramados da quadra 72. Para os jovens e adultos, está sendo realizado o programa Caminhando com Saúde, em

convênio com a prefeitura de Goiânia, que oferece professores especializados. Durante toda semana, há aulas de ginástica, alongamento e relaxamento na praça. Conseguiu-se também melhorias no transporte; são oito novos ônibus que passam atualmente no setor; aumento do horário de atendimento do posto de saúde do conjunto que agora fica aberto das 7h às 23h; poda de árvores e da grama das avenidas e praças; limpeza e reposição de tampas e bocas de lobo; retirada de entulhos de lixo das vias públicas; reposição de lâmpadas. Isto significa mais qualidade de vida para essa população.

Os próximos objetivos a serem conquistados com relação à melhoria da qualidade de vida desses moradores são: funcionamento 24 horas, do posto de saúde; novas linhas de ônibus que atendam à comunidade local; construção do Centro de Convivência da comunidade local; construção da praça e da quadra de esportes da Escola Municipal Marília Carneiro; edificação da sede da associação dos moradores; recapeamento asfáltico; reestruturação da iluminação pública do bairro. Os conjuntos populares permitem um certo planejamento de ações que promovam melhorias, é uma das diferenças entre estes e as áreas de invasão como o Jardim Guanabara II.

1.3 As Invasões do Jardim Guanabara II

A história do Jardim Guanabara II é bem diferente e mais antiga que a dos conjuntos habitacionais Jardim Guanabara II e III. A CPU¹ é uma ocupação que foi oficializada em 1986, e sua população é resultado de dois remanejamentos: o primeiro trata-se do pessoal que veio do setor Criméia Leste, em 1975, e originou a

¹ CPU: é uma sigla que define e localiza o lote na invasão. Informação prestada pela Celg. Exemplo: Rua GB 25, CPU 38, Jardim Guanabara II.

segunda etapa do Guanabara I. Este não comportou todos que vieram, o que provocou um segundo remanejamento, a mudança foi feita para outra área, uma parte baixa que fica às margens do Córrego Pedreiras. Os moradores são divididos em duas classes "D" e "E", definida pelo então presidente da Associação do Guanabara II de "classe baixa e o pessoal de alto risco", ou seja, é onde reside parte da população que não teve condições financeiras de construir suas casas. Esta formou a ocupação chamada CPU que fica bem próximo, ao Córrego. Nesta ocupação mora o atual presidente da associação, com todos seus familiares: esposa, filhos, mãe, irmãos. É nesta faixa do córrego que mora a classe mais pobre dos Guanabaras. Hoje os barracões são de alvenaria, mas sem acabamento, sem espaço entre um e outro, muito menos quintal.

Segundo o presidente da associação comunitária do II, essa comunidade é composta de "80% de imigrantes baianos e paraibanos"; ele próprio e sua família são do estado da Bahia. Esse dado confirma o alto índice migratório para o estado Goiás e para a cidade de Goiânia. Isso também ficou evidenciado nas entrevistas dos alunos: dos vinte estudantes pesquisados, somente dois nasceram em Goiânia. Os demais: são sete do interior estado de Goiás, seis da Bahia, dois do Piauí; um do Ceará; um da Paraíba e um do Maranhão, ou seja, mais de 50% são nordestinos.

Os heróis sem nomes da construção de Goiânia encararam distâncias enormes a pé, em busca de melhores condições de vida. De alguns municípios como Correntina e Santa Maria da Vitória na Bahia e Corrente no Piauí vieram para cá centenas e mais centenas de pessoas. Também de outros estados como Minas Gerais, Ceará, Maranhão e do próprio interior de Goiás. Segundo o documentário de O Popular (15/04/ 1988) "sertanejos que nunca tinham visto uma cidade eram transformados em operários da construção civil, de carteira assinada."

Hoje, as famílias que continuam vindo permanecem encarando não só a dificuldade da distância geográfica, mas também a da desigualdade econômica, da falta de melhores condições de trabalho, de moradia digna, de voltar a estudar, mesmo que tardiamente. Atualmente, as mulheres, os homens e os jovens são mão de obra reserva da Aldeia do Vale, dos Conjuntos Jardim Guanabara II e III, das indústrias de móveis e marcenaria do setor.

Financeiramente, essa população tem a contribuição da renda cidadã, ajuda do governo estadual às famílias de baixa renda, para manterem os filhos na escola. O que tem contribuído para baixar o índice de evasão escolar do período diurno.

Entre os problemas enfrentados por essa população está o das chuvas que provocam alagamento das casas pelas inundações vindas do Córrego Pedreiras, consequências da falta de moradia adequada, de esgoto e de saneamento básico. A questão da saúde é outro problema sério, o posto ainda não funciona 24 horas e não tem médico o suficiente para atender a todos os bairros do Guanabara. "Tenho que sair o tempo todo para levar gente nos hospitais", disse o presidente da associação do Guanabara II. A questão do lazer é outro problema, não há área disponível para isto. Há somente um campo de futebol e a sede da associação: são os únicos espaços desse grupo. "Esse lado é uma grande carência da comunidade, no entanto, o lazer é algo principal", fala o então presidente da entidade do II.

Quanto à participação dos moradores na associação, ela é também muito fraca. Falta a confiança da comunidade. A entidade está desacreditada e tenta reconquistar o povo com várias ações sociais como a alfabetização de adultos. Há uma turma de 25 estudantes na sede da associação do II que atua em parceria com o programa de alfabetização do governo federal e procura diminuir a taxa de analfabetismo.

Esta situação é expressa pelo então presidente da associação do Guanabara II da seguinte forma: "não tem nenhuma participação do Conjunto Guanabara II. Eles não se misturam. Acham que têm o rei na barriga". A relação de conflito dá-se também pelo preconceito; os moradores dos conjuntos atribuem a violência e o uso de drogas ao pessoal da invasão. É uma comunidade gueto, triplamente discriminada: por residir na invasão, por ser em sua maioria negra e por ter um grande número de analfabetos, ou quando muito semi-alfabetizados. Os dados expressos nos Quadros 1 a 4 mostram essa realidade.

Quadro 1: Dados Gerais da População do Jardim Guanabara II e do Conjunto JB III

População por Sexo	
Jardim Guanabara II	Jardim Guanabara III:
Homens: 2.764	Homens: 2.715
Mulheres: 2.975	Mulheres: 3.072
TOTAL: 5.739	TOTAL: 5.787

Fonte: Dados Baseados no Diário da Manhã, 13/06/2004, Seção Meu Bairro

Quadro 2: Número de Eleitores do Jardim Guanabara II e do Conjunto JB III

Número de Eleitores	
Jardim Guanabara II	Jardim Guanabara III:
3.455	2.818

Fonte: Dados Baseados no Diário da Manhã, 13/06/2004, Seção Meu Bairro

Quadro 3: Pessoas Residentes Não Alfabetizadas de Cinco Anos de Idade ou Mais, por Grupo de Idade, Segundo o Jardim Guanabara II e o Conjunto Jardim Guanabara III

Jardim Guanabara II			
5 a 19	20 a 39	40 a mais de 60	Total
248	89	255	592
Conjunto Jardim Guanabara III			
5 a 19	20 a 39	40 a mais de 60	Total
183	36	89	308

Fonte: Dados Baseados no Diário da Manhã, 13/06/2004, Seção Meu Bairro

Quadro 4: Taxa de Alfabetização Jardim Guanabara II e o Conjunto Jardim Guanabara III

Jardim Guanabara II	Jardim Guanabara III:
88,6%	96,5%

Fonte: Dados Baseados no Diário da Manhã, 13/06/2004, Seção Meu Bairro

Segundo o Jornal *Diário da Manhã* de 13/06/2004, a estatística de analfabetismo no Guanabara II e III mostra 592 pessoas analfabetas no primeiro e 308 no segundo. São índices muito altos, sobretudo, quando distribuídos entre a população adulta 89 pessoas de 20 a 39 anos e 255 entre os 40 e 60 anos, conforme o quadro acima.

Pode-se observar também que o índice de analfabetismo do Jardim Guanabara II é bem maior que o do Conjunto Jardim Guanabara III. Principalmente, entre os extremos das idades: na faixa dos 05 aos 19 anos são 248, e na faixa de 40 a 60 anos são 255 pessoas não alfabetizadas. A diferença entre os dois setores é de 280 pessoas não alfabetizadas. Isto demonstra que existem ainda muitas crianças, adolescentes e jovens fora da escola e, no outro extremo, muitos adultos, pais e avós dessa geração mais nova, que não tiveram oportunidade de estudar na idade

certa. Todos juntos somam um total de 592 moradores não alfabetizados, no Jardim Guanabara II. Os dados mostram que há 11,4% dessa população a ser alfabetizada. São justamente os habitantes que residem na área loteada e na invasão a já citada antes.

Por outro lado, no Conjunto Guanabara III, o índice maior de não alfabetizados é de 183 na camada mais jovem, e 125 em idade adulta, o que perfaz um total de 308 analfabetos. No conjunto, constata-se que o número de analfabetos é menor, mesmo diante de uma população mais numerosa. Levando-se em consideração que suas condições de infra-estrutura básica são melhores, como já foi exposto anteriormente, conclui-se que onde há se tem um pouco de qualidade de vida, eleva-se o nível de escolarização da população.

A Secretaria Municipal de Goiânia possui uma rede de 158 escolas, desse universo, 102 trabalham com período noturno. No conjunto dessas 102 escolas, 81 têm a Eaja, Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos do ensino fundamental, ou seja, de 1ª a 8ª série.

Na região do Jardim Guanabara existem seis escolas municipais, quatro delas oferece o período noturno com ensino fundamental que alfabetiza adolescentes jovens e adultos. Há vagas suficientes para atender a demanda. Iniciam o ano letivo, geralmente, com salas cheias, mas o termina com quinze, vinte alunos, isto ocorre devido ao fenômeno da evasão, problema característico nessa fase de ensino. Creches municipais há duas; uma situada no Guanabara I e outra no Conjunto JB III. São poucas para atender toda a demanda da população; quase sempre não há vagas. Há também duas escolas estaduais; ambas contam com o ensino médio noturno, mas não oferecem o ensino fundamental. Há cinco escolas particulares,

uma delas oferece o ensino médio. Com esse quadro de escolas não deveria haver analfabetismo no setor.

Diante do quadro acima exposto, cabe perguntar: Por que há tantas pessoas que não encontram seu lugar na escola? Onde elas encontram espaço para sua socialização? Esta análise será feita no próximo capítulo; nele buscar-se-á apontar as possíveis causas de desencontro desses sujeitos com o mundo da escola.

No que se refere a presença das Igrejas no setor, ela é bem numerosa. Ali existem várias denominações religiosas como Luz para os Povos, Batista, Universal do Reino de Deus, Adventista do Sétimo Dia, Casa da Bênção, Comunidade Cristã, Deus é Amor. A intenção desta pesquisa, no entanto, é analisar somente as igrejas freqüentadas pelos alunos entrevistados. São elas: a Assembléia de Deus, que tem vinte templos no Jardim Guanabara e uma média de duzentos na grande Goiânia; a Católica, que tem nove comunidades no setor; a Congregação Cristã no Brasil, com três templos na região; uma aluna apenas participa da Igreja da Graça Deus, no centro da cidade.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSO DE EXCLUSÃO E CONQUISTAS

*O que o mar sim aprende do canavial:
A elocução horizontal de seu verso;
A geórgica de cordel, ininterrupta,
Narrada em voz e silêncio paralelos.
O que o mar não aprende do canavial:
A veemência passional da preamar;
A mão-de-pilão das ondas na areia,
Moída e miúda, pilada do que pilar.
(João Cabral de Melo Neto)*

Esse capítulo faz um recorte na história da educação brasileira e analisa certos momentos de exclusão e avanços por que passaram a educação de jovens e adultos, no Brasil, em Goiás e no município de Goiânia. Os referenciais de suporte para o aprofundamento dessa temática são os trabalhos de Patto (1993), Paiva (1987) e Bites (1992) que fazem uma fiel denúncia das exclusões e do fracasso sofrido pelo ensino noturno desde suas origens. Também os estudos de Machado (1997) e de Silva (2004) fazem parte desta reflexão ao contribuir, criticamente, com

suas análises sobre as conquistas da educação de adolescentes, jovens e adultos, no final do milênio passado e início desse novo milênio na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. A pesquisa de campo aplicada com os alunos oferece dados enriquecedores, sobre os quais esta análise se apóia. Primeiro, traça-se o perfil do aluno na história da escola noturna; em segundo, lugar aborda-se o fracasso escolar de adolescentes, jovens e adultos.

2.1 O Perfil do Aluno no Contexto da Escola Noturna

A história das primeiras salas de ensino noturno do Brasil começa na época do Império. As raízes do ensino primário para adolescentes e adultos analfabetos estiveram presentes, já naquele período, nas províncias e posteriormente nos estados. Porém, no decorrer de toda a história educacional brasileira, uma das marcas das políticas para essa modalidade de ensino é a descontinuidade. Implantadas por diferentes discursos, projetos e leis, cada uma procurou adequar-se às pressões internas e externas sofridas pelo Brasil com relação ao seu desenvolvimento industrial e à preparação da mão-de-obra, de acordo com cada realidade econômica que surgia. A educação de jovens e adultos está dentro dessa realidade. Os alunos da escola noturna são, em sua grande maioria, trabalhadores e pais de famílias, como demonstrou o gráfico nº 3, da página 25 .

Na verdade, só se pode falar em uma política de educação de jovens e adultos analfabetos, no Brasil, na década de 1940. Antes, houve iniciativas, como a que ocorreu na época imperial, 1850, quando foram criadas as primeiras escolas para trabalhadores que não puderam frequentá-las no tempo certo. Porém, tais experiências eram limitadas, descontínuas, com número bem reduzido de

educandos e com uma intenção muito clara. Tratava-se de uma “educação como instrumento de ascensão social e como condição de erradicação do analfabetismo e ampliação do colégio eleitoral” (PAIVA, 1987, p. 168).

O surgimento das escolas noturnas no Brasil, desde o início, não foi planejado e organizado de forma específica; elas eram implantadas como apêndices. Consistiam em cursos de adultos, montados com um pequeno acréscimo de despesas nos colégios já existentes, sob a responsabilidade de professores das mesmas escolas, os quais recebiam uma gratificação salarial.

As escolas noturnas, em Goiás, surgiram em 1872. Eram subvencionadas pelo governo e destinadas à instrução de jovens e adultos. Resultaram de iniciativas de professores ou associações como a Sociedade São Vicente de Paula, que criou a escola noturna para meninos pobres e escravos.

Com a transferência da capital de Goiás para Goiânia, em 24 de outubro de 1933, foram criados cursos noturnos, a partir da ampliação dos cursos comerciais, por iniciativa dos próprios comerciantes. O objetivo era a preparação de mão-de-obra. Em 1960, ocorreu a extensão das classes do Lyceu, que funcionavam durante o dia, para o turno noturno.

Os cursos noturnos em Goiânia, inicialmente, destinavam-se à educação de jovens e adultos: à alfabetização, isto é, “aos que a idade e a necessidade de trabalhar não permitem freqüentar cursos diurnos” (BITES, 1992, p. 23).

Atualizando a reflexão anterior sobre as condições em que aconteceram o ensino noturno até a década de 1990, pode-se dizer que ele continuava sendo operacionalizado sem se levar em conta sua especificidade, ou seja, o ensino noturno se realizava nos mesmos modelos e esquemas do ensino diurno, tanto em relação à organização escolar, quanto à grade curricular e à metodologia.

Percebe-se que os órgãos oficiais responsáveis, na época, ainda não compreendiam que o ensino noturno, face ao diurno, se configura como alternativa de escolaridade para aqueles que, sofrendo as injunções da contradição social mais ampla, por questões conjunturais, de vida e de trabalho, não puderam obter formação acadêmica em tempo previsto. Desde o início, os cursos noturnos destinaram-se à camada social marginalizada e que, conseqüentemente, recebe um ensino pobre, que não é um projeto efetivo de educação para alunos trabalhadores.

Neste sentido, torna-se pertinente examinar alguns problemas, entre eles o fenômeno da exclusão e da evasão e observar quais os motivos e causas que levavam os alunos daquele período a evadirem da escola.

Alguns referenciais teóricos configuram o fenômeno da evasão escolar no curso noturno. Pode-se vê-lo, por exemplo, nas raízes históricas das concepções sobre o fracasso escolar em Patto (1993).

As constatações desta autora fazem entender que, no Brasil, as escolas públicas de Ensino Fundamental falham em sua tarefa básica de alfabetização. Desde o início, as crianças são eliminadas da escola, por preconceitos, pelo processo seletivo que a sociedade lhes impõe ou por terem que trabalhar para ajudar no sustento da família. Tudo isso leva as crianças, ainda nas primeiras séries, a abandonarem a escola. A constatação da natureza do fracasso escolar impõe aos professores a necessidade de “um trabalho inconformado que não vê com naturalidade o processo de exclusão que as camadas populares sofrem na escola pública de 1º Grau”. (PATTO, 1993, p. X)

Esta afirmação da autora deixa claro e confirma, mais uma vez, que o educando do ensino noturno, quando chega a esta escola, já foi discriminado e rejeitado muito antes: por ser criança pobre, por trabalhar cedo e por não poder

estudar na idade certa. Portanto, a saída da escola é apenas mais uma exclusão em sua história. Nas palavras de Patto (1993, p.14),

... a escola ao receber alunos das classes populares, relega-os a instituições e carreiras escolares encerradas em um destino escolar previamente traçado. Em decorrência, a desigualdade social estaria transformada a partir das práticas pedagógicas, em desigualdade propriamente escolar, ou seja, a desigualdade de nível ou de realização escolar esconde e consagra uma desigualdade de oportunidades de acesso aos graus mais elevados de ensino.

Dessa forma, a escola torna-se um aparelho de distribuição das pessoas em categorias sociais já determinadas. Favorece os já favorecidos e exclui, repele e desvaloriza os desfavorecidos. Nessa engrenagem, a evasão e a repetência acontecem de forma peculiar no ensino noturno.

Paulo Carvalho (*Apud* BITES, 1992, p. 6) comprova, em sua pesquisa de mestrado, que grande parte dos alunos, paulatinamente, vai sendo excluído do sistema escolar:

Nota-se que a capacidade de retenção do sistema é muito pequena e que na escola de 8 anos implantada no Brasil, somente 50% dos que matriculam na 1ª série conseguem chegar na 2ª série; concluir a 8ª série é um privilégio de 20%, por isso as taxas de evasão são altas. (BITES, 1992 P. 6)

Esta taxa pode ser comparada também de um turno para outro, como fez Bites (1992, p. 20-7) "a evasão do noturno é de 35%, enquanto que a do diurno é de 10%". Apesar de o estudo de Bites já possuir 14 anos de história, esta realidade da evasão, no noturno, ainda é bem presente.

Na tentativa de compreender melhor o fenômeno da evasão e da exclusão e sua complexidade, descreve-se aqui alguns dos problemas enfrentados pelos alunos do ensino noturno. Apontam-se os seguintes problemas como possíveis causas da evasão desses alunos: as condições internas da escola como a evasão administração escolar controladora e rígida com o horário, a freqüência, a nota, o número determinado de alunos por sala, a formação do professor que nem sempre é adequada e especializada para este turno. Disto resulta uma grande dificuldade na relação professor/aluno. A coordenação e a administração não sabem lidar com estes alunos. O medo da reprovação, o desequilíbrio emocional, dentre outros problemas, levam os alunos a abandonarem a escola.

Por outro lado, há outros fatores, por exemplo, a decepção com as condições de vida e de trabalho, doenças, o desemprego, dificuldades financeiras para pagar o transporte entre a moradia, o trabalho e a escola; a falta de tempo para estudar. A ausência consecutiva e o cansaço levam ao desânimo e, conseqüentemente, à desistência. Os alunos falam sobre o motivo das faltas ou do abandono da escola:

Fico desanimado e cansado;
o motivo que falto é o cansaço;
só falto devido o cansaço;
falto à escola quando atraso no trabalho;
porque tenho que trabalhar, devido ao trabalho porque trabalho até às oito horas da noite;
às vezes falto por causa do trabalho;
Já deixei a escola pelo trabalho e devido eu pagar aluguel;
tive que deixar de estudar por causa do aluguel;
abandonei a escola com problemas em casa com os pais e irmãos; Já deixei de estudar porque engravidei muito nova e fiquei com vergonha de estudar, mas me arrependi muito.
(entrevistas com alunos, junho de 2005)

Esse resumo da fala dos os entrevistados mostra um retrato das causas imediatas que levam os estudantes a não permanecerem na escola. Dentre as principais, estão a luta pela sobrevivência, os problemas familiares e o cansaço decorrente do trabalho. Desta forma, pode-se dizer, como Baudelot e Establet que a divisão social do trabalho, que espera os indivíduos à saída do processo de escolarização, já estava determinada nos seus mecanismos, desde o início desse processo. Constatase que muitos alunos do noturno ingressam na escola e a abandonam por diversas vezes, e, por fim, saem definitivamente dela sem a escolarização almejada. O Gráfico 4 mostra por quantas escolas os estudantes que participam desta pesquisa já passaram:

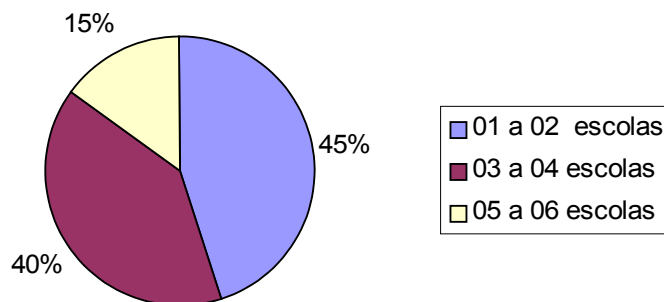


Gráfico 4: Número de Escolas em que Estudaram

Fonte: autora, com base na pesquisa de campo

Os dados indicam que o número de alunos que passam por até duas escolas é de 45%, enquanto os que passaram por três a seis escolas somam um total de 55%. Os destinatários da escola noturna, desde o início, são aqueles que, devido à idade e por necessidade de trabalhar, não puderam frequentar a escola diurna.

Conseqüentemente, a análise do ensino noturno deve passar pela relação escola/trabalho. Essa modalidade de escolarização, nessa faixa etária, ficou reservada, praticamente, àqueles que necessitam combinar estudo e trabalho. É o horário em que a classe popular tem acesso à escola, pois a luta pela sobrevivência ocupa-a, diariamente, no trabalho. Por outro lado, a rotina da escola prepara a força de trabalho para ser oferecida ao mercado. Esta relação mostra que a história da escola noturna é permeada pelas oportunidades desiguais, por preconceitos que sofrem os alunos do ensino noturno.

Os fatores que determinam a saída desses alunos da escola são bem mais amplos do que se pensa. São de ordem da estrutura sociopolítico-econômica; interagem tanto fora como no interior da escola e, por isso, favorecem a manutenção do quadro da evasão e da repetência. Esse quadro é resultante de toda uma conjuntura sociopolítico-educacional no âmbito do país, do estado, do município e de cada unidade escolar. A evasão e a repetência não ocorrem só pela ação do aluno, mas da escola, da comunidade, da sociedade e do Estado. Assim sendo, a melhoria do ensino público é fundamental, para que possa ocorrer a melhoria do ensino noturno como um todo.

A análise das raízes históricas das concepções sobre o fracasso escolar, segundo Patto (1993), mostra o triunfo da classe burguesa, de sua visão de mundo a natureza das idéias dessa classe que assumem um discurso que adquire a força de crenças sobre a pobreza e que justifica a não escolarização das classes marginalizadas. Estas idéias provêm das teorias racistas, culturais e psicologistas que serviram de base para discutir as causas da evasão escolar, no final da século XIX.

A causa da pobreza está enraizada numa sociedade de classe, na qual a burguesia, com seu poder, atinge e segrega cada vez mais o trabalhador impossibilitando-o de qualquer mudança. Por vezes, impede-o de ascender socialmente durante toda a sua história de vida. A visão de mundo da classe burguesa, no período iluminista, foi é fortemente intermediada pela crença de que o progresso do conhecimento humano se dá de forma individual, racional e econômica. Portanto, cabe a pergunta: direitos iguais para quem? Essa sociedade burguesa é completamente desigual para a grande maioria dos trabalhadores. A sua concepção de ensino é marcada por três visões dominantes da nova ordem social:

a crença no poder da razão e da ciência, legado do iluminismo; de outro, o projeto liberal de um mundo onde a igualdade de oportunidades viesse a substituir a desigualdade baseada na herança familiar; a luta pela consolidação dos estados nacionais (PATTO 1993, p.21-22).

Nesse contexto, a educação tem o papel de universalizar as diferenças de classe. Ou seja, de mascarar as desigualdades. Mais uma vez, a ideologia liberal, que vem substituir a igualdade advinda da herança familiar, está legitimando a pobreza como hereditária. Esta mentalidade tornou-se um legado cristalizado até nas brincadeiras e na linguagem, em expressões como 'quem manda nascer pobre', ou 'na outra geração quero nascer rico'. Apesar de o liberalismo clássico e a Declaração dos Direitos do Homem preconizarem a igualdade frente à lei e oportunidades iguais de sucesso profissional, só chega a elas quem puder.

Na concepção burguesa de sociedade, a divisão social em classes superiores e inferiores se dá pelo critério do talento individual e pelo poder da razão; essa concepção sustenta-se na explicação dada pela psicologia para o fracasso escolar, principalmente, no que se refere ao fracasso escolar dos jovens e adultos. Há

inúmeros preconceitos relativos a estes alunos: são considerados de classes inferior; têm talentos, não os aproveitam porque não querem. Esse discurso serve para sustentar a própria política capitalista liberal quando esta afirma que a oportunidade é dada para todos.

Os princípios ideológicos da escola do século XIX adquiriram diferentes significados para cada grupo e classe social, em função do lugar que ocupam nas relações sociais de produção. Analisando as fases da política educacional do ocidente, observa-se que, durante o nacionalismo, a escola teve a missão de unir a humanidade, construir nações nacionais de acordo com o progresso do poder da razão e das descobertas iluministas. Assim, o papel da escola era unificar a língua e os costumes e implantar o nacionalismo. Esse período entra em crise com a I Guerra Mundial. Ocorre também uma crise na própria pedagogia tradicional.

O segundo período da política educacional, no pós I Guerra, expressa um movimento de revisão dos princípios da educação nacionalista. A perspectiva é fazer da escola um serviço em prol da paz e da democracia, a inspiração para tal é a pedagogia da Escola Nova. Estudar o surgimento da Escola Nova é muito importante para que se compreendam as teorias racistas, culturais e psicologistas que lhe serviram de suportes. Isso possibilita, ainda, perceber com mais clareza o fenômeno da evasão escolar no ensino noturno. Como já se disse, esta questão tem uma história, uma herança de filiações e de idéias que norteiam e justificam o fracasso escolar da classe pobre no Brasil.

Enquanto a idéia da igualdade se constituiu em um dos eixos fundamentais da revolução francesa, o pensamento liberal não demonstrou a tese de que a desigualdade desapareceria. Ao contrário, reforçou-a ainda mais, quando transformou as desigualdades sociais em desigualdades raciais, pessoais e culturais

de forma determinista. Sabe-se também que o Positivismo francês e sua filosofia influenciaram os intelectuais brasileiros que basearam seus conhecimentos nas ciências naturais, concebendo-as como neutras e objetivas.

As idéias racistas emergiram, no início do século XIX, com o seguinte discurso: existem raças anatômica e fisiologicamente distintas, psicologicamente desiguais. Afirmavam também que há desigualdade de raças provenientes da relação entre clima, e temperamento e herança de caracteres adquiridos. Essa teoria foi fortemente pregada na França, devido à influência do determinismo anticlerical iluminista, porém, na Inglaterra, encontrou fortes obstáculos devido à doutrina Católica que defende a criação dos homens à imagem e semelhança de Deus. As idéias racistas foram formuladas, em várias partes do mundo, até por volta de 1930. No Brasil, essa teoria chegou em tempo de pleno colonialismo cultural, quando os intelectuais da elite brasileira buscavam suas referências diretamente na França.

Portanto, na consolidação da sociedade capitalista brasileira, o racismo, antes de ser uma ideologia para justificar a conquista de outros povos, foi usado para justificar as diferenças de classes, foi instrumento que serviu como arma de luta entre elas. Afirmações como esta indicam o grau das justificativas: "o principal indício da qualidade das raças é sua capacidade de dominação" (POLIAKOV, *Apud* PATTO, 1993, p. 21-3). Comte, autor que desenvolveu a filosofia positivista reconhecia apenas três raças: a branca cheia de inteligência, a amarela, portadora de atividades e a negra, movida pela afetividade.

A sociologia, a antropologia e a psicologia, ciências que nasceram nessa época, não reverteram a visão de mundo dominante, devido ao etnocentrismo europeu. É importante compreender como se engendram as representações de

mundo a partir do modo como os homens se relacionam a fim de produzir e reproduzir a vida, numa estrutura social como a das sociedades capitalistas. A história é contada sob o ponto de vista dos que dominam. Conseqüentemente, a neutralidade e a objetividade das ciências não existem.

A sociologia comtiana descreve uma sociedade funcionando harmonicamente e integrada em suas funções como um todo. Já Durkheim preocupou-se com os conflitos gerados na sociedade capitalista liberal e com a harmonização de uma sociedade justa que se daria com a distribuição das pessoas em classes sociais, com base na capacidade pessoal e de natureza constitucional. A psicologia científica do início do século XX não escapou da influência da teoria da evolução natural. Dessa forma, contribuiu na formação da crença no talento individual dos mais aptos para a formação da nova organização social e escondeu as desigualdades historicamente determinadas sob a gênese da biologia da diferença. Emergindo assim a teoria das diferenças culturais.

A psicologia experimental, em pesquisa de laboratório, criou vários testes de medidas, chamados de testes psicológicos, que deram origem aos testes de inteligência. O objetivo destes testes era comprovar que as aptidões humanas são herdadas.

As diferenças individuais, apontadas por essa psicologia científica dos aptos, normais e anormais, eram vistas sob a ótica da ideologia da igualdade de oportunidades supostamente existente nas sociedades de classes. Segundo essa visão, o mundo da classe média do século XIX estava aberto para todos. Portanto, os que não conseguiram aproveitar a oportunidade era por falta de inteligência, era inapto. Dentre os que recebiam essa herança racial diferenciada estavam os pobres, trabalhadores das cidades industriais e da zona rural.

Analisando essas idéias, observa-se que elas não deixaram de influenciar a geração de psicólogos e pedagogos da Escola Nova que desenvolveram seus trabalhos procurando promover os mais aptos, independentemente de sua etnia ou de origem social. Esse era o sonho de educação de uma sociedade igualitária. Contudo, na realidade, ela não aconteceu assim.

Junto ao aumento da demanda pela educação, nos países capitalistas da Europa e da América, e à expansão dos sistemas nacionais de ensino vieram, também, os problemas que os educadores deveriam enfrentar: explicar as diferenças do rendimento escolar dos alunos e justificar o acesso desigual à escola. Não poderiam, porém, tocar na ideologia liberal de que o mérito pessoal é o único critério de seleção educacional. Destas teorias vieram os discursos que mascaram o fracasso na escolarização de adultos.

A psicologia muito contribuiu para esta visão de mundo que propagava o seguinte discurso: as oportunidades se encontravam, igualmente, ao alcance de todos, mas na medida “em que os resultados nos testes de inteligência favoreciam, via de regra, os mais ricos, os mais capazes ocupavam os melhores lugares” (PATTO, 1993, p. 40). A psiquiatria também passou a fazer parte do instrumental usado para identificar as dificuldades de aprendizagem que passaram a ser vistas como anormalidade orgânica. Com isso, surgiram clínicas especializadas para diagnosticar essa anomalia. Essas tendências influenciaram fortemente a educação até a década de 1930. Após esse período, perde força o pensamento que atribuía peso determinante do baixo nível nos testes psicológicos à hereditariedade e à raça. Em contra partida, o baixo nível nos testes passou ser atribuído aos fatores culturais.

Essa nova tendência da teoria cultural veio da própria psicologia diferencial que se apropriou de conhecimentos da antropologia cultural para explicar os baixos

rendimentos dos grupos e classes mais pobres, na escola e na medida de capacidade psíquica. Nesse caso, o conceito de raça foi substituído pelo de cultura como elemento de explicação das desigualdades sociais. A ideologia que norteava essa mudança de perspectiva era a seguinte: os grupos atrasados, rudes, que não acompanham os valores dominantes, são considerados inferiores no que se refere à sua cultura.

Este pensamento deu origem à teoria da carência cultural que tanto influenciou nos anos sessenta e que justificou, também, o acesso desigual das classes sociais aos bens culturais. A teoria propunha uma explicação para o sucesso escolar e profissional desigual de forma preconceituosa e estereotipada. É um discurso que reafirma a deficiência cultural das pessoas pobres como a principal causa do fracasso escolar. Assim resume Patto (1993, p. 51):

O tema das diferenças individuais numa sociedade dividida em classes e, conseqüentemente, a pesquisa das causas do fracasso escolar das classes empobrecidas e os programas educacionais a elas especificamente destinados, movimenta-se num terreno minado de preconceitos e estereótipos sociais.

Ainda na busca dessas raízes no Brasil, observa-se que a I República nasceu sob o espírito do liberalismo, cujo pensamento dominante defendia as diferenças entre raças e grupos. No ideário político liberal, entravam a psicologia das diferenças individuais, e os princípios da Escola Nova chegam aos grandes centros urbanos brasileiros.

A Escola Nova, em seu auge, elaborou uma nova concepção de infância que muito influenciou na elaboração de justificativas para os problemas educacionais. Essa concepção era voltada para a decifração da mente humana. Segundo Patto

(1993, p. 63), “a partir dos anos trinta, a psicologia começa a se configurar no País com a prática do diagnóstico e tratamento, justificando o fracasso escolar”. Assim, a Escola Nova juntamente com a psicologia promoviam os mais capazes. Seus principais interlocutores foram Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froibart. Nesta época, o Estado não priorizou o ensino básico; preferiu investir no secundário e no superior, com isso, garantia aos mais ricos o diploma e criava uma casta de intelectuais.

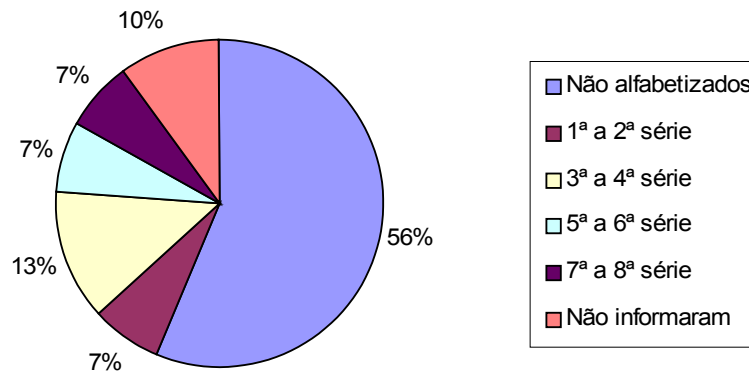
O perfil do aluno no contexto histórico da escola noturna é marcado pela exclusão, pela evasão e, conseqüentemente, pela repetência. Essas são as características do ensino noturno, resultado da falta de investimento, de políticas adequadas para atender as necessidades dos educandos trabalhadores. Isso contribuiu para as diferenças sociais e para o fracasso escolar dessa categoria de estudantes.

2.2 O Fracasso Escolar de Adolescentes, Jovens e Adultos

Nessa história de preconceitos, não se pode esquecer a relação entre o urbano e o rural. Na medida em que as cidades foram se estruturando, foram se sobrepondo ao rural. A cidade passou a ser sinônimo de civilização. Nesse contexto, o mestiço foi caracterizado como apático, desanimado, preguiçoso. O preconceito contra o negro e o mestiço voltou-se contra o caboclo e o caipira. Na ideologia do mundo citadino há uma valorização da vida urbana que se constitui culturalmente na construção de estereótipos negativos do homem rural.

Outra causa presente nessa realidade de preconceito e de fracasso escolar é a questão do racismo. Não apenas o alicerçado na cor, mas também em outros

aspectos da vida desses alunos. Esses jovens e adultos se apresentam diferentes por carregarem, em seu passado, uma história de analfabetismo herdada dos avós, dos pais; por carregarem também o estereótipo da pobreza, da inferioridade e da



desigualdade como herança cultural. O Gráfico 5 mostra o nível de escolaridade dos pais dos alunos entrevistados nesta pesquisa.

Gráfico 5: Grau de Instrução dos Pais
Fonte: a autora, com base na pesquisa de campo

A realidade da maioria dos alunos do noturno não difere dessa. O gráfico acima demonstra que mais da metade do universo de trinta pais, 56% não são alfabetizados, 13% estudaram a 3ª e a 4ª séries e somente dois concluíram o ensino fundamental, o equivalente a 7% do total. A grande maioria desses alunos vem da zona rural e das cidades do interior como já foi dito. São alunos que carregam a carência e o atraso na aprendizagem das disciplinas, que não são qualificados para o trabalho e que sofrem a humilhação de serem migrantes, desenraizado dos seus costumes, oriundos das diversas regiões do país. Essa herança, que atinge gerações, passa a justificar a classe dos inferiores na cor, no socioeconômico, no político e, conseqüentemente, no ensino aprendizagem.

Outra dimensão dessa história de pobreza dos jovens e adultos é a questão da mão-de-obra. Muitas vezes ela não passa pela escola. A qualificação mínima,

exigida pelo modelo capitalista do século XIX, por exemplo, era, sobretudo, desenvolver atitudes adequadas à nova forma de produzir criada pela Revolução Industrial. O operário aprendia conforme o ritmo da indústria. A profissionalização era feita no próprio trabalho. Por isso, a “fábrica foi nos anos de consolidação do capitalismo, a escola profissionalizante por excelência” (PATTO, 1993, p. 24).

Atualmente, o modelo capitalista está implantando uma nova fase: a chamada globalização², cuja economia é a de mercado, dentro do sistema político neoliberal. Essa configuração do capitalismo torna esses jovens e adultos estudantes cada vez mais excluídos do mercado de trabalho, visto que este exige mão-de-obra cada vez mais qualificada, capaz de operacionalizar máquinas e tecnologias mais sofisticadas como a informática e a eletrônica. Resumindo: o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e seletivo.

Nesse novo contexto, a escola noturna não oferece aos alunos essas condições de formação exigida pelo mercado. E este aluno é tão empobrecido que está longe de ter acesso a essa nova tecnologia. Em certo sentido, os alunos também já não esperam da escola mudanças em suas vidas, no que se refere à profissionalização. Quem quer se qualificar melhor busca fazer cursos particulares ou pertencer a uma empresa que invista em seus empregados. A grande maioria dos alunos da escola noturna é de subempregados, ou de trabalhadores informais, como pedreiros, diaristas, descarregadores de cargas no Ceasa, domésticas, babás.

Portanto, eles não vêem possibilidades de mudanças e são descartados deste

² Globalização, em duas palavras, é a absolutização do econômico em detrimento do social. Segundo Frigotto (1998, p. 41), “o conceito de globalização se caracteriza por ser um processo heterogêneo no desenvolvimento do capitalismo e da história das sociedades modernas. Essas grandes mudanças na composição internacional, como a internacionalização do capital, a economia aberta e a competitividade, a intensificação de grandes empresas globais e grandes blocos econômicos Nafta, Alca, Mercosul trazem conseqüências muitas vezes desastrosas aos trabalhadores e ao mercado de trabalho. Algumas de suas características marcantes são a obsolescência ocupacional, o desemprego que atinge mais a mão-de-obra desqualificada e leva à informalidade e à precarização. Essa globalização está baseada na terceira revolução industrial, marcada por uma nova base tecnológica e por novas modalidades de organização e gestão da produção”.

mercado excludente, que está, cada dia mais, gerando desemprego. Para que se tenha a dimensão da exclusão do mercado de trabalho entre esses alunos, apresenta-se aqui o seguinte dado: no grupo de vinte alunos entrevistados, somente um tem carteira de trabalho assinada.

No momento, as ações governamentais, embora seja um governo eleito como popular, têm priorizado o aspecto econômico em detrimento do social como a educação, a saúde, o emprego, a moradia, e o lazer entre outros aspectos de cidadania que ainda não foram conquistados pela população. Estes direitos estão sendo substituídos nos projetos e nos discursos do governo por outros valores como redução de custos, produtividade para exportação, tecnologia e infra-estrutura. Esse processo de exclusão faz com que o trabalhador tenha que travar uma verdadeira luta na concorrência pelo emprego, com milhões de outros trabalhadores que, a cada momento, são demitidos do mercado de trabalho. O desemprego é um dos problemas estruturais no capitalismo mundial.

Uma análise mais detalhada dessa realidade mostra que o acréscimo nas taxas de emprego não recoloca, no mercado, as vagas extintas durante a primeira metade da década deste novo século. O grande número de ambulantes nas ruas, o contingente de trabalhadores informais e a rotatividade da mão-de-obra em busca da sobrevivência, desmentem as estatísticas governamentais do Ministério do Trabalho.

É nessa realidade de desemprego, de subemprego, de falta de distribuição de renda e de qualificação que vivem os alunos da escola noturna. Eles são sacoleiros, fazedores de bico, funcionários de fundo de quintal. Isto comprova um dos motivos que leva o abandono da escola: a busca da sobrevivência cotidiana. A experiência em sala de aula tem mostrado que a frequência escolar cai em épocas de festas como a pecuária, romaria de Trindade, rodeio e outras. Os alunos passam a semana

trabalhando, garantido uns trocados para o sustento da família. O mesmo acontece com os alunos que são pedreiros e serventes, quando conseguem trabalho nas obras situadas em outros bairros, em cidades do entorno e até em outros estados. Por motivo de trabalho desaparecem uma, duas, três semanas e, muitos deles, não voltam mais. Uns por medo de não ser mais aceitos, outros porque decidem não voltar mais.

Diante desse quadro evidencia-se, na escola noturna atual, aspectos dessas teorias do fracasso. Apesar da escola ter passado por mudanças em alguns referenciais, por exemplo, em relação à aprendizagem, a métodos de avaliação e à compreensão de que as dificuldades das classes populares decorrem de suas condições de vida, a escola pública ainda é pensada e adequada para o atendimento de um determinado padrão de aluno e para funcionar durante o período diurno. Os professores tendem a agir como se estivessem diante de um aluno ideal, padronizado, ou seja, a escola parte de um modelo abstrato, logo, não sabe lidar com esses problemas. Ela discrimina os alunos de classe baixa por serem atrasados em relação à série que cursam; falta-lhe sensibilidade e conhecimento dos fatores que geram os padrões culturais dos alunos.

Além desses fatores, evidencia-se também na história da educação brasileira a permanência da descontinuidade nas propostas implantadas pelos governos federal, estadual e municipal. A educação de adolescentes, jovens e adultos não é diferente dessa realidade. As propostas são implantadas das variadas formas, atendendo aos diferentes interesses de seus propositores. É clara a relação entre a educação de jovens e adultos e os problemas políticos e econômicos: a estrutura social do país, ideologicamente determinada pelas classes mais favorecidas, marca sua concepção elitista. As políticas sociais implantadas pelo Brasil, após a crise do

capitalismo industrial em 1929, partiram mais de um ângulo exclusivista do trabalho, que de uma preocupação com o trabalhador em si.

No fim das décadas de 1940 e 1950 foram sendo gestados na sociedade brasileira a insatisfação e o questionamento com relação à ineficiência das campanhas, marchas e projetos para a erradicação do analfabetismo. Somadas às pressões internacionais para a elevação do índice de alfabetização e ao aumento de iniciativas populares, algumas ações procuram superar os índices provenientes deste descaso dos governos para com a educação de jovens e adultos. Houve uma grande motivação vinda dos diversos setores da sociedade civil, na década de 1960, ligados à igreja, aos partidos de oposição e aos movimentos estudantis secundaristas e universitários. Estes segmentos da sociedade retomaram as discussões em torno não apenas da educação de jovens e adultos, mas da defesa da escola pública em geral. Isto foi importante porque até aquele momento essa educação ocorria fora dos ambientes escolares, nas casas de famílias, nos locais de trabalho, nas instituições culturais e religiosas.

O período compreendido entre 1964 - 1984, época do Regime Militar, foram retiradas de cena as iniciativas populares que buscavam erradicar o analfabetismo como o Movimento de Educação de Base (MEB), que era um instrumento de conscientização e transformação da sociedade, e que atuava, principalmente, nas camadas populares; funcionava, muitas vezes, em espaços cedidos pela Igreja Católica. Ao mesmo tempo, houve iniciativas do governo com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que reforçou uma visão utilitarista da escola, implantando um conceito funcional de alfabetização, ou seja, aprender a ler para ser útil ao mercado capitalista de trabalho. O Mobral serviu muito mais ao governo como

forma de propaganda e gastou o desnecessário, para reduzir em 8% o índice do analfabetismo total do país, em 19 anos de existência do movimento.

A partir dos anos oitenta, com o discurso da redemocratização do país, em relação à educação de adolescentes, jovens e adultos, a política que se instaura é da garantia de acesso à escola àqueles que foram dela excluídos. Porém, este discurso ainda diverge da realidade e está muito distante do que tem ocorrido nos estados e municípios.

A educação de Adolescentes, jovens e adultos vem sofrendo ao longo de sua história o descaso das políticas públicas. Conseqüentemente, não há clareza por parte das secretarias de educação estaduais e municipais no que se refere à aplicação dos recursos destinados a esta clientela, à especificidade deste atendimento e à superação das propostas imediatas das campanhas de erradicação do analfabetismo. As diferentes experiências, que ainda ocorrem no país, já têm alertado para o aumento do número de alunos que deixam a rede pública diurna, em busca da opção pelo ensino noturno, uma vez que, milhares de adolescentes e jovens ingressam prematuramente no mercado de trabalho, sem ter concluído o ciclo básico de escolarização. Esta questão exige uma reflexão mais profunda dessas mudanças, além da urgência de uma revisão do próprio sistema educacional e social do país.

A realidade nacional e internacional de hoje tem exigido a necessidade de uma política permanente e bem definida de educação de jovens e adultos e que não se limite apenas à superação do analfabetismo. Além de pessoas que lêem e escrevem, o mundo está cada vez mais a exigir pessoas que pensem os processos de mudanças pelos quais passam, para que possam ser sujeitos críticos de sua aprendizagem e não apenas tecnicamente capacitados para responderem às

exigências deste mundo globalizado. É necessário uma educação que respeite os indivíduos e o seu direito de ser agente de sua própria história.

O fracasso escolar de adolescentes, jovens e adultos passa por preconceitos e estereótipos ligados ao mundo rural e ao urbano. Isto ocorre à migração, às desigualdades sociais e culturais, à desqualificação de uma política educacional marcada pela descontinuidade. Faz-se urgente uma transformação da educação para esse público.

Nesse sentido, o sujeito dessa pesquisa traz o estigma de fracassado, de excluído na sociedade e na escola. Mas é um grupo que não perdeu a esperança de tudo. Por isso, a mediação forte da religião nas dificuldades do cotidiano. Esses alunos carregam consigo o famoso ditado ‘Deus tarda, mas não falha’. Essa é a realidade de milhares de brasileiros.

2.3 A Voz do Aluno sobre a Escola Noturna

Na realidade, é o aluno quem pode dizer melhor, o que representa a escola para ele. Ele é o sujeito no qual reflete se toda a ação pedagógica. Sua fala dá aos professores a direção do ensino aprendizagem e também a ressonância das atividades desenvolvidas pela escola. Foi com essa intenção que a estes alunos foram indagados sobre a escola. E a primeira resposta já sugere idéias pedagógicas: “acho que escola precisa pôr os alunos para ler mais”; “a escola está muito boa, maravilhosa, porque a gente aprende e entende os nossos direitos”; “a escola é legal e participativa”; “a escola me ajuda a conhecer mais pessoas e fazer mais amigos”. Observa-se que aparece, nessas falas, o senso de cidadania, de

participação, de desejo de aprender mais. A escola é lugar de integração, um espaço coletivo e, por isso, socializador.

A escola noturna tem despertado positivamente o gosto pelo aprender, pela continuidade é o que demonstram estas falas:

É uma escola muito boa, se soubesse que era assim já teria começado a mais tempo; acho muito bom, quero aprender. Tive muita dificuldade em escrever, eu só sabia ler. Eu achava muito ruim. Às vezes tinha que pedir ao meu marido para fazer as coisas para mim. Não entrava as palavras na minha cabeça. Hoje já estou conseguindo. Eu quero estudar, não digo que vou me formar, mas quero ir até onde der, vou continuar.

Outro aspecto fortemente salientado nessas falas ainda é a relação escola-trabalho, ela é vista como chance de mudança de vida, de oportunidade de sonhar com o futuro, com uma profissão melhor. Os alunos esperam da escola “encontrar um emprego melhor, um futuro melhor”. É o que mostra a experiência desse educando: “eu passei a ser conferente no Ceasa depois que entrei na escola. Esse ano comecei a aprender a escrever o nome das pessoas, anotar as caixas que saem, que entram, que não voltam”; outro deseja “terminar a 4ª série e fazer o curso de enfermagem”; espero chegar até a faculdade e formar em direito”; “ter um bom trabalho”. Alguns são mais modestos e entregam o destino para Deus, como se fosse o único interlocutor: “se Deus me der vida eu quero chegar até a 8ª série. Deus é quem sabe”. Outros querem conquistar a independência “pela minha idade, 36 anos, se eu fizer até a 3ª, 4ª série, se eu tiver a chance de estudar mais tudo bem, se não, só de saber ler, escrever e não ter que ficar pedindo ajuda para as pessoas tá bom. Acho assim, a pessoa que não sabe ler e escrever é tipo um inválido” .

Um segundo aspecto positivo, de melhora, levantado pelos alunos, é o reconhecimento conferido à escola que oferece muitas coisas boas, sua função é

servir à vida cotidiana. Para eles a Escola Professora Marília Carneiro, na qual estudam, oferece “vida melhor, aprendizagem, oportunidade para a vida, professores qualificados, um futuro melhor, ajuda a gente a ser educado”. Alguns lamentam o tempo perdido dizendo que “a escola oferece coisas que eu não pensava, coisas boas que eu perdi, se antes eu tivesse aqui”.

Foi-lhes perguntado se a religião os ajuda a compreender as explicações dadas pela professora? Todas as repostas dos estudantes foram unânimes em dizer que sim. Para uns, ajuda “na tranqüilidade e na paz eu aprendo mais”; “pra gente que acredita em Deus o ensino flui”. Enquanto que para outros, o material da igreja como “o jornal da missa me ajuda a ler melhor”; “nós podemos tudo. A leitura da Bíblia ajuda a entender os textos da escola”. Alguns conseguem compreender as duas dimensões: “foi na escola que aprendi a participar melhor na igreja, abrir a bíblia e achar os livros certos, os capítulos, os versículos”. Ainda na mesma idéia, “a escola ajuda em meus estudos da Bíblia”.

Porém, no diálogo durante as entrevistas, os educandos deixam claro a diferença de uma instituição para outra. A escola oferece muita coisa boa como a “o saber e a educação” [Quem oferece mais a escola ou a igreja?] “As duas oferecem coisas boas, mas a escola oferece coisas diferentes”. [O que a escola oferece de diferente?] De forma muito efetiva, um dos alunos entrevistados responde: mulher, festa e passeio. Foi lembrado o lazer, socialização integrada desenvolvida pela escola e muitas vezes ausente na vida desses educandos. A fala seguinte: “a gente aprende a viver não só na igreja, para ter uma vida melhor”, mostra que os educandos delimitam o espaço entre a escola e a igreja. A diferença está oculta, porém, pressentida no terreno do profano e do sagrado, conforme explicar-se-á posteriormente.

Ao ouvir os educandos do ensino noturno nessa nova perspectiva das ações educativas percebe-se como esses estudantes vêm a escola e se sentem envolvidos nela. O que possibilita aos educadores e a própria SME, órgão gestor, avaliarem o processo educacional.

CAPÍTULO 3

A CENTRALIDADE DA RELIGIÃO NA VIDA DOS ALUNOS

[...] a função própria da religião consiste em impregnar de luz toda a vida, sem dominar de nenhuma forma.

(Simone Weil)

O objetivo desse capítulo é analisar e compreender e analisar a influência da religião na formação de valores e de vínculos sociais e individuais na vida dos alunos de 1ª a 4ª séries do ensino noturno do Eaja, a proposta central desse trabalho.

A pesquisa de campo, realizada para este fim, dá suporte para identificar quem é este aluno, quais suas práticas cotidianas e crenças religiosas. Como referencial tem-se os principais teóricos: Ribeiro (1980), que trata da formação do povo brasileiro e seu contexto de colonização; Weil (2001) enriquece essa abordagem estudada por Ribeiro, tratando a questão do desenraizamento causado pela migração e por processos de conquistas de territórios. Bittencourt Filho (2003)

contribui com sua obra *Matriz Religiosa Brasileira*, quando busca as origens religiosas dos alunos, no processo histórico, colonizador do país. Camargo (1973) e Gutierrez (1996), contribuem com a reflexão sobre a Reforma Protestante e o novo cenário religioso plural do Brasil. Trabalhou-se ainda com as obras de Gohn (2003), que faz uma análise dos movimentos sociais na atualidade; Com Camargo (1971b) e com Maduro (1981), que estabelecem um parâmetro da influência e diferenças entre o catolicismo rural e o mundo urbano e moderno; na sociedade dividida em classes. No perfil dos agentes religiosos, descreve-se as observações do ponto de vista dos discursos, das doutrinas das igrejas freqüentadas pelos estudantes e as suas possíveis influências, a analisa-se as ações dessas igrejas a partir de Bosi (1999).

3.1 A Formação do Povo Brasileiro e o Desenraizamento dos Alunos

É importante contextualizar a origem do povo brasileiro e observar em que processo civilizatório ele foi gestado para, posteriormente, analisar a influência das matrizes religiosas dentro deste processo. De modo especial, o interesse desta pesquisa é focar essa influência sobre os alunos jovens e adultos trabalhadores do ensino noturno, principalmente, no que se refere à participação religiosa do grupo citado.

O referencial para essa análise é a obra de Darcy Ribeiro (1980), *Os brasileiros*. Segundo esse autor, os processos civilizatórios-mercantis-salvacionistas implantaram colônias escravistas nas Américas.

O processo civilizatório sobre as etnias em expansão deu-se por um movimento de aceleração evolutiva que produziu duas vertentes: uma, por meio da qual o povo cresceu preservando sua autonomia, conduzindo seu próprio destino; a

outra é o caso dos povos "alcançados" por essas expansões; nesta última, este processo aconteceu de forma diferente. Ele foi um movimento de incorporação histórica, que colocou certos povos sob o domínio de um "centro reitor" (RIBEIRO, 1980, p. 43) que os fez passar para uma outra etapa evolutiva, contudo, a perda de sua autonomia, convertendo-os em proletariado externo de outros povos, ou seja, como provedores de força de trabalho, produtores destinados a promover a prosperidade alheia.

Dentro dos esquemas evolutivos, o Brasil do passado e do presente pode ser classificado tanto como uma formação escravista, como feudal ou capitalista. Enquanto a Península Ibérica do século XV classifica-se como feudal, capitalista e até escravista.

De acordo com esses fatores, Ribeiro (1980, p. 48) fala que "o Brasil surge como formação colonial-escravista subordinado a um império mercantil-salvacionista". Essa realidade é demonstrada pelo atraso dos povos-novos das Américas e de modo especial o do Brasil, no que se refere ao processo de institucionalização de fazendas e pela escravidão dentro de movimentos de colonização que se exerciam sobre as populações de modelo tribal. Os desempenhos advindos tanto da civilização agrário-mercantil como na urbano-industrial foram contraditórios. Ontem como hoje, criaram-se empresas prósperas, mas não acessíveis à população nem capazes de permitir o crescimento econômico-social, porque transferem ao exterior a parte maior do fruto do trabalho nacional. Esse processo, conseqüentemente, gera uma estratificação social encabeçada por uma classe que Ribeiro (1980, p. 73) chama de "dominante consular porque é dependente de interesses exógenos, retrógrada, oposta a qualquer transformação profunda na estrutura socioeconômica". Por isso, as classes oprimidas de ontem

viveram na penúria como escravas e hoje vivem marginalizadas da força de trabalho normal.

Nessas condições, os povos-novos, aos quais pertencem os brasileiros, nem chegam a constituir-se em povo como categoria política, como sujeitos capazes de influir no próprio destino, integrados à civilização industrial; sempre estão imersos numa condição de atraso social e de dependência neocolonial; de preconceito racial nos graus de integração e participação na sociedade e na cultura nacional. Ribeiro (1980, p. 75), explica esta situação:

aqueles que não estando incorporados ao sistema produtivo moderno, não chegam a ser assalariados regulares, pouco produzem para o mercado e quase nada consomem. Ademais, estão excluídos da nação porque não participam da vida política, como analfabetos, não são eleitores e, quando alfabetizados e eleitores estão de tal modo submetidos ao despotismo patronal que não alcançam ser cidadãos de uma pátria.

A partir das disparidades histórico-culturais pode-se compreender que o povo não é considerado nação. Esse é um direito de uma minoria diferenciada e oposta ao povo-massa. Essa diferença fundamental mostra os impedimentos à ascensão social das classes subalternas como as indígenas que de povos dominados passaram à condição de etnias avassaladas, e a africana que sofreu as formas mais opressivas de escravidão e passou à condição de trabalhadores livres. O atraso e o subdesenvolvimento dos povos-novos é explicável, por um lado, pela estratificação social de ordem sociopolítica e, por outro, pelo que evidencia os conteúdos ideológicos responsáveis pelo caráter cultural.

Nesta mesma linha, o pensamento de Weil (2001) vem ao encontro do de Ribeiro, quando ela se refere ao desenraizamento das nações conquistadas. Estas "desenraízam em grande medida, pois hora assimila, retira, recebe pedaços de

cultura" (WEIL, 2001, p. 93). Em conseqüência, é mais uma doença da qual a humanidade sofre, pois o desenraizamento geográfico provoca nas coletividades o deslocamento territorial; este pode se dar entre cidades, bairros ou conjunto de vilarejos, províncias ou regiões. Isso acarreta a perda de sentido dessas coletividades.

Na realidade brasileira, isto ocorre em suas diversas regiões. Em Goiás, no município de Goiânia, essa situação é bem concreta para os alunos do ensino noturno. Eles saem do campo para a cidade, migram de um bairro para outro, de uma região para outra.

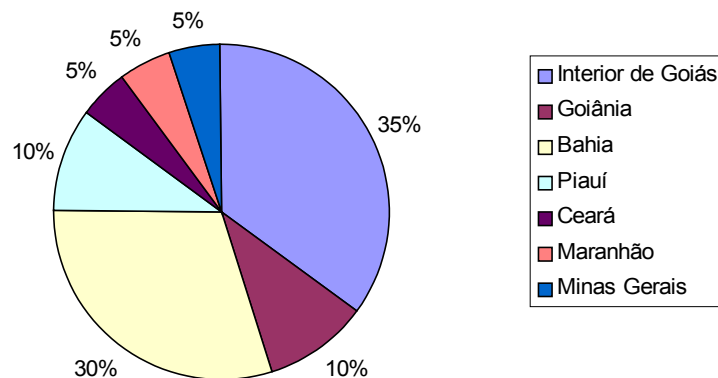


Gráfico 6: Procedência dos Alunos
Fonte: a autora, com base na pesquisa de campo.

Pela procedência dos alunos (Gráfico 6) vê-se o grau da migração no país. Ela ocorre entre as regiões, sobretudo, a do nordeste que soma 58%, mas também do interior do estado de Goiás para a capital 32%. É oportuno lembrar, lembrando ainda, que 65% dessa migração tem origem rural. Este dado mostra que o grupo de alunos, seus descendentes e antepassados, como foi citado anteriormente, não tiveram e não têm pátria; não têm um lugar definido e muito menos cidadania. Com relação a isto, Weil (2001, p. 93) alerta que

somente a nação desempenha o papel que constitui por excelência a missão da coletividade para com o ser humano, a saber, assegurar através do presente uma ligação entre o passado e o futuro.

A partir dos dados apresentados pode-se afirmar que o grupo de alunos pesquisados não tem nação porque são desenraizados. Isso tem dificultado que se organizem, participem em movimentos sociais, e que mantenham sua permanência na escola para que possam conseguir ascensão social com uma nova vida na cidade. Portanto, ter uma pátria, como lugar delimitado, é fundamental na vida dos seres humanos em suas instituições socializadoras. Weil (2001, p. 96) analisa que “não haverá um movimento operário saudável se ele não encontrar à sua disposição uma doutrina designando à noção de pátria, e um lugar determinado”.

Ribeiro (1980, p.77) relata ainda que

em nenhum momento no curso do processo de colonização, o contingente envolvido na produção constitui uma comunidade para si, com aspirações próprias. Constituem sim o combustível humano em forma de energia muscular destinado a ser consumido para gerar lucros mercantis exportáveis.

O atraso a que foi submetido o povo brasileiro dificultou a formulação e a participação em projetos próprios que viabilizassem novas formas de organização social. Sabe-se que houve, na história brasileira iniciativas de movimentos sociais, mas estes eram, muitas vezes, de intelectuais e não englobava as massas.

É no contexto das configurações histórico-culturais que cada um dos povos atingidos pelas diferentes ondas de expansão e conquista se viram reduzidos, no plano socioeconômico, a proletariado externo. Assim foi também no plano ético-

cultural; esses povos experimentaram profundas alterações resultadas da junção conflitiva entre seu patrimônio de tradições culturais, e o dos colonizadores. É importante reafirmar que entre as massas marginalizadas estão, principalmente, os povos indígenas, que são tidos como povos-testemunhas, e os de origem africana, que formaram os povos-novos.

Dentre as quatro configurações de povos citadas por Ribeiro (1980) estão os povos-transplantados, os povos-testemunhas, os povos-novos e os povos emergentes. O Brasil é incluído por ele entre os povos-novos, ao lado da Venezuela, da Colômbia, do Chile e do Paraguai. O Brasil distingue-se como tal, devido a sua origem de junção de matrizes étnicas diferenciadas: a indígena de modelo tribal, o colonizador ibérico e o escravo africano. Tudo isso de forma imposta por interesses de empreendimentos coloniais escravistas, seguida da desculturação dessas matrizes, em detrimento racial de seus continentes e de sua aculturação incorporadas em novas etnias. O que Ribeiro (1980, p. 70) traduz como "característica distintiva é a de uma espécie nova no plano ético, já não é indígena, nem africana e nem européia, mas inteiramente de todas elas".

Essa vertente é contrária a dos povos-transplantados que conservam o perfil europeu e a dos povos-testemunhas das Américas que conduzem dentro de si as duas tradições originais sem conseguir fundi-las. Os povos-novos, segundo o pensamento de Ribeiro (1980, p. 70), "concluíram sua auto-edificação étnica, no sentido de que não estão presos a qualquer tradição do passado". Essa questão pode ser percebida na resposta do aluno, cuja idade é 55 anos, quando lhe foi perguntado porque estava mudando de religião; o aluno respondeu:

porque a gente está procurando uma melhoria, a gente tem que procurar uma religião. Quer dizer religião não salva, mas a gente tem que procurar

uma solução. [Que solução o senhor está procurando?] Crer em Deus primeiramente. [Na igreja católica também não tem que crer?] Sim, como eu te falei eu não sei muito bem se sou um crente, mas quando o coração pedir para ir naquela igreja eu vou. As vezes, estou na Assembléia de Deus, no Residencial onde eu moro; quando é no domingo vou lá em cima no Guanabara I, na Universal.

A religião aparece nos depoimentos dos sujeitos pesquisados como elemento de suporte, no sentido de não deixá-los desmoronar enquanto seres humanos e assim mantém neles a confiança e a esperança no futuro.

Os povos-novos são povos em disponibilidade, uma vez que, separados de suas matrizes, são abertos ao novo, como gente que só tem o futuro e só conta com ele, ou seja, conta com a sua liberdade interior de ir e vir. Na procura da solução acontece esse trânsito religioso que aparece de modo pendente na participação religiosa. Tanto faz ir à Igreja Assembléia, à Católica ou à Universal. Na realidade, tem-se aí a edificação étnica de que fala Ribeiro. Contudo, ao migrar para a cidade e desenraizado de seus costumes, este aluno pode ter perdido a sua identidade religiosa. Aqui os problemas são outros, a busca por melhorias também.

Conforme Ribeiro (1980), os povos-novos são produto da expansão colonial européia que se juntou, por ato de vontade, às matrizes que os formaram, embora o objetivo fosse apenas criar empresas produtoras de artigos exportáveis para seus mercados e gerar lucros empresariais. Com essa intencionalidade, vilas foram instituídas através de títulos de novas terras e suas primeiras cidades fundadas por ordens expressas. Ainda hoje, cidades e continuam sendo criadas artificialmente, além de serem regidas em sua vida econômica, social, política, religiosa e espiritual pela vontade estatal nela representada.

Segundo Ribeiro (1980), o atraso e o subdesenvolvimento dos povos-novos são explicáveis pela estratificação social de ordem sociopolítica, na qual o que se

evidencia é o papel dos conteúdos ideológicos responsáveis pelo seu caráter cultural. Isso se dá pela manutenção intencional do empreendimento colonial, que permitiu montar uma enorme estrutura militar, governativa e eclesiástica para reger a vida social em cada detalhe. Tudo isso para, em primeiro lugar, defender a prosperidade da colônia em usufruto da metrópole e, em segundo, mas como fundamental coluna do sistema, para criar na sociedade metropolitana a lealdade ideológica católico-missionária. Por tudo o que foi dito, tratar da matriz religiosa engendrada no imaginário brasileiro é imprescindível.

A configuração cultural dos povos-novos deu-se conforme a contribuição de cada agente formador: os indígenas contribuíram na qualidade de matriz genética e de agente cultural na transmissão de sua experiência milenar de adaptação ecológica às terras recém-conquistadas; o negro também com a matriz genética, mas, principalmente, com a força de trabalho geradora dos bens e das riquezas produzidas; o branco foi o promotor da colonização e multiplicador das instituições socializadoras da vida social, foi agente da expansão cultural nas Américas, como réplicas de suas nações de origem. Entre essas instituições está a religiosa: a igreja.

3.2 A Matriz Religiosa Brasileira e suas Influências

Para que se compreenda melhor o fenômeno religioso que ocorre no Brasil, e do qual os alunos desta pesquisa fazem parte, parte-se do princípio de que nesse país continente não existe apenas uma matriz religiosa, mas várias, e elas se encontram engendradas no imaginário do povo, em consequência de sua configuração cultural e étnica. A intenção desta pesquisa é perceber a influência, os

laços dessas matrizes que cercam a participação religiosa dos alunos do ensino noturno.

Para abordar esse tema, faz-se necessário aproximar-se de um certo conceito de matriz religiosa a fim de delinear o caminho a seguir. Pode-se definir matriz religiosa como estilos de espiritualidade, condutas religiosas uniformes que evidenciam a presença influente de um substrato religioso-cultural (BITTENCOURT FILHO, 2003). Porém, não se entende matriz religiosa somente como sendo um conceito, mas como uma rede de integração de idéias e símbolos religiosos produzidos ao longo dos séculos. Segundo Bittencourt Filho (2003, p. 41), “Matriz Religiosa não se trata de uma categoria de definição, mas de um objeto de estudo”. Desta forma, acredita-se que para abordar as matrizes religiosas que se fazem presentes no Brasil, faz-se necessário um recuo na história.

A igreja chegou à América sob as bases do espírito das cruzadas que unia os interesses políticos aos religiosos através do poder dos reis ibéricos e do direito do padroado régio. Assim os reis católicos, por ordem do papa, tinham o direito de administrar as terras descobertas e também as relações de fé dos cristãos e infiéis, ou seja, a empresa colonial sempre foi acompanhada pela igreja. É nesse contexto histórico e particular da Europa e do papado que a igreja chega ao Brasil para evangelizar, fazendo parte integrante do Estado Português. Esse fato trouxe conseqüências conflituosas, que ainda não estão resolvidas, como a questão: a igreja e o catolicismo estão a serviço de quem?

Esse processo de integração de símbolos religiosos e de idéias, que se deu secularmente, gestou a mentalidade religiosa brasileira, bem como a de muitos outros países da América Latina. Gerou também uma representação coletiva que perpassa todas as classes sociais, sem distinção. Sabe-se que tal processo se dá

pelo contato entre as diferentes culturas. No caso do Brasil, os estudiosos falam de seis matrizes que aqui se desenvolveram ao longo desse processo. É a partir, portanto, dessa realidade de colonização que se dá a origem de todas essas matrizes.

O descobrimento da América e nela o do Brasil, segundo Galeano (1987), se deram pela tradição militar de guerras de cruzadas, no estilo medieval, e pela presença da Igreja Católica que dava caráter sagrado às conquistas do além mar. A expansão do reino de Castela ampliava o reino de Deus sobre a terra, mas não deixava esquecida a doutrina religiosa que era “servir a Deus e a sua Majestade na conquista do ouro e da prata” (GALEANO, 1987, 25 -24).

Nesta linha, cabe perguntar: Quais elementos somaram-se na formação dessa primeira matriz? Segundo a história nacional, foi com a vinda dos colonizadores portugueses e espanhóis que chegaram o catolicismo ibérico e a magia européia. Chegaram famílias de fidalgos falidas e pobres famílias de colonos excluídas socialmente. Essas famílias trouxeram a religião tradicional popular de cunho medieval. Aqui no Brasil e nos demais países da América Latina, essa religiosidade européia encontrou-se com as religiões dos povos indígenas; iniciava já ali o processo de entrelaçamento. Mais tarde, o encontro se deu com as religiões africanas, chegadas à colônia devido à escravidão. Tais encontros deram origem ao processo de sincretismo religioso; e este se tornou a segunda matriz religiosa.

Ainda configurando esses elementos é preciso lembrar que grande parte da população da Europa, no século XVI, era analfabeta. Por esse motivo, a religião das massas era permeada por uma visão mítica do mundo e por elementos folclóricos, originados da magia medieval. Isto ocorria porque a maioria da população européia,

dessa época, vivia no campo. Isso sinaliza que as religiões, tanto primitivas como as atuais, são dotadas de poderes sobrenaturais.

Nesta perspectiva não é difícil perceber que a rede dos costumes foi sendo tecida pelos colonizadores e colonizados, mantendo-se a proximidade com o mundo mítico. Por exemplo, a presença, nas religiões, da magia popular e da cura. Para tudo se exigiam técnica e rituais, jejum e oração; essas técnicas vieram dos europeus portugueses, enquanto a cura era um elemento oriundo da magia, cuja função mágica era desempenhada pelos curandeiros e curandeiras e esses, aqui no Brasil, eram índios e negros.

O processo de colonização mostra esse imaginário que veio para o Mundo Novo através dos colonizadores. A América Latina e mais especificamente o Brasil foram vistos como um paraíso, repleto de belezas naturais, contudo, era visto também como lugar de sofrimento, expiação e dificuldades.

Durante os três primeiros séculos de ocupação, o Brasil colônia foi mentalizado tanto no imaginário europeu quanto no brasileiro como uma terra de natureza paradisíaca, porém, habitada por entes demoníacos, era uma espécie de purgatório. Foi justamente neste período que as tradições se fundiram: europeus, ameríndios e africanos. Portanto, a prática religiosa colonial ocorria entrelaçada de elementos católico-europeus, africanos e indígenas.

Dessa forma, a 'matriz religiosa brasileira' pode ser considerada o resultado inerente do encontro de culturas e mundividências, ou seja, essa matriz é composta de duas grandes concepções religiosas: "uma que sacralizava o ambiente natural e as forças espirituais a ele subjacentes; outra que ressaltava símbolos religiosos abstratos e transcendentais", diz Bittencourt Filho, (2003, p. 49). Em função do exposto, reafirma-se que não se pode trabalhar com uma única matriz religiosa e

desconsiderar as demais, sobretudo, para se compreender as novas vertentes religiosas que têm surgido no momento.

Na visão do autor acima, os índios e os negros não encontraram dificuldades de adaptação à nova forma de religiosidade, quando foram incorporados ao catolicismo ibérico de raiz medieval. Isso porque tanto para os indígenas como para os africanos, as forças da natureza eram provenientes de espíritos superiores que eram personagens míticas. Assim, essas duas etnias concebiam uma ligação direta entre o ser humano (mundo natural) e suas crenças (mundo espiritual). Exemplo do que foi dito pode ser encontrado na sociedade colonial em cujas festas religiosas ou em cultos apareciam elementos dos ancestrais ligados às forças da natureza. Tais cultos funcionavam como forma de coesão social entre os grupos.

Em relação à ideologia da cristandade tem-se clara a afirmação do padre Gregório Garcia, proferida no século XVII. Ele “sustentava que os índios eram de ascendência judaica e como os judeus, são preguiçosos, não crêem nos milagres de Jesus Cristo e não são gratos aos espanhóis por todo o bem que lhes fizeram” (GALEANO, 1987, p. 53). A não submissão dos povos indígenas à catequese, engendrou não só uma matriz religiosa como também uma imposição de rótulos a esse grupo e a essa cultura. Tais rótulos vêm até os dias atuais. Conforme Bidegain (1993, p. 65),

a união da conquista e missão, a mentalidade com que será feita a colonização e a evangelização dos territórios estará assinalada pelo interesse de se produzir um aumento de adeptos da religião católica, uma pregação do evangelho no sentido de doutrina em função da salvação das almas; a redução dos índios, sujeitando-os à conversão e ao poder real.

A primeira matriz é tecida pelos elementos padroado régio, inquisição e pela ideologia de cristandade. A segunda dá-se no encontro da religião católica européia e a cultura indígena. A cultura africana, na história brasileira, é considerada a terceira matriz; é formada pelo catolicismo tradicional (europeu), pela religiosidade dos índios e pelos africanos imigrantes forçadas. Essas matrizes são formadas pelos contatos inter-étnicos e culturais entre os povos indígenas, brancos e negros concretizando-se no sincretismo do catolicismo e religiões afros.

Toda essa relação intercultural tem um significado familiar e coletivo, é a busca privilegiada na qual os afro-brasileiros se esforçam por reencontrar a identidade perdida da África e superar a opressão econômica e social que começou com a escravidão e prossegue até hoje.

Uma comparação entre as práticas religiosas afro-brasileira mostra a força da africanidade. A organização de suas confrarias e a estrutura das cerimônias atestam que se encontra diante dessa civilização do símbolo que é a especificidade das religiões africanas, em oposição às civilizações do signo, próprios do mundo ocidental moderno. O sonho do africano escravo era voltar à terra onde o sentido das coisas e dos acontecimentos não foram abalados; ao seu próprio universo simbólico, à África perdida. Nesse sonho, novamente presente, os antepassados reaparecem e recompõem a história.

Essa conclusão confirma que o grande sincretismo, gerado ao longo da história do Brasil e em todo o Mundo Novo, resultou, em primeiro lugar, das relações do sistema colonial, e em segundo, do encontro das culturas. Dos confrontos dos sistemas simbólicos e religiosos entre pessoas e grupos foi que surgiram novas perspectivas e identidades. Segundo Bittencourt Filho (2003, p. 53),

tal peculiaridade, ao lado da formação de uma nova cristandade composta de índios, negros e mulatos, conferiu ao catolicismo brasileiro características diferentes, além de margens a exercícios autônomo de grande criatividade.

3.3 A Reforma Protestante e o Pluralismo Religioso

A quarta matriz é formada pelos elementos: catolicismo, religiosidade indígena e negra mais a Reforma Protestante no Brasil e também pela influência kardecista. É importante tratar da Reforma porque esta traz componentes novos ao cenário religioso vivido no Brasil, um dos países considerado mais católico da América do Sul. No entanto, é necessária uma visão do protestantismo inglês, para que se compreenda o norte-americano e, posteriormente, o brasileiro.

A Reforma foi um movimento que teve bases religiosas, políticas, econômicas e sociais, ou seja, a ela saiu do campo das etnias. O que a Reforma tem em comum com o catolicismo é o cristianismo. Até 1500, o mundo ocidental era católico, com subgrupos que desejavam reformas, como os albingenses, os valdeses e outros.

Lutero (1483-1546) teve um papel importante nesse movimento, ele pregava a base da reforma com sua suma teológica 'só a fé salva'. Era contra a cobrança de dízimos e a posse de terras pela igreja, na Inglaterra e na Alemanha e contra a questão do poder temporal, fatores que facilitaram a propagação da Reforma.

Calvino, idealizador da reforma na França e Suíça agregou outra sentença à doutrina de Lutero: a "salvação era dada pela graça, pela predestinação" (MENDONÇA, 1984, p. 30), influenciando o comportamento ético da Reforma.

Entre 1509 -1547, por questões políticas, Henrique III criou o anglicanismo, na Inglaterra, separando-se da Igreja Romana. A força da Igreja Anglicana, apoiada

pelo Estado como a oficial e o crescente poderio econômico e político fizeram da Inglaterra o berço do protestantismo no mundo.

A Igreja Católica Apostólica Romana reagiu com a Contra-Reforma criando a companhia dos Jesuítas. O panorama da Europa era de uma guerra santa, por isso os países europeus investiram nas conquistas. Após a guerra, a Inglaterra, a Holanda e a França colonizaram o Caribe.

A América Latina estava sendo ocupada por países católicos que não queriam a guerra. Índios e negros tinham que ser batizados e os judeus, convertidos. Foi nesse contexto que a Reforma chegou às Américas. No Brasil, ela chegou com as imigrações a partir de 1800.

Em 1830, os principais grupos religiosos vindos da Europa para os Estados Unidos através das migrações, foram os metodistas, os luteranos, os calvinistas, os anglicanos, os batistas e os presbiterianos.

Além da Reforma, fazem parte dessa matriz as religiões mediúnicas que datam da mesma época. Camargo (1973) usa o termo religiões mediúnicas; isto porque ele leva em consideração todas as formas religiosas que acreditam na possibilidade de o homem entrar em contato com os seus mortos. Não se esquecer de que não é só o espiritismo, que tem essa crença, as religiões ameríndias e afros também usam desses atributos seja na pajelança ou na umbanda.

O início da história do Kardecismo e de seus fenômenos ocorreu em 1848, numa pequena cidade do estado de Nova Iorque, Hydesville, USA, com as duas irmãs Fox. Elas movimentaram copos e outros objetos numa mesa. Logo após, o fenômeno difundiu-se pela Inglaterra e França. Em 1857, o então Dr Hypolite, conhecido por Alan Kardec, publicou em Paris o Livro dos Espíritos. No Brasil, os

primeiros grupos surgiram na Bahia, entre 1865 – 1874 e no Rio de Janeiro, em 1873. A Federação Espírita Brasileira data de 1884.

Nas outras regiões do país surgiram outras expressões religiosas: ao Norte e no Maranhão o catimbó, tambor de minas e o codó; em Pernambuco o xangô; na Bahia o candomblé; no Rio e São Paulo a umbanda e a macumba; no Rio Grande do Sul, o batuque.

A doutrina espírita diz que Deus é a inteligência suprema, eterno, único, imaterial, justo e bom; deve ser infinito em suas perfeições. Jesus Cristo é um espírito evoluído através de suas várias reencarnações.

O ritual dos espíritas são sessões de transe. Os espíritos que são guias ajudam e são do amor. Há outros que podem perturbar e desorientar os fiéis, são os espíritos menos evoluídos. A maior virtude, para os espíritas, é a caridade.

A partir desses elementos surge o pentecostalismo no panorama brasileiro. O pentecostalismo que se constituiu no Brasil foi formado pelo Catolicismo, pelos ameríndios, pelos negros e pela Reforma Protestante.

Para compreender o movimento pentecostal do século XX, na América Latina e no Brasil, é preciso ter claro o seu caráter mundial, sua dinâmica própria, porém com as marcas teológicas da Inglaterra e dos Estados Unidos, principalmente do metodismo; é necessário também, fazer uma contextualização periódica do movimento. De 1909 a 1929, deu-se o início e inserção do pentecostalismo crioulo e do pentecostalismo missionário; de 1930 a 1960, ocorreu a estabilização e consolidação comum e um crescimento relativo de ambos; de 1960 a 1992, houve crescimento e diversificação dos movimentos heréticos e o pentecostalismo de cura divina e de prosperidade. Tudo isso, hoje, resulta em um tabuleiro diversificado de igrejas em todas as grandes cidades brasileiras.

O pentecostalismo crioulo teve sua origem nas igrejas históricas, e suas raízes vieram da cultura popular católica. É independente de missão estrangeira, e tem pastoral autóctone, enquanto o pentecostalismo missionário, oriundo dos Estados Unidos e da Europa, é organizado de forma burocrática, dependente dos padrões estrangeiros.

Os movimentos pentecostais heréticos nasceram das igrejas crioulas. Estes têm fortes padrões messiânicos, são organizados em cooperativas comunitárias e conduzidos por um líder carismático.

Já o pentecostalismo de cura divina e prosperidade surgiu de dissidências ou alternativas às igrejas crioulas. Possui fortes modelos messiânicos, de estrutura empresarial e é dependente do herói carismático e empresarial. Por exemplo, a igreja Universal do Reino de Deus.

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, o contexto do pentecostalismo teve uma relação estreita com o regime militar. Foi neste período que esse tipo de religiosidade mais se expandiu; era uma das formas que os cidadãos, naquela época, tinham para se expressarem. Mas poucos estudiosos da época deram importância ao movimento pentecostal.

No entanto, tal movimento é um desafio para as igrejas protestantes históricas. Em relação aos números desses pentecostais, na América Latina, há certo consenso de que sejam em torno de 70% a 80% dos evangélicos. Esse tipo de pentecostalismo é o da chamada quarta corrente evangélica, originou a partir da segunda metade do século XIX e começo do século XX.

Segundo Gutiérrez (1996, p. 11-13), a primeira corrente é chamada de protestantismo de imigração. Essa corrente foi motivada por alguns líderes políticos, representantes da economia de livre mercado.

O modelo das igrejas de imigração europeia caracterizam-se como uma igreja étnica, religiosa, definida, de imigrantes. Nisto, elas enfatizam a ordem cultural da vida, fazem uma interpretação aberta da Bíblia, exigem um pastoreio de alto padrão, além de se organizarem em democracia representativa, assegurando a identidade do imigrante. Seguem a estrutura organizacional dos povos-transplantados.

A segunda corrente foi formada por missionários, principalmente, dos Estados Unidos. Esse modelo recebeu o apoio dos governantes latino-americanos para desenvolver o campo educacional nos diversos países, desse continente baseia-se no trabalho e na disciplina. Comparada à igreja de imigração, cuja função era preservar a identidade étnica e cultural dos seus países, a igreja de missão tinha o propósito de fundar igrejas como resultado do trabalho missionário.

A terceira corrente chamada de missões de fé, foi constituída pelos cristãos que discordavam das igrejas históricas e formaram as sociedades internacionais como a Missão Internacional Centro-Americana, Aliança Cristã, União Evangélica da América do Sul e outras. O maior êxito dessa corrente ocorreu após a II Guerra Mundial.

A quarta e última corrente é a que está em evidência na atualidade, ou seja, houve o crescimento e uma maior influência dos pentecostais evangélicos. Distinguem-se aqui as principais denominações: Assembléia de Deus, oriunda do o pentecostalismo missionário e o pentecostalismo crioulo, frutos de pastores e leigos nativos; a Metodista do Chile, a Igreja para Cristo no Brasil e a atual Congregação Cristã no Brasil.

Na perspectiva sociológica, o movimento pentecostal vem das mudanças estruturais da sociedade contemporânea latino-americana. É uma manifestação típica da modernidade. Na visão de Gutiérrez (1996, p. 14), o pentecostalismo

responde às necessidades de sobrevivência e de ascensão social. Assim o progresso e a modernização de uma sociedade implicam em novas divisões e organização do trabalho e também uma maior complexidade das instituições sociais.

Através das entrevistas, os alunos revelam os motivos pelos quais buscam a igreja: "pela vontade de resolver problemas, em busca da bênção"; "busco ajuda por causa do desemprego, do vício da bebida do meu marido e do meu filho"; "Para alcançar a salvação eu aceitei Jesus. Então senti a necessidade de servir a Deus". As respostas dadas por eles demonstram os problemas enfrentados na cidade e com a vida moderna.

No contexto da crise socioeconômica e política que ocorre nos países do continente americano e que massifica e despersonaliza a população que migra do campo para a cidade, como é o caso dos alunos do ensino noturno, que são parte dessa população, é importante realçar uma outra característica do pentecostalismo. Trata-se do fato de que, inerente a essa mudança tão radical, a nova igreja ajuda a reconstituir valores do mundo rural que ficaram para trás e, ao mesmo tempo, ajuda os adolescentes jovens e adultos a 'resistirem aos desafios do mundo moderno', mesmo de forma mascarada e ideológica como ocorre na teologia da prosperidade.

Do ponto de vista psicológico, segundo alguns estudiosos, as comunidades pentecostais são personalizadas, acolhedoras e participativas. Há menos hierarquia entre pastores e leigos, os crentes sentem-se mais sujeitos. É o caso das igrejas Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus visitadas durante essa pesquisa. Percebe-se esse estilo de tratamento com seus fiéis. É oferecida a palavra, são convidados para ir até à frente para dar o testemunho de vida e receber a bênção.

Em relação à pastoral, Sepúlveda (*apud* GUTIÉRREZ, 1996, p. 15) afirma que “o pentecostalismo não é uma doutrina, mas uma nova experiência de Deus sem mediação”. Sua teologia de mediação é o Espírito Santo e esta, por sinal, é pessoal, direta. Culturalmente, o universo simbólico criado pelo pentecostalismo designa uma mediação entre a pessoa e o sagrado. O cooperador da Igreja Cristã no Brasil, quando perguntado sobre como enfrentava os problemas no trabalho religioso, disse que “tudo é pelo Espírito Santo”.

Pode-se dizer que foram todas as matrizes anteriores mais o modelo de desenvolvimento do pentecostalismo, que originou o neopentecostalismo. Este, portanto, é composto pelo catolicismo, ameríndios, negros e pelo pentecostalismo. É também o que os pesquisadores do fenômeno religioso chamam de terceira onda.

A terceira onda surge em um contexto de crescimento e de crise, nos anos de 1980. A igreja mais famosa dessa década é a Igreja Universal do Reino de Deus, além das igrejas pentecostais Deus é Amor, Igreja Internacional da Graça, Ministério da Comunidade Cristã e Sara Nossa Terra.

Esse tipo de religião se adapta às mudanças do período pós militar, ao aprofundamento da industrialização, ao crescimento das cidades pela migração do campo, ao crescimento da moderna estrutura dos meios de comunicação, à crise da Igreja Católica e ao crescimento da umbanda.

As práticas que se observam no dia-a-dia do neopentecostalismo são as sessões de cura, oferta e exorcismos. Estas são suas categorias fundamentais, mas para compreendê-las é necessário entender a categoria posse. O ser humano pode ser possuído, tomado; a posse existe não só nas igrejas africanas e católica, ela está presente em todos os povos. É uma dimensão psicológica, e portanto, é fato social.

A posse, como categoria, tem como primeira premissa que a vida humana, autêntica conforme a vontade de Deus, é aquela em que os homens possuem e desfrutam dos bens desse mundo. É a doutrina da prosperidade.

A segunda premissa parte do princípio de que, se o homem estiver em harmonia com o plano de Deus, estará abençoado. Porém, aqueles que não possuem um plano frustram a criação e estão amarrados pelo demônio. Neste sentido, o elemento perturbador da ordem é diabólico.

Atualmente, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma das maiores representantes desse tipo de prática: põe ordem, exorciza e expulsa os demônios como função terapêutica aos fiéis. Dar saúde às pessoas é a primeira salvação.

Quem é o neopentecostal da IURD? É o pobre, o sofrido, o que quer prosperidade. São os que sofrem das forças do mal, demoníacas, das doenças físicas, morais, sociais, do desemprego. O diabo é o causador de todo esse caos, por isso, é preciso combatê-lo, para que as pessoas se libertem de todo mal. Como o povo está carente de todos os elementos essenciais para uma vida digna, e a sociedade não lhe oferece, tais elementos, as pessoas acabam buscando novas práticas religiosas que lhes prometem mais, via uma crença cheia de possibilidades.

É importante observar que, nos rituais de expulsão, são utilizados elementos de origem católica, como a água, a bênção, as campanhas e as correntes de orações, mas também elementos de religiões afro, como o transe, a posse e outros. O que confirma que são elementos vindo das matrizes anteriores e originários da terceira matriz. Talvez por isso, alguns alunos participam da Igreja Católica e da Universal ao mesmo tempo e não sentem nenhuma diferença entre uma e outra, como é o caso do entrevistado, quando foi lhe perguntado: [Você acha que mudou de religião?]

não, a minha religião é a mesma, a Católica. Eu creio em todas, na Universal e na Católica também. Eu não tenho calco de mudar não. Eu nasci católica eu vou ser católica até o dia que Deus me chamar. [Você não se sente dividida?] Não, eu me sinto bem em todas. Para mim tanto faz ir na Católica ou na Universal. [Você não acha nada diferente?] Não, acho diferente é só que na Igreja Católica as orações são diferentes, o pai nosso é diferente; os cantos eu acho lindos os cantos de todas as igrejas, mas da Igreja Católica eu acho mais bonitos.

Outro ponto importante a ser considerado é que essas igrejas não incentivam a participação de seus fiéis nos movimentos sociais. A não participação é uma característica dessa população.

3.4 Participação: na religião sim, nos movimentos sociais não

Esta pesquisa demonstrou que os alunos do ensino noturno praticamente não participam dos movimentos sociais, de forma real e presente como “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas”, conforme Gohn (2003, p. 13), define participação. Nessas demandas, na ação concreta, organizam-se estratégias bem variadas desde uma simples denúncia a pressões diretas que são as mobilizações, marchas, greves, negociações, até as pressões indiretas, se for necessário.

Hoje, os principais movimentos sociais se articulam utilizando os novos meios de comunicação e informação, atuando por meio de redes locais, regionais, nacional e internacional.

A existência dos movimentos sociais representa as forças organizadas da sociedade, que, segundo Gohn (2003), aglutinam pessoas não como força tarefa, de

ordem numérica, mas como campo de atividade e de experimentação social, em pequenos grupos. As atividades, quando desenvolvida, são fontes geradoras de aprendizagem, criatividade e inovações culturais. Estas experiências se recriam cotidianamente, nas diversas realidades que enfrentam.

Os movimentos sociais são importantes porque constituem representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Eles dão identidade aos grupos dispersos. Ao realizarem ações, reacende em seus participantes o sentimento de pertença e emancipação social. Os que antes eram excluídos, sentem-se incluídos na ação do grupo. Essa mesma dinâmica dos movimentos sociais vale também para os movimentos das igrejas que incluem os seus membros.

Nesse novo milênio, os movimentos sociais que mais têm-se destacado no cenário da mídia são, sobretudo, as lutas de defesa das culturas locais contra os efeitos devastadores da globalização. Eles estão empenhados na construção de um novo padrão civilizatório que esteja orientado para o ser humano e que busque sentido e função das coisas públicas, dos espaços e instituições. Reivindicam ética na política e, ao mesmo tempo, fiscalizam a atuação do poder legislativo nas políticas públicas; reivindicado, ainda, aspecto da subjetividade como crenças, valores, sexualidade. Tais movimentos têm buscado também a autonomia de pensamento na construção de projetos, programas, agendas, flexibilidade de acordo com os interesses dos grupos envolvidos e incorporação daqueles que ainda não participam, ou seja, priorizam a autonomia na prática da cidadania.

Com base nos valores éticos universais, a participação cidadã democrática tem como objetivo fortalecer a sociedade civil a fim de construir uma nova realidade social: sem exclusões de qualquer natureza. Essa concepção de cidadania tem um

projeto emancipatório: a construção de uma sociedade democrática, sem injustiças sociais.

Contudo, para haver uma participação cidadã, os sujeitos de uma comunidade precisam estar mobilizados de forma que os ideais fragmentados, como os destes alunos migrantes, moradores da invasão, possam ser rearticulados, respeitados nas suas diferentes culturas, nos seus valores, hábitos e comportamentos de grupos e individuais.

Os movimentos sociais no Brasil, no final dos anos 1970 a 1980, foram fortes, persistentes contra a ditadura militar, principalmente, os grupos de base cristã inspirados na Teologia da Libertação.

Ao final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o quadro sociopolítico brasileiro mudou. Houve mudança também nas manifestações de ruas, e um certo recuo de determinados movimentos. No entanto, aumentou a mobilização dos movimentos populares na cidade, o que contribuiu bastante na conquista de vários direitos inscritos na constituição de 1988.

A partir dos anos 1990, surgiram outras formas de organizações mais institucionalizadas como os fóruns nacionais pela moradia, pela reforma agrária e urbana; comitês como o da ética na política; central dos movimentos populares; grupo de mulheres e outros. Todos esses movimentos organizam-se através de parceria com a sociedade civil, com práticas e intercâmbios nacionais; estabelecem objetivos e metas em comum para solucionar os problemas.

Ainda nessa década, cabe destacar três outros movimentos sociais importantes: dos indígenas, dos funcionários públicos, principalmente das áreas de educação e saúde, dos ecologistas. Os povos indígenas cresceram em suas organizações pelas demarcações de suas terras e pelas vendas de seus produtos

com preços competitivos no mercado. Os funcionários públicos organizaram-se em sindicatos e associações contra a retirada progressiva dos direitos sociais, provocada pelos ajustes fiscais do governo. Os ecologistas, após a Eco/92, fundaram inúmeras organizações não-governamentais (ONG's). Estas atuam no terceiro setor, executando políticas de parcerias entre o poder público e a sociedade nas áreas mais carentes de serviços sociais.

No início do novo milênio surgiram os questionamentos que ora são citados: O que houve com os Movimentos Populares? Desapareceram? Mudaram de perfil? De acordo com Gohn (2003, p. 23), a resposta é “não. Eles sempre foram heterogêneos em termos de temática e demandas. O que unifica o universo de suas demandas são as carências socioeconômicas”. Conforme já se referiu, através de redes com outros sujeitos, traçam-se estratégias no campo sindical, no campo político-partidário, no campo religioso, com as ONG's. Assim os movimentos se ampliaram e se fortaleceram.

Os discursos e as práticas dos movimentos sociais mudaram em decorrência dessas transformações e em função da mudança da conjuntura. Não se trata de ignorar o Estado, mas de participar das políticas e parcerias. Portanto, esses movimentos ajudaram a construir outros canais de participação como os fóruns, os conselhos municipais, estaduais e nacional.

Com a mudança da conjuntura social, mudou-se também o eixo das ações dos movimentos; isto deu novos sentidos e significados às suas práticas. Segundo Gohn (2003, p. 24), “resulta desse processo uma identidade diferente, construída a partir da relação com o outro, e não centrada exclusivamente dos atores populares”. Essa novidade vai ao encontro das novas formas de relacionamento com o associativismo, com as instituições compartilhadas com as ONG's e a participação

nas políticas públicas. A nova prática, portanto, gestou um novo projeto político dos movimentos populares, com outras articulações bem mais amplas. Isto significa que, outros temas entraram para a agenda dos movimentos urbanos, uma cidadania planetária, os direitos humanos se fortaleceram.

Deve-se concordar com Gonh que dentre os movimentos populares urbanos, a luta pela moradia foi um dos mais centrais e talvez a mais organizada e presentes em todas as grandes cidades brasileiras. Acrescenta-se também que foi nesse movimento que a pesquisa mostrou alguma participação dos alunos, devido a carência de moradia, principalmente, entre as classes mais pobres.

No exercício dessas novas práticas houve um maior conhecimento sobre a gestão das políticas governamentais e com isso, uma nova concepção de esfera pública. Esses foram os primeiros instrumentos de aprendizagem para enfrentar as atuais políticas neoliberais, geradoras de miséria, desemprego e exclusão social.

Nesse contexto, os profissionais da educação de jovens, adolescentes e adultos souberam se posicionar e lutar pelo atendimento de suas demandas. Desde a década de 90, através do aprendizado e conquistas, as escolas públicas em especial a noturna, foram abrindo seus muros à participação comunitária, na busca de solução para os problemas de segurança, da violência, das drogas e também na realização de eventos culturais, incentivando a permanência dos alunos na escola. A experiência da Escola Professora Marília Carneiro e da associação de bairro do Guanabara III é resultado dessa parceria.

Feita esta explicação, é preciso formular uma pergunta: Participam de uma de uma religião por quê? O povo em geral não tem a cultura de participação e não a tem, principalmente, a classe marginalizada, Por quê? Conforme descreveu Ribeiro, (1980) há uma classe que detém o poder superior, que decide e traça o destino da

maioria. Simone Weil quando fala da conquista colonial, afirma que ela causa desenraizamento e morte, na medida em que suprime de forma brutal as tradições. Frente às questões postas, vê-se que os alunos do ensino noturno fazem parte dos excluídos e desenraizados; de diversas formas não participam dos movimentos sociais como mostra o Gráfico 7. Dos vinte alunos entrevistados, somente três participam de alguns desses movimentos; desses, um é participante apenas provisório do movimento moradia. Outros também já participaram, porém, quando alcançam a meta, deixaram o movimento, como muitos disseram "eu já participei, mas consegui meu lote no Vale dos Sonhos". Este participa ainda de abaixo assinados, de momentos de solidariedade, como os mutirões de corte de cabelo; outro participa dos momentos de lazer da associação dos moradores do Jardim Guanabara III; somente o terceiro é sindicalizado. O gráfico abaixo mostra o que foi dito. Os motivos da não participação são apresentados logo a seguir.

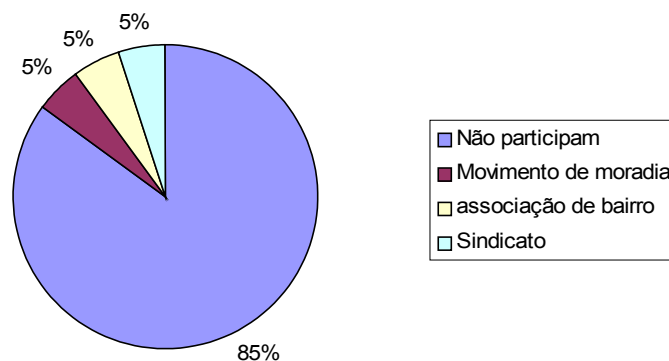


Gráfico 7: Participação em Movimentos Sociais
Fonte: a autora, com base na pesquisa de campo

Sou desligado desses movimentos;
Tanto faz participar, não é interesse. Hoje na vida que estamos não compensa participar nem da política;
Por falta de tempo;
Devido ao trabalho;
Não gosto, não me interessa;
Não foi convidado;
Não conhece.

A não participação vem da própria exclusão sofrida pelos sujeitos. A exclusão pela desinformação, pelo emprego temporário quando o tem, pela falta da moradia. Por isso esse aluno não tem raiz, não tem lugar fixo, como fala Weil (2001). Além disso, os movimentos sociais do Brasil não atingem as camadas populares que estão às margens. Os sindicatos estão ao nível dos operários de grandes empresas, fazem negociações com as multinacionais, que mantêm no país suas filiais. Por isso, não atinge alunos trabalhadores, migrantes, desqualificados que nem sindicalizados são, pois quando muito são subempregados, como demonstrou o quadro das suas profissões anteriormente. O Gráfico 7 mostra ainda que os alunos estão desmobilizados.

Após 505 anos de história do Brasil, o que restou para os pobres desenraizados, os alunos do ensino noturno, foi a religião, mesmo que de forma imposta, ela está presente em todo lugar seja no campo, no centro da cidade ou nas periferias, ela tem um lugar, garantido. Maduro (1981, p. 70), explicita esse lugar da religião na sociedade dividida em classes

nenhuma religião opera no vácuo. Toda religião, qualquer que seja ela, é uma realidade situada num contexto humano específico: isto é, um espaço geográfico, um momento histórico e um ambiente social concreto e determinado.

Além do espaço, ou seja, da realidade contextualizada, as várias religiões têm um conteúdo, uma linguagem comum. A religião é uma instituição permanente na sociedade. Ela está presente e faz parte do cotidiano da vida dos alunos entrevistados antes e depois de migrarem para Goiânia como mostram os gráficos 8 e 9:

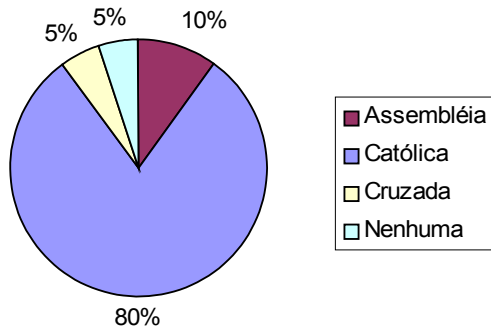


Gráfico 8: Religião de Origem
Fonte: a autora, com base
pesquisa de campo

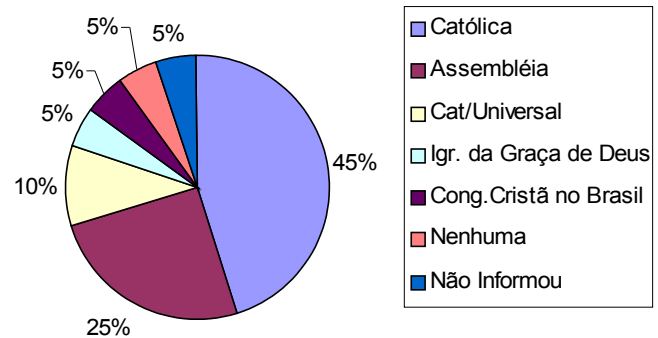


Gráfico 9: Religião Atual
Fonte: a autora, com base
pesquisa de campo

Observa-se, através dos dados apresentados nos gráficos acima, que 95% dos alunos têm uma religião, tanto antes como depois da mudança para a capital. Porém, mudam alguns índices em relação aos percentuais e denominação das igrejas, quando trocam o interior ou a zona rural de origem pelo mundo urbano. A Igreja Católica, antes declarada por 80% dos alunos, cai para o índice de 45% na capital. A Igreja Assembléia de Deus está presente nos dois cenários, mas com uma porcentagem maior no atual, sobe de 10% para 25%. Houve também um crescimento significativo de outras igrejas na atualidade em comparação com o quadro de origem. Antes da mudança foram citadas apenas três igrejas, agora os alunos declararam fazer parte de cinco.

Para esta análise, é importante considerar também o tempo de migração desses alunos. Em uma escala de um a dez anos, quatro alunos mudaram para Goiânia; de onze a vinte anos aproximadamente nove alunos passaram a residir na cidade; na faixa de vinte um a trinta anos, cinco estudantes migraram ; somente dois moram há mais de quatro décadas nesta capital. Essa migração demonstra que, nos

últimos 30, anos o êxodo rural foi muito intenso dentro do conjunto de alunos. Pode-se vê também que a cidade mostra um novo cenário religioso com o aparecimento de novas igrejas. Isto levou os alunos a praticarem um trânsito religioso.

As motivações que levam os alunos a aderirem a estas igrejas são bem diversificadas, como se pode ver pelas declarações deles próprios. Uma delas é a família "é preciso a gente fortalecer em Deus"; "a gente sente melhor"; "desde pequena vou a igreja com minha família"; "vou mais pela família, não sou muito de igreja. Minha mãe que é devota". Outra motivação é a fé e a espiritualidade "pela necessidade de servir a Deus"; "Jesus é o fundamento de tudo, a pessoa que tem fé, sabe o que é ruim e o que é bom, tira dos vícios como as drogas"; "porque gosto e confio no Senhor". Os momentos de dor e de solidão são motivos fortes: "Quando eu perdi minha mãe, eu apeguei muito com Deus. Se não fosse Ele eu não estaria aqui"; "ajuda a livrar do vício do meu marido". Também apareceu o motivo de ir a igreja pela alegria, "vou pela vontade própria, pelo encontro".

Diante dessas motivações, cabem algumas perguntas fundamentais. A religião é um elemento que contribui para o fortalecimento dos vínculos sociais das pessoas, no caso específico desta pesquisa, dos alunos do ensino noturno? Pelas respostas acima, vê-se que ir à igreja, para eles, é uma alternativa segura, e a religião contribui sim, com normas e valores que os guiam ao enfrentar o cotidiano na cidade. De que forma aparecem as representações sociais presentes na religião desses alunos? Aparecem como fortalecimento dos laços familiares, da fé, do sofrimento, da solidão, da alegria, do encontro com os amigos, em fim, fortalecem o sentido da vida. O que confirma a hipótese de que a religião é um fator que contribui para o fortalecimento dos vínculos sociais das pessoas, porque ao propiciar aos fiéis a participação nas atividades de sua instituição religiosa, a igreja gera e transmite os

valores da participação, do reconhecimento e da valorização do ser humano. Pois já se sabe que a religião foi a alternativa que restou para esse grupo de alunos diante de tantas exclusões e fracassos.

As obras de Maduro (1981), *Religião e luta de classe*, e de Camargo (1971), *Igreja e desenvolvimento*, nas quais analisam o catolicismo rural e urbano, possibilitam uma melhor visibilidade da questão das normas e funções da religião em relação às origens da participação religiosa dos alunos de hoje.

Na época da colonização, a religião católica foi um sólido pilar da ordem estabelecida e servia à ideologia da a classe dominante. Conforme o modelo de igreja assumido, a religião tem dupla função: de um lado, conservar o sistema religioso; do outro, ser revolucionária, libertadora. Por isso o campo religioso é um lugar de conflitos sociais. A religião tem uma autonomia relativa dentro desse campo e nele atuam as forças que ora fortalecem o poder da classe dominante ora estimulam a resistência das classes populares rumo a construção de uma nova sociedade.

A definição sociológica de religião para Maduro (1981, p. 40) é a seguinte:

estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas forças tidas pelos crentes como anteriores e superiores a seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência e diante das quais se consideram obrigados a um certo comportamento em sociedade com seus semelhantes.

Essa é uma definição de religião que a torna como parte de uma dinâmica social que, por sua vez influi sobre ela e dela recebe efeitos. É uma definição elaborada na perspectiva dos fenômenos sociais, da influência que as instituições religiosas ou as igrejas exercem sobre os processos sociais e dos condicionamentos

que a dinâmica da sociedade impõe ao desenvolvimento das religiões. Têm-se como exemplo as sociedades capitalistas dos países emergentes como o Brasil e tantos outros da América Latina e da África, onde houve o surgimento de diversas igrejas, sobretudo, as neopentecostais, nas últimas décadas.

A partir do olhar sobre a sociedade capitalista-colonial-mercantilista perpassado pelas matrizes religiosas que essa mesma sociedade reflete, observa-se como o fenômeno da religião exerce influência sobre os alunos do ensino noturno e compreender ainda o que ficou de influência dessa religião e se essa influência atua como um elemento de dominação ou de libertação social. A pesquisa de campo demonstrou que a influência sobre os alunos migrantes ocorre pela religião da dominação, da submissão, da não participação social, como bem demonstrou o Gráfico 7. Em relação à participação nas instituições religiosas a maioria dos sujeitos entrevistados não assume nenhum cargo de destaque em suas igrejas.

As respostas a essa questão da participação na igreja foram as seguintes: dos vinte alunos entrevistados, dezessete participam em suas Igrejas somente como membros comuns, os outros três: uma é superintendente da escola dominical, outra paga o dízimo e a terceira ajuda na limpeza da igreja. Alguns não ocupam cargos na igreja, por questões doutrinárias como mostra o depoimento "não tenho cargo porque eu era desviada e não sou casada. Sou viúva e moro com um homem solteiro, como ainda não me casei, então eu não participo da ceia. Participo da oração e das visitas só". Para outros a participação está no sonho "participo como membro, mas ainda não perdi a esperança de que vou cantar para nosso Senhor Jesus" disse uma das alunas. Apesar das igrejas e da escola serem os raros lugares a que estes sujeitos têm acesso, a participação deles ainda é mínima e insignificante na igreja. Fica evidente que as pessoas nem sempre freqüentam ou praticam a religião visando a

construir comunidade. As entrevistas afirmam que, na igreja, encontram outras pessoas, encontram conforto. A questão da participação é portanto, um indicador de desafios e as instituições precisam garanti-las em suas práticas a curto e a longo prazo.

A religião como cultura, algo concreto para cada ser humano, é compartilhada a um só tempo através de uma vida coletiva, econômica, afetiva, familiar, lingüística e política, ou seja, a religião está ligada e relacionada aos demais aspectos da vida social, a todas as outras dimensões da vida comunitária. Para os alunos do ensino noturno essa realidade é notória, pois eles não têm outras formas de lazer, a não ser ir à igreja. Isso ficou evidenciado no caso daqueles alunos que moram no jardim Guanabara II. Na invasão não há espaço nem para as residências. Durante a pesquisa foi declarada, várias vezes, pelo presidente da associação, a falta do lazer nesse bairro.

Como já se disse, a religião não opera no vazio, em cada caso concreto já encontra uma sociedade estruturada de um modo determinado. Assim as estruturas sobre as quais se organiza uma sociedade constituem um foco de inclusões e exclusões, de possibilidades e de dificuldades, de fechamentos e de aberturas e também de resistências. A forma de organização social da produção condiciona e determina quais as ações religiosas são permitidas, toleradas, estimuladas e determina também os níveis de participação dentro das instituições da sociedade.

Sabe-se que, em uma sociedade dividida em classes, enquanto uma minoria vai aumentando sua capacidade de decisão sobre o trabalho e a vida dos demais como um todo, a maioria dos membros se vai constituindo em conjunto de classes dominadas; conduta que reduz, paulatinamente, a participação das classes subalternas nas decisões concernentes a seus direitos e interesses.

A análise sociológica das religiões, pode servir para reconstruir o conjunto articulado de limitações e orientações que uma determinada sociedade exerce sobre as ações religiosas realizadas em seu seio e as conseqüências sociais dessas ações religiosas para cada uma das diversas classes sociais.

O universo empírico considerado nesta pesquisa é um público 95% religioso, com 65% vindos do meio rural. Por isso, é relevante a forte influência do catolicismo tradicional rural sobre essa população em relação às normas e valores. De acordo com Camargo (1971, p. 11),

os traços característicos do catolicismo rural brasileiro prendem-se, realmente, ao passado nacional, de origem portuguesa, e ao desenvolvimento de uma religião que, embora cristalizada em formas relativamente estáticas, também se amoldou à sociedade.

A identificação entre catolicismo e sociedade se dá no âmbito dos valores religiosos e de sua expressão normativa e os valores da sociedade. Dá-se de forma a legitimar os valores religiosos, suas normas e papéis predominantes. Nas entrevistas realizadas aparecem os valores e normas como orientadores de conduta na vida dos alunos. Quando perguntados sobre a importância da religião, eles responderam:

quem é religioso não é de bagunça e não anda aprontando certas coisas, caminha mais reto;

A religião tira as pessoas das drogas, do álcool, das confusões também. Hoje o mundo vive no crime, as pessoas vivem fazendo o que não presta. Então a religião ajuda a tirar a gente do caminho do mau.

A importância para mim é que Deus colocou uma palavra em nosso coração, então a importância é o respeito, saber amparar o próximo e muito amor.

Percebe-se que os valores, as normas e os papéis desempenhados na sociedade são explicitados de maneira sacramental, cognitiva e constituídos pelo repertório do catolicismo tradicional. Desse modo, as normas de conduta e os valores a que eles remetem são vistos como padrões normais de comportamento social. É como se fossem sancionados pela autoridade religiosa, ou seja, os papéis desempenhados na vida profana são também confirmados pelas normas e valores da religião. Na realidade o grupo de alunos entrevistados não separa a sociedade civil da religiosa. Isso para Camargo (1971, p. 12) é "o que convencionou denominar de 'cristandade', caracterizada pela profunda institucionalização do catolicismo" Esta referência retoma novamente a matriz religiosa brasileira. Uma vez que a cristandade é uma de suas colunas mestras.

O grupo religioso exemplifica a vida cotidiana na estrutura social em função dos valores religiosos presentes em suas atividades ligadas ao lazer e à diversão. Esse aspecto da vivência religiosa dos alunos entrevistados também é visível em algumas falas: "eu gosto de ir todos os domingos para a igreja. Sinto bem com as pessoas que convivem comigo lá"; "participo na igreja pela alegria do encontro com as pessoas". Esses depoimentos mostram ser a igreja um lugar que possibilita a socialização para os alunos do ensino noturno. É um espaço onde ocorre uma relação de gratuidade sem obrigações expressas, o que é diferente da escola e do movimento social onde as obrigações são expressamente exigidas. Por isso, a conduta cotidiana é pautada pela tradição religiosa. Neste sentido, Camargo (1971, p. 14) afirma que a

influência profunda e generalizada do catolicismo na sociedade rural evidencia-se também no uso do lazer. Assim as diversões e festas são freqüentemente de caráter religioso-católico – como as Folias do Divino Espírito Santo, as quermesses, as procissões e romarias.

Este autor descreve ainda que uma das conseqüências mais importantes da identificação entre o catolicismo tradicional brasileiro e as normas da sociedade "é a capacidade efetiva do catolicismo rural - diversamente do catolicismo urbano - de fornecer os quadros de referência, as normas e os valores que orientam a vida dos indivíduos" (CAMARGO, 1971, p.14). Esses quadros perpassam as formas de liderança, as práticas religiosas, a questão do espaço e o tempo sagrado, o ideal religioso e a ideologia.

Para Camargo (1971), a coletividade religiosa católica constitui um importante sistema social no que se refere à função de confirmar a estrutura da sociedade, permitindo a hierarquização de classes, categorias étnicas e grupos sociais. Os *status* sociais são distribuídos e localizados de acordo com a ordem social dominante por meio das situações e papéis que o catolicismo lhes propicia.

Dentre as funções e papéis que surgem no catolicismo rural, pela escassez e ausência de padres nas comunidades mais distantes, destaca-se a dos 'rezadores' e 'rezadoras' que assumem a liderança religiosa. As mulheres, geralmente, têm a função de organizar a catequese, os cantos e a reza do terço, conforme o destaque carismático de cada personalidade. No entanto, entre os alunos pesquisados que hoje vivem na cidade, essa liderança não foi constatada, mesmo dentro da igreja católica. Uma única aluna assume a escola dominical, ela é da igreja evangélica.

Outra característica das práticas religiosas do catolicismo e que retrata o nível da cultura de participação de determinados grupos é a prática de rezas, promessas, bênçãos, procissões e romarias. Essas práticas foram registradas no grupo de alunos entrevistados. Observa-se que, pela tradição da família, tais costumes permanecem após migrarem do campo e enfrentarem novas experiências na cidade, como se pode constatar nas falas das entrevistadas "eu não mudei de religião

porque minha mãe sempre me ensinou as coisas da igreja católica. Também sou muito devota de Nossa Senhora Aparecida, tenho uma imagem dela em minha casa". Outros participam da fé de "confiar no Deus vivo que a gente vai receber aquela bênção na oração". Nessa mesma linha, fala a educanda "o que o padre fala para mim e para todos na igreja é uma bênção de Deus". Quanto ao que buscam na igreja, muitos desses alunos buscam justamente a "bênção de Deus para a vida de todos nós, até para a vida dos nossos inimigos". Uma entrevistada depois de vir morar em Goiás tornou-se romeira do Divino pai Eterno: "sou mineira, mas agora vou todo ano à Trindade pagar minha promessa".

A sacralidade da cultura rural pode ser percebida nas dimensões do sagrado e do profano. O espaço rural, geralmente, é marcado pela existência de alguns espaços que levam os fiéis a um comportamento de respeito, medo, veneração. É o caso das igrejas e as capelas com seus ícones: o altar, os santos; as cruzes, os santuários, os oratórios e as festas dos santos populares que marcam esses lugares. Essas imagens e lugares estão na memória de muitos alunos como se mostrará posteriormente.

É importante estabelecer uma comparação entre o catolicismo rural e o urbano para analisar as diferenças e as mudanças na religião vivida no campo e na cidade, pelo grupo de alunos migrantes. Uma das diferenças, para Camargo (1971), é que o catolicismo urbano no Brasil é um contraste do rural: não orienta efetivamente a conduta das pessoas, nem constitui o centro das determinações valorativas da sociedade como o é o catolicismo rural.

Um fator a ser considerado é que no mundo urbano, a religião católica tradicional fica na esfera dos ritos e sacramentos, é desvinculada dos valores e conhecimentos que no passado serviam para orientar a vida e o comportamento dos

fiéis no cotidiano. As questões fundamentais da existência, no meio urbano, são respondidas e orientadas por valores de uma sociedade competitiva, secularizada, com uma ética leiga. O que há de mais forte nessa influência é o aspecto moral. No entanto, ainda persistem sinais de comportamento religioso de tipo rural nas áreas urbanas. É o que mostram as entrevistas. Quando se perguntou do que mais gostam na igreja, eles responderam: "a palavra de Deus"; "as pessoas cantando as músicas"; "o altar, o cortinado"; "de Maria nossa mãe"; "o que mais gosto é do culto da oração".

Outro fator é o rápido processo de urbanização das cidades brasileiras, como é o caso de Goiânia, descrito no primeiro capítulo. Com esse processo, um grande número de pessoas de origem rural passaram a habitar nas cidades. Essa população tem na memória o conteúdo e as funções do catolicismo rural, mas este se torna inadequado para a missão de orientar a vida, frente às exigências da sociedade urbana e industrial. Na visão de Camargo (1971, p. 18),

o catolicismo rural dificilmente se mantém nas cidades, através de um ritualismo mecânico. Falta todo um contexto social que lhe serve de apoio. Dessa forma, seus valores, conhecimentos e papéis ficam sem sentido. Os papéis não encontram os padrões de inter-relação que lhes correspondam. O catolicismo rural, na cidade, torna-se fatalmente disfuncional.

Dessa forma, os migrantes de origem rural que passam a morar na grande cidade procuram soluções religiosas, conforme a tradição rural, mas funcionalmente urbanas, como o pentecostalismo de 1960 e o neopentecostalismo, a partir de 1992, que prometem aos fiéis cura e prosperidade, como é citado anteriormente na matriz neopentecostal. Essas religiões constituem alternativas, sob forma de sistemas

valorativos e de organização de conduta, que contribuem para o típico processo de integração urbana moderna, do final do século XX e início do XXI.

Essas transformações ocorridas na religiosidade de origem rural para a urbana são de ordem crescente. Conforme a pesquisa de campo realizada com o grupo de alunos, o número de igrejas de origem, declarado por eles, eram três: as Igrejas Católica, Assembléia de Deus e Cruzada Cristã, mas no panorama urbano passou para cinco denominações: Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja da Graça de Deus, além da Católica e Assembléia. Fica claro que, na cidade, o leque do mercado religioso e as opções são bem maiores. Em virtude disso o número de fiéis na Igreja Católica, considerada majoritária, diminuiu muito, como mostra os dados da pesquisa: dezesseis membros antes de mudarem para Goiânia e apenas nove depois da mudança. Porém, a Igreja Assembléia de Deus cresceu de dois para cinco membros. As demais igrejas ficaram com números mais baixos e dispersos. É curioso que, no meio desse fenômeno de mudança, acontece a dupla participação na Universal e na Católica. É o caso da entrevistada, quando respondeu em qual igreja participava:

participo da Matriz Jesus Bom Pastor e da Universal. [Você é católica e participa da Universal, por que?] Porque eu acho mais perto e mais fácil da gente ir, além de ter companhia; para eu ir para a Igreja Católica eu não tenho.

Ao estabelecer uma tipologia dos fiéis urbanos em termos de seu grau de participação na igreja e ao avaliar as funções da religião na sociedade, deve-se considerar que a importância do catolicismo urbano diminuiu muito em comparação com seu significado no mundo rural. Isto se deve ao fato de os valores, as normas e padrões da sociedade camponesa não serem os mesmos da coletividade do mundo

urbano. Por isso, o catolicismo tradicional da cidade perde sua função de orientar a conduta dos fiéis. Seu quadro de valores torna-se menos relevante na influência direta da vida cotidiana. Ao catolicismo é negada uma participação significativa na esfera das decisões sociais, ou seja, a igreja, não é mais convidada a dar sua contribuição frente aos problemas do mundo. É o mercado que responde por estas questões. Hoje os cristãos buscam no mundo secularizado as respostas e as escolhas para suas práticas. Observa-se isto pelo nível das respostas às perguntas sobre a questão : O que é a religião para você?

Religião para mim é o caminho para chegar a Deus;

É ter Deus e poder falar com ele; é tudo de bom na minha vida; não sei explicar porque freqüento pouco;

É muito importante porque ela nos ensina a amar;

É importante porque fala de Deus, traz felicidade;

É um motivo de conhecer mais sobre a Bíblia e receber muitas orações; é um caminho que me leva aproximar mais de Deus e que pode levar ao céu";

A religião para mim é ter fé;

É ter Deus em primeiro lugar, no coração de gente. Seguir os mandamentos da Bíblia, nunca praticar o mal, pois o que faz mal, recebe o mal, se a gente praticar o bem recebe o bem;

Religião para mim é que crente e católico é o mesmo. Ele não muda a religião. [o que ele muda?] O que muda é que se ele roubava ele não rouba mais, se bebia ele não bebe mais. [E católico pode roubar?] Depende se quiser, mas é o que mais vê. Não vou dizer que não tem crente errado, mas ele tem mais um corrigimento. Nós estamos na igreja, se nós passamos algum defeito o pastor chama nós. Ele nos acompanha mais de perto. Tem a doutrina, as disciplina da igreja. Se a gente é membro da igreja fica sem participar da ceia, porque a pessoa está em pecado. Todo mundo peca mas tem pecado mais dolorido como o pecado do adultério, do roubo, matar os outros. Nós somos os mesmos não mudamos nada. Religião para mim então é a crença que, através dela nós vamos para o céu. Como a palavra de Deus que diz: *se a gente confiar Nele e fizermos aquilo que Ele esta mandando, a gente ganhará o Reino de Deus.* É isso ai a religião. É isso que espero. Espero ir para o céu; A gente tem que se apegar em qualquer coisa. Tenho muita fé, Eu gosto muito de ouvir a palavra de Deus. Minha

loucura é aprender a ler para eu ler a Bíblia e conhecer bem a Palavra de Deus.

Pelas falas, esses sujeitos buscam no passado os valores para a reconstrução da identidade que ficou perdida com a migração do meio rural para o urbano. Essa mudança exige uma nova identidade e a religião é um poderoso agente nessa reconstrução. Mas como essa reconstrução ainda está acontecendo de forma individualizada, as experiências religiosas também estão se dando nesse nível, mesmo que praticadas em espaço coletivos.

É uma visão de uma religião intimista, espiritualista, de cunho moral e de obediência. Em relação à importância da religião em suas vidas, as falas dos entrevistados ficaram praticamente no mesmo nível.

É importante para servir a Deus;

É importante porque fica mais perto de Deus, buscar a Deus, a oração;
ter Deus para mim é tudo;

A religião é importante porque sem Deus não vivemos;

E importante porque traz a palavra de Deus;

Traz felicidade"; "ela ajuda esquecer dos meus problemas;

A importância dela para mim, é porque me ajuda a obedecer os mandamentos de Deus, ela traz salvação;

Acho importante sim. A gente tem que acreditar em Jesus. Ele que morreu na cruz por nós, para nos salvar. Se não fosse Jesus nós não estaríamos aqui;

A religião ajuda a tirar a gente do caminho do mal. A gente pensa muito em Deus; a importância para mim é que Deus colocou uma palavra em nosso coração, então a importância é o respeito, saber amparar o próximo e muito amor no coração;

É importante porque sinto paz. Eu gosto de ir todos os domingos para a igreja;

É muito importante, porque eu bebia, fumava e hoje não faço isso mais. Então eu agradeço primeiramente a Deus e a religião, porque se eu não tivesse essa doutrina eu fazia as mesmas coisas. Hoje eu tenho aquele temor a Deus, se eu desobedecer, não estou fazendo a sua vontade; sei lá,

minha vida é muito assim, tem dia que sinto muita solidão, sinto depressão. Então eu apego muito, às vezes estou triste eu peço a Deus. A tarde eu já estou mais aliviada. Parece que Deus me ouviu e me deu paz;
A religião creio assim, a gente ir a igreja, ouvir a palavra de Deus e ter bom coração.

O que se vê é a demonstração de uma religião ligada a uma obediência moral, principalmente entre os evangélicos; uma religião que serve de remédio para os problemas da cidade como a violência, o desemprego, os vícios, as drogas, as doenças como depressão. Enfim, nela sente alívio. As motivações que expressam a adesão a uma religião, explicitam as funções e os significados que ela passa a ter na vida moderna. Os católicos participam das missas e de alguns ritos de passagem como o batismo, de forma obrigatória, pela obediência como a virtude central. A aluna deixa claro esta afirmação dizendo: "hoje eu tenho aquele temor a Deus, se eu desobedecer não estou fazendo a sua vontade". Nessa mesma seqüência, sobre que mensagem busca na igreja a entrevistada, diz "busco na igreja é como devo obedecer a palavra de Deus." Os evangélicos expressam uma forte moral, a religião é o caminho para a retidão como mostra a frase desta aluna, "nós estamos na igreja, se nós passamos algum defeito o pastor chama nós. Ele acompanha nós mais de perto. Tem a doutrina, a disciplina da igreja."

Restam, na religião urbana tradicional, segundo Camargo (1971, p. 21), "funções que são latentes e potenciais, que não deixam de existir e ter significado na cultura brasileira". São latentes as funções das práticas religiosas, dos símbolos e imagens. Exemplos: o batismo, o casamento religioso, a missa, o culto, o cerimonial aos mortos. São rituais comuns e ministrados à maioria dos brasileiros e nas várias igrejas, independentes da religião e do espaço, se urbano ou rural. Essas práticas religiosas têm funções sociais latentes, são ritos de passagens. Predominam os fiéis

que recebem os sacramentos nas etapas marcadas por mudanças na existência humana. É também um momento de socialização das famílias envolvidas nos rituais, o que torna tais sacramentos importantes na história de vida de cada pessoa. Os símbolos são coerentes com as imagens persistentes da tradição religiosa. Neles os indivíduos encontram ressonância do sistema de conhecimentos e valores. Assim, os cristãos urbanos mantêm, em nível pouco consciente, um certo respeito aos ritos de passagens e uma disposição de não romper com a tradição, com os mistérios transcendentais. Na fala dos alunos entrevistados os símbolos da igreja adquirem as seguintes representações:

A Bíblia, palavra de Deus, representa a verdadeira bênção para mim;
 Os símbolos da igreja é laço de muita fé, é aprendizagem;
 Representa paz, descanso da mente;
 A palavra de Deus é luz, cura e libertação;
 O altar representa paz. Eu ajoelho lá faço minhas orações, entrego para Deus alguns problemas, eu faço mais é agradecer a Deus. representa a beleza, a esperança da gente, porque a gente está ali fazendo um voto com Jesus; Igreja Católica ela é mais silêncio, tem as imagens dos santos lá eu acho lindo. A igreja Universal não tem santo, não tem cruz, só que ela pede muito dinheiro, mas a gente dá só se puder e quiser.

Os símbolos falam muito na vida desses alunos. Dentre eles, o mais forte é a 'Palavra de Deus'. É sem dúvida, o objeto de que mais gostam, de maior referência. A Bíblia é "luz, manual que leva ao céu, conforto, esperança". Além da bíblia a figura do pastor e do padre também são símbolos para esse povo como mostram os entrevistados:

Representa não só a palavra de Deus, mas também o pastor a explicar, porque a bíblia fechada é um livro qualquer, mas ela aberta é a boca de Deus falano com nós. Essa palavra de Deus me conforta tanto. O que o

padre fala para mim e para todos na igreja é uma graça de Deus. As vezes eu estou triste quando chego na igreja e escuto aquelas palavras me fortaleco. Eu fico calma e vou para casa mais alegre.

Na perspectiva social, não se pode esquecer de que não há alternativas que substituam a religião na sociedade brasileira secularizada para organizar e regularizar os rituais de passagens da existência humana. Especialmente no que se refere ao batismo, ao casamento religioso e à encomendação dos mortos. Esses ritos de passagens são indispensáveis para as mudanças de *status* e inserção no processo social. Camargo (1971, p. 22) descreve que "a sociedade profana mostra-se incapaz de organizar alternativas com igual vitalidade para esta função latente de marcar as passagens pelos ciclos da vida humana".

A outra característica do catolicismo urbano é a sua potencialidade que se manifesta em determinados momentos, isto é, em momentos de atualização da vida religiosa que ocorre nas crises e tensões emocionais. No período das fortes crises, busca-se na religião conhecimentos e interpretações que reavivam fontes de explicação que dão sentido para a vida. Passado o tempo de reavivamento volta-se à rotina normal.

Dentro do catolicismo urbano estão as categorias de catolicismo tradicional e internalizada que são fundadas em diferentes funções da religião, ligadas ao tipo de sociedade e as suas tensões. Portanto, na modalidade tradicional de catolicismo são enfatizadas as funções latentes e potenciais, de maneira psicossociais de aderir à religião. Por outro lado, a forma internalizada aguça a consciência do conteúdo religioso e faz desabrochar um estilo consciente e intencional da vivência religiosa, onde os alcances e repercussões na vida social são procurados e assumidos (CAMARGO, 1971, p. 23).

A partir da diferenciação feita acima, pode-se constatar que o catolicismo tradicional representa uma ideologia conservadora, tendendo a contribuir para a manutenção de formas de organização social, enquanto o catolicismo internalizado é mais dinâmico, exerce funções que propiciam mudança social. Conseqüentemente, a procura de valores, de orientação de vida, inerente à internalização, representa uma condição do processo de mudança social. Essa internalização do catolicismo constitui uma das alternativas para organizar e dar sentido às transformações da sociedade. A exemplo dessa alternativa e inspirado nela, juntamente com os movimentos sociais, tem-se a teologia da libertação e, fruto desta, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que foram força e expressão de consciência dentro da igreja e da sociedade como agentes transformadoras durante a década de 1980.

Cabe também analisar as tendências do processo de internalização do catolicismo brasileiro que estão ligadas às diversas situações sociais do desenvolvimento. Tais tendências passam pela via do sentido da espiritualidade, pelo sentido social e pelo sentido da adaptação à vida moderna. O sentido social foi um tipo de internalização católica que se desenvolveu a partir dos problemas sociais brasileiros, após a II Guerra Mundial.

As raízes sociais que deram origem ao movimento da Ação Católica foi a emergente classe média urbana, representada especialmente pela Juventude Universitária Católica (JUC), com suas tensões e angústias face às incertezas e contradições da sociedade da época. O conteúdo e as proporções que o movimento assumiu no país ampliaram a base social, incluindo e influenciando parte do proletariado e do campesinato. Assim, a Ação Católica desenvolveu-se também entre a Juventude Operária a (JOC) e na atuação de alguns bispos, nas diversas regiões do país, dedicados à educação de base, nos sindicatos rurais.

A fundamentação dessa atuação religiosa da igreja é uma visão cristológica com base na fraternidade humana. No nível ideológico, esse movimento procurou enfrentar as contradições da estrutura social brasileira, vista como responsável pela situação de miséria e pela alienação das classes mais pobres. Acreditava que o ideal cristão, sincero analisaria as causas estruturais da pobreza do povo e viam uma disposição para superá-las.

Tal experiência mostra que, "o catolicismo social preenche o sentido da vida dos adeptos, que, com a intensidade da experiência religiosa internalizada, vislumbram também novas formas de vida social para a nação" (CAMARGO,1971, p. 31). Em consequência dessa tomada de posição naquele momento, o problema social tornou-se central no catolicismo brasileiro. Por isso, a questão social e política passou a ser o centro da discussão católica.

Outros grupos de intelectuais também tentam adequar-se à vida moderna, atuando nas religiões mediúnicas. Com isto, há o crescimento do pluralismo religioso como forma alternativa e como meio de se efetivar o processo adaptativo das personalidades às exigências da vida urbana. Por essa via, a pesquisa mostrou o aumento do neopentecostalismo e a aderência a ele dos alunos do Jardim Guanabara, assim como em toda Goiânia e no Brasil.

Parte da Igreja Católica, através dos processos de internalização, tem uma função semelhante ao das religiões atrás referidas: contribuir para a mudança social e constituir a forma valorativa de conhecimento pela qual se realiza a modernização da sociedade. A aceitação e a vivência de padrões normativos e dos papéis característicos da vida moderna podem efetivar-se por influência predominante da igreja Católica, cujos valores, internalizados conjuntamente com as normas,

conhecimentos e papéis da vida moderna constituem uma unidade coerente e funcional de orientação na vida das pessoas.

A internalização dessa forma, leva à conscientização de valores católicos que passam a ter um sentido renovado na experiência dos fiéis. Essa nova orientação de vida funcional, para a sociedade moderna, confirma padrões valorativos do catolicismo e adequa-se as novas situações. Essas orientações, porém, não atingiram os sujeitos pesquisados, pois estes são migrantes, em sua maioria do meio rural, e moram na periferia, na invasão. Por isso, não são atingidos por essas orientações. Sua fé está diretamente ligada ao catolicismo rural originado da primeira matriz.

3.5 O Perfil dos Agentes Religiosos das Igrejas

Ao traçar o perfil desses agentes partiu-se dos questionários e entrevistas dirigidos aos representantes das igrejas freqüentadas pelos estudantes, para que se pudesse obter dados sobre as doutrinas e crenças transmitidas aos seus fiéis. Utilizou-se a observação participante dos cultos e celebrações religiosas para conhecer melhor o contexto de expressão celebrativa, as concepções culturais e sentimentos que marcam a experiência religiosa dos alunos entrevistados. Através dos discursos dos representantes religiosos pôde-se perceber os níveis de influências sobre a vida dos estudantes.

Foram entrevistados quatro agentes religiosos das igrejas de que os alunos participam: dois padres da Igreja Católica Apostólica Romana, responsáveis por nove comunidades na região do Guanabara; um pastor de uma congregação da Igreja Assembléia de Deus e um cooperador da Igreja Congregação Cristã no Brasil.

Para identificar melhor as falas dos agentes religiosos, distinguem-se os padres católicos pelas denominações P1, P2, Pastor para o agente da Assembléia de Deus e Cooperador para o da Congregação Cristã, o que corresponde também às respectivas denominações usadas nas igrejas que conduzem.

Primeiramente, tentar-se-á traçar os dados gerais desses agentes. P1 é brasileiro, 43 anos, de origem rural, natural de Catalão - GO; filho de pais lavradores, migrantes e analfabetos, tem mais dez irmãos. Em 1978, deixaram o campo e se mudaram para a cidade de Catalão. Desde os 18 anos mora em Goiânia; trabalhou na roça, depois como auxiliar de escritório de uma barragem e hoje é padre, religioso da congregação São Pedro de Advíncula, e tem a função de vice-vigário paroquial. Desenvolve trabalhos de atendimento durante toda a semana. Recebe dois salários mínimos e esse salário é comunitário, assim como é o salário dos demais padres da comunidade; paga o INSS. Sua religião sempre foi a Católica. Iniciou seus estudos aos dez anos de idade e terminou o ensino médio aos 30 anos. Coursou o terceiro grau completo em Filosofia e Teologia.

P2 é espanhol da região da Galícia, 56 anos, veio para Goiânia em 2001, é religioso da mesma congregação de P1 e vivem na mesma comunidade. Trabalha como pároco responsável pela paróquia Jesus Bom Pastor, situada no Jardim Guanabara I, e pelas demais igrejas católicas da comunidades do jardim Guanabara.

O pastor é natural de Caiapônia - GO, 60 anos de idade, casado, pai de três filhos, residente no jardim Guanabara III, em casa própria. É funcionário público, com oito horas de trabalho diárias, seu salário fica em torno de R\$ 690,00 e mais uma cesta básica recebida pelo serviço prestado à igreja. É filiado ao Sindigoíânia, Sindicato dos Servidores do Município de Goiânia. Seus pais eram pequenos

agricultores, a escolaridade deles foi apenas até a 4ª série. O Pastor é de origem urbana, mora em Goiânia desde 1969. Sua primeira religião foi a presbiteriana e a atual é a Assembléia de Deus. A sua escolaridade é o terceiro grau, cursou Ciências Contábeis e Teologia; está cursando agora o Normal Superior.

O Cooperador é natural de Cotegibe - BA, 38 anos, casado, pai de três filhos. Seus pais eram lavradores e tiveram o ensino primário incompleto. Exerce a profissão de pedreiro, trabalha de 10 a 12 horas por dia, esse salário está em torno de R\$ 1.000,00, mais o salário da família que é de R\$ 500,00. Não participa de nenhum movimento social. Sua origem é rural, migrou para Goiânia em 1985. Na Bahia, sua base religiosa eram os costumes católicos dos pais, mas atualmente é membro da Congregação Cristã no Brasil. Sua formação escolar é a 2ª série do ensino fundamental. [Não sentes necessidade de continuar os estudos?]. "Não, tudo é inspirado pelo Espírito Santo, dons espirituais". Palavras do cooperador.

De imediato, constata-se que os agentes religiosos têm histórias de vida semelhantes a dos alunos em vários aspectos: primeiro, todos são migrantes, seja de outros estados, do interior de Goiás e até de outro país; segundo, suas origens são rurais ou de famílias camponesas; terceiro, praticamente nenhum participa dos movimentos sociais. Em relação ao nível de escolaridade, metade deles estudou tardiamente como o P1 ou está ainda nas séries iniciais, no caso do Cooperador, embora três deles tenham conseguido chegar ao 3º grau.

Atentando para as igrejas que esses agentes conduzem, e analisando como se posicionam quanto as questões apresentadas na entrevista, pôde-se observar a abrangência de cada uma delas, as diferenças de linguagem nos discursos, os conflitos e desafios assumidos por elas. Os dois padres atendem a nove comunidades: Jardim Guanabara I, II, III, São Judas, Residencial Felicidade,

Residencial Guanabara, Asa Branca, Vale dos Sonhos e Aldeia do Vale. O Pastor é responsável por uma congregação da Assembléia de Deus do Residencial Guanabara; é um grupo pequeno de 35 a 40 pessoas que se reúne em uma sala alugada. O Cooperador também assume somente uma Congregação Cristã no Brasil, no Residencial Felicidade. É um grupo maior, em uma Igreja construída com espaço para umas 100 pessoas.

A igreja Católica, como tem maior tradição no país, organiza o atendimento a seus fiéis em grandes grupos e em áreas geográficas maiores, em templos construídos por região. A Assembléia de Deus e a Congregação Cristã são bem mais recentes, nasceram na metade do século XIX, nos Estados Unidos, fruto do Pentecostalismo evangélico missionário da chamada quarta corrente, só no começo do século XX surgiram as primeiras igrejas no Brasil. Em 1909, foi fundada a primeira congregação da Assembléia de Deus em Belém - PA. No ano seguinte, 1910, em Santo Antônio da Platina – PR, nascia a primeira fundação da igreja Congregação Cristã no Brasil. Ambas têm em comum a organização distinta de congregação, conforme a explica a matriz pentecostalista; uma de suas características é organização em pequenos grupos. Há uma sede central e várias unidades nos bairros. O cooperador calcula que na grande Goiânia "há 200 unidades com 2.000 membros. A sede central da Congregação Cristã no Brasil fica no Setor Fama; na região do Guanabara há três templos". O pastor assegura que tem "cerca de 20 templos da Assembléia no Jardim Guanabara e 200 na capital. Sua matriz fica no Setor Campinas". A pesquisa registrou cinco igrejas só no Guanabara II.

Em relação às funções exercidas pelos agentes, em todas as três igrejas, os papéis que desempenham obedecem a uma hierarquia. Na Igreja Católica, o P2 é

pároco e o P1 é vice-pároco da Paróquia Jesus Bom Pastor, da região do Guanabara e está em comunhão com o arcebispo local que conduz toda a igreja de Goiânia.

Na Congregação Cristã no Brasil as funções são desempenhadas pelo ancião, cujo papel é realizar o batismo, a unção e a santa ceia uma vez ao ano, na época da páscoa; pelo cooperador, que celebra os cultos, visitas e evangelização espiritual e pelo diácono, que é responsável pelas coisas materiais e pela assistências aos pobres. Os cooperadores são escolhidos pelos anciãos, conforme os critérios de bom testemunho e honestidade. O ancião é o mais velho, como manda a lei do Antigo Testamento. Todo o serviço em prol da igreja é voluntário, nenhum dos cargos é remunerado. A coleta é espontânea e não pode ser nominal. Não é cobrado o dízimo, pois este significa 10% do que ganha o fiel, nesta igreja isso não existe. Tudo é feito pela cooperação como a mão de obra nas construções das igrejas e a diária de serviço nos finais de semana.

Na Assembléia de Deus, o pastor tem a função de dirigente, é um cargo vitalício, também coopera e é um pregador itinerante. Isto é, se for convidado por outro pastor, de outra congregação a pregar durante o culto ou a fazer palestras, ele pode exercer a itinerância.

Quanto aos valores buscados pelos fiéis, P1 supõe que buscam o que mais necessitam:

a paz, a não violência, não as drogas, o que a sociedade civil não oferece. A preocupação inevitável das famílias são essas. Quanto ao falso discurso das igrejas evangélicas de que mudam as pessoas, de que elas deixam de beber, de fumar, os vícios em geral, não é bem assim, quem muda é a pessoa. Daí o princípio da igreja Católica não trabalhar com o medo, mas com a liberdade.

Para o Cooperador, os fiéis têm buscado "o culto de adoração a Deus, refrigério da alma, uma libertação, ouvir a palavra de Deus, sentir a Deus". De forma semelhante pensa P2: "buscam a paz espiritual, a tranquilidade de vida, o diálogo com as coisas de Deus". O pastor imagina que

primeiro, o fiel tem de ser crente convertido a Deus. Ao se converter, ele é um carente, ele busca a ajuda divina. Exemplo: Nicodemos, se ele não for um convertido ele não entra no Reino de Deus. O gozo espiritual do crente é a aproximação do espírito de Deus.

Vê-se que há colocações diferentes, umas mais ligadas às questões da vida cotidiana e outras mais diretamente à espiritualidade, porém, são semelhantes no que se refere ao papel da religião que é atender às necessidades humanas. As falas dos agentes religiosos coincidem com a dos fiéis, que, nesta pesquisa, são os alunos entrevistados; eles também buscam na mensagem religiosa a:

Salvação;

Adorar a Deus;

A presença de Deus;

A paz espiritual;

Busco mais inteligência, paz em casa, saúde e para Deus encaminhar um bom serviço para o meu marido, para nós lá em casa, porque praticamente está todo mundo desempregado. [São quantas pessoas?] Seis. Minha mãe nunca trabalhou fora, só meu menino mais velho está fazendo bico, trabalhando de servente.

Sobre o sentir-se preparado para trabalhar com esses fiéis e responder ao que eles têm buscado, esses agentes têm diversos desafios e soluções para eles, de acordo com a doutrina da sua igreja. O cooperador sente que "ninguém está preparado. Há problemas em certos momentos, porém, são neles que a gente se

prepara para resolver. Tudo vem espontâneo, tudo é espiritual". Em relação à participação, segundo o cooperador, há na igreja pessoas de todos os níveis, mas os que mais participam são "os humildes. É a palavra de Deus que sustenta o povo, o temor a Deus". Os problemas enfrentados na realização do trabalho com os féis vêm da disciplina desta igreja que é muito rígida.

A doutrina da Igreja Congregação Cristã em relação às mulheres diz que elas não podem cortar os cabelos, devem usar véu, não podem dirigir o culto, "pois não tem na lei nenhuma mulher que foi chamada para ser discípula, conforme as cartas de Paulo". Na igreja sentam-se separadas dos homens. Foi perguntado ao cooperador [por que só há regras para as mulheres?] Risadas... "Os homens devem ter bom caráter, não podem usar bermudas, nem ter vícios". Os seus féis podem assistir televisão, mas somente alguns canais, como o SBT e a Record, são permitidos. Também não é permitido aos membros a participação nos movimentos sociais como manifestações pró-moradia, greves, sindicatos, ser candidatos à eleição em nenhum partido político ou associações de qualquer natureza.

Quanto ao preparar-se, pastor também segue a espontaneidade dizendo: "a preparação vem espontânea, mesmo assim, a gente cobra da gente mesmo, lendo boas leituras, não desprezando a Bíblia, participando de seminários e palestras". Este, porém, considera importante outras fontes de preparação para corresponder ao serviço do povo. Para o pastor a "consagração para o fiel é tudo". Quanto às dificuldades para realizar o seu trabalho, uma delas é a "falta de terreno para construir. Nós somos diferentes da Igreja Católica, quando nasce um bairro ela já tem um lote. Falta tempo para dedicar mais, o caminho é estreito. O pastor nunca acha difícil. II Cr: 5,10".

A doutrina da Igreja Assembléia tem a Bíblia como livro base. O pecado não é erradicado por completo; o sexo fora do casamento é adultério; a questão do vestuário é exemplo de pecado. O crente que se encontra nessas situações de pecado não participa da ceia. Essa igreja também não motiva seus membros a participarem dos movimentos sociais. Quando muito, informam os locais e as possibilidades para obtenção de lotes para a moradia. Mas os interessados têm que enfrentar filas e não têm nenhum privilégio. Foi perguntado também ao pastor sobre a participação na política partidária, já que esta igreja tem vereadores, deputados em Goiânia e no Congresso Nacional. Ele respondeu "que esse é um projeto pessoal, que eles simplesmente apoiam o irmão com o voto".

Na igreja Católica, as dificuldades, nas palavras do P1, é "o crescimento das comunidades. O desafio é como atingir mais pessoas, o que poderia fazer para socializar mais". Em algumas comunidades isso melhorou muito, em vários sentidos. Segundo ele: "os leigos que trabalham no Conjunto Guanabara III, são frutos do trabalho de 15 anos da presença da congregação São Pedro de Advíncula". Foi lhe perguntado se há muitos conflitos na comunidade? Ele respondeu que "sim, tem casos particulares de conflitos. Nós, padres, temos que esclarecer com sinceridade, de acordo com aquilo em que a gente acredita. Afinal o crer é da pessoa. Há conflitos de autoridade, porém, a organização da igreja não permite estar com o povo".

Para o P2, preparado ninguém está e o que tem dificultado o trabalho na comunidade é "a falta de perseverança, as fofocas e a falta de disponibilidade para assumir o trabalho pastoral".

Pelos depoimentos dos agentes religiosos católicos, percebe-se que o desafio das igrejas é o da participação mais integrada de seus membros. É a questão do

tempo, do espaço, do atingir e socializar mais, da perseverança, das disponibilidade, da conscientização.

Os problemas e desafios aparecem também nas mensagens deixadas por cada um deles. P2 diz que "o principal desafio é colocar nas celebrações e homilias o compromisso fundamental de transformação do mundo, o compromisso do batismo, de justiça e paz. Ajudar as pessoas a ter consciência de que o mundo e a igreja são o grande desafio". P1, também representante da Igreja Católica, deseja que os cristãos compreendam que "Deus é pai, que nos ama a todos indiscriminadamente, que Jesus morreu por nós, que o Espírito Santo atua em nós e nas comunidades". O representante da Igreja Assembléia de Deus quer a "santificação e levar a salvação para alcançar a vida futura". O cooperador da Congregação Cristã faz o convite de "sempre estar congregando, participando do culto, alimentando a vida material e esperando a vida eterna, a volta do mestre senhor Jesus".

Um dos pontos mais fortes de todas as religiões são as práticas litúrgicas, na linguagem do catolicismo, e os cultos, nas igrejas evangélicas. Por isso, é pertinente perguntar com Bosi (1999), que faz uma reflexão sobre o culto e o enraizamento na cultura popular do migrante: "De que maneira as práticas religiosas se tornam uma fator de enraizamento ou desenraizamento do povo"?

Uma das formas é que as práticas religiosas fazem chegar às pessoas simples os livros clássicos da fé como a Bíblia e permitem que eles convivam com a grande arte: o texto, a música, a pintura, a arquitetura, a dança, a poesia. Todas essas formas de arte se tornam canais de comunicação e expressão simbólicas integrante do culto.

O estudo de Bosi vem ao encontro da realidade do povo que, mesmo não sabendo ler, tem verdadeira reverência e paixão pela Bíblia. Durante esta pesquisa a 'Palavra de Deus' foi citada 27 vezes pelos estudantes, inclusive, é um dos seus motivos de buscar a escola: ela lhes permite, depois, participar mais na igreja. É que mostra estas falas: "quero aprender mais para eu ler a Bíblia melhor"; "Vou à igreja para ouvir a Palavra de Deus", ou então "o que mais gosto na igreja é a Palavra de Deus". Esta resposta foi unanimidade, não só entre os evangélicos como também entre os católicos, quando perguntados sobre: o que eles buscavam na religião, o que eles mais gostam dentro da igreja e sobre que objeto, dentro da igreja mais lhes representava. A apropriação da linguagem bíblica, principalmente para os evangélicos, é o motivo mais forte.

Eles repetem e decoram determinados versículos, aqueles de que mais gostam, até torná-los expressões de sua sabedoria no cotidiano: "agora que estou mais velha voltei para a Assembléia, lá você não pode ter vaidade, pois o pastor exige, porque 'nóis somos a luz do mundo', como a luz fica representado a trevas? Tem que clarear".

Diante do sofrimento, é comum ouvir expressão do tipo: "Pai afasta de mim esse cálice", "Bem aventurados os que tem fome de justiça". Tais expressões tornam-se consagradas na vida das pessoas, por isso não devem ser modificadas; Bosi (1999, p. 32) explica que "alterar essas sentenças já populares com inovações discutíveis é torná-las postizas e estranhas. A mudança não deve excluir um elemento que era superior como expressividade".

Além do texto bíblico, a música, em muitas igrejas, é um elemento que mantém vivo o teor da informação e ampara a participação com ritmo, rima e sonoridade que o tempo e a tradição comprovam. Essa experiência foi bem palpável

durante as observações realizadas nos cultos das igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus.

Na Congregação Cristã, há muita participação e liberdade de escolha dos hinos que são acompanhados de muitos instrumentos como o teclado, tocado somente por mulher; trombone, saxofone, flauta. Cantam-se três hinos ao iniciar o culto. Os membros presentes, com o hinário em mãos, cantam, Não é só um grupo como em algumas comunidades católicas, mas todos soltam as vozes com muita energia, como se fosse a mais forte expressão da alma. O ritmo muito animado, as notas e uma rima perfeita, a repetição dos refrões, tudo isso facilita a aprendizagem da melodia. Cantam aquilo que desejam, pois a sugestão vem espontânea, cada pessoa fala o número do hino que quer.

Registra-se que, durante a observação realizada o cooperador coordenou um roteiro simples: fez a oração inicial apresentando as súplicas do cotidiano da comunidade, a apresentação de testemunhos pelo Espírito Santo: momento em que qualquer membro que se sentir interpelado e ir à frente do altar, ao microfone, e falar das graças recebidas, das libertações alcançadas durante a semana.

Uma mulher e dois homens participaram deste momento no dia em que foi realizada a observação. É um momento em que a mulher pode fazer outra coisa, além de cantar. É bom lembrar que, nesta igreja, a mulher assume poucos papéis. Cantou-se novamente outro hino. Um membro qualquer fez a leitura de Is, 55. Houve a revelação da palavra pelo Espírito Santo a um membro que foi até à frente e fez a pregação da leitura de forma aleatória, falou da realidade, citou muitos outros textos bíblicos, não se fixou no texto que foi lido, exaltou as qualidades e diferenças da ação da igreja como a não exigência do dízimo. Durante esse momento de pregação a assembléia ficou repetindo: “Glória a Jesus”, todos ao mesmo tempo.

Registra-se que é por ouvir e acreditar no que está sendo dito, que eles dão glória. Mais um hino foi cantado, oração final e hino de encerramento.

Percebe-se, pela forma como realizam o culto, que a participação é livre e democrática. Há formalidades específicas: a maioria dos homens usa terno e assentam-se separados das mulheres, e estas usam um véu, vestidos ou saia longas durante o culto. O interior da igreja é muito simples e organizado, há duas portas de entrada, de um lado entram as mulheres e do outro, os homens.

A observação realizada mostrou ainda que o culto na Assembléia de Deus tem semelhanças com o da congregação Cristã em vários pontos. Um deles é na música, cantou-se muito, e todos participaram de maneira intensa, principalmente, o pastor e sua esposa; houve o acompanhamento de violão e trompete, um diácono era responsável pelo som. Após os hinos iniciais, ele acolheu os membros presentes e as visitas, incentivou os crentes a trazerem as crianças para aprenderem desde pequenas a importância do culto. Uma irmã foi convidada a ir até a mesa e fazer a leitura, ela motivou os fiéis a ouvir a Palavra. Mais duas irmãs, também à frente, deram o testemunho; outras duas senhoras foram convidadas a cantar o corinho, mais duas crianças, muito bem vestidas, também se apresentaram cantando um hino.

Seguiu-se a pregação por um pastor convidado, era de Palmas - TO, e se encontrava na cidade. Ele leu mais dois versículos diferentes dos que já haviam sido lidos e os explicou com muita eloquência, buscou outros textos, contou a própria experiência, chorou, falou em língua diferente, encerrou sua pregação com o violão, apresentando duas músicas do seu recém-lançado CD, cuja divulgação e venda eram o motivo de sua visita nesta comunidade.

O Pastor deu os avisos e convidou insistentemente os membros a participarem de uma festa, em um ginásio da capital, com um pregador muito

famoso, demonstrando a importância de todos conhecê-lo. O ônibus viria até o bairro, o que facilitaria a ida de todos, dizia o pastor. Cantou-se mais um hino para encerrar.

Constatou-se que essa igreja é formada por um grupo pequeno, mas com uma participação muito intensa das mulheres seja nos cantos ou na leitura da palavra. A própria esposa do pastor é uma pregadora, faz palestra, e ajuda muito o marido. Os papéis de cada um são mais definidos. Outro ponto comum entre essa igreja e a anterior é a comunidade afirmar o que acredita, quando o pregador está falando, os fiéis repetem o todo tempo, junto com ele a palavra aleluia. Os momentos fortes de seus cultos são os hinos. A voz é muito valorizada, assim como a leitura e a pregação. Portanto, a Bíblia e o hinário são instrumentos inseparáveis dos fiéis.

Em relação a esse material utilizado pelas igrejas, seja a Bíblia, os folhetos ou os livros de cantos como forma de mensagem, como canal de comunicação deve-se considerar os motivos da não leitura por alguns fiéis: o analfabetismo, a vista cansada do operário, depois de tanto anos e horas de trabalho, neste sentido, os folhetos das missas da igreja Católica não favorecem a leitura; as letras são muito pequenas e carregadas com vários textos. Isso dificulta a leitura e o acompanhamento desse leitor que mais uma vez é humilhado e marginalizado dentro da própria igreja, um dos lugares que poderia viabilizar uma maior participação.

Bosi (1999) chama atenção dos editores em relação ao tamanho da letra dos textos sagrados para o grande público de leitores idosos e populares atentos e vibrantes. "Eles já não lêem para alcançar status ou por competição, lêem buscando

compreender a própria sustância da vida, confrontar memória com memória, experiência, com experiência" (BOSI, 1999, p. 34).

Outro problema grave é a redução desses textos. Essa operação acontece também nos folhetos das missas, quando antes das três leituras do Antigo e Novo Testamento há um comentário prévio dos textos. Por meio dele, o comentarista simplifica, tira conotações de natureza moral ou política sem primeiro deixar o texto falar, ignora-se assim que o primeiro comunicador deveria ser o profeta, as cartas, o evangelho.

Os textos bíblicos são o que há de mais concreto na linguagem religiosa e não simplesmente difíceis metáforas; são mensagens que resistiram aos séculos e inspiram gerações. No Antigo Testamento os profetas usam figuras simbólicas, os salmos cantam pura poesia, nos evangelhos contam-se as parábolas. A linguagem Bíblica é muito rica, metafórica, poética, concisa e altamente informativa em si mesma. Por isso, os comentários e interpretações antecipadas, segundo Bosi (1999, p. 36),

é um dano religioso, pois impedem que a interioridade suplicante do fiel receba o alimento puro que ele espera. Um dano estético, porque o comentário turva essa fonte de significações infinitas. Impede a livre decodificação. Fecha a obra aberta e ancora o texto. Amarando apenas um significado conveniente, para o qual dirige a atenção, impede a misteriosa, imprevisível síntese pessoal. Também é um dano físico, porque a proliferação de palavras escritas satura a página fatigando o leitor. A divulgação arranca da obra original aquela centelha de ouro puro que ela continha: o momento platônico em que a Verdade e a Beleza se abraçam.

A Igreja Católica é intelectual por tradição e essa intelectualidade aparece em seu corpo estruturante. Na liturgia é clara a divisão organizacional. Nos grandes centros o padre costuma fazer tudo, nas periferias, já organizadas, há vários grupos

de leigos que assumem diversas funções. Um grupo canta, outro faz os comentários e leituras, outro o ofertório, a dança, o teatro e povo assiste e repete as repostas prontas.

Respondendo à pergunta inicial: Como as práticas religiosas podem ser fatores de enraizamento, vínculo social e fortalecimento da memória? Pode-se afirmar que a celebração do culto envolve dois grandes princípios enraizadores: o alimento e a música. Na liturgia evangélica das duas igrejas, como foi descrito, a música é a alma do culto. A assembléia inteira acompanha as palavras nos hinos. Na Igreja Católica, os festejos pascais e natalinos nos bairros populares geralmente não ficam dentro das igrejas, mas no caminho, na visitação, na novena, na procissão e no cortejo como nas folias de reis, nas romarias. O que relembra a origem do catolicismo rural. É nessa fonte que se deve buscar inspiração ao trabalhar com os migrantes.

Durante as novenas nas casa a visitação é enraizamento. É a oportunidade das pessoas irem até os amigos e parentes de quem um mundo de opressão os separou. Apesar do cansaço, das horas extras de luta que sugam o tempo, fragmentam o mundo, separam as pessoas, em algumas datas, nestas visitas reencontram-se os amigos ajuntam-se os cacos que sobraram.

Os crentes populares entendem a visita às casas do bairro, em especial às casas dos doentes, como uma missão, um prolongamento do culto. No entanto, a sociedade atual não possibilita tais encontros: o estresse diário, a intensa jornada de trabalho, a televisão, tudo procura impedir a visitação dos pobres. A visita é importante porque age como um meio de evitar o isolamento e o desenraizamento.

Para Bosi (1999, p. 38), "a especulação urbana criou rupturas e abismos entre os que se querem ver, mas os pontos distanciados se aproximam, e o mapa afetivo

da cidade se reconstitui então". Os evangelhos mostram a importância dessa prática: Maria visita Isabel, os pastores visitam José e Maria.

As músicas religiosas, na vida das comunidades rurais, sempre estão ligadas a um determinado tempo, seja ao de colheita ou ao das estações renováveis, portadoras de significados e esperanças que renascem a cada ano. Devido a essa sua natureza, essas músicas guardam uma forte herança cultural, e, por isso, os agentes religiosos da liturgia não devem renová-las apenas por renovar. Assim sendo, não se pode desvalorizar a memória dos adultos e idosos, que guardam entre as lembranças os hinos de infância e juventude. O velho, na comunidade, quer aprender novos cantos e ensinar os de outrora. Sua identidade precisa ser reconhecida e revigorada; sua memória preservada. O sentimento enraizador é portador de esperanças, de poder cantar de novo os cânticos das festas de antigamente. Portanto, não há motivo para substituir os hinos de que o povo lembra e gosta por outros passageiros que pouco falam da sua realidade, que se aprende hoje e esquece amanhã. O canto representa a própria igreja para um aluno entrevistado, como revela esta fala "a igreja representa o dom de cantar que Deus deixou pra gente. Isso deixa o coração bem e aliviado".

A inovação, portanto, só tem sentido pela criação de obras significativas para o povo, a partir de uma prática de transformação do mundo. A mensagem enraizada e participada tem resistência e alcance mais longo, porque capta o transcendente além do tempo e das espécies. A liturgia pode ser um fator de enraizamento, desde que ela guarde a memória da sua origem grega: *leitoygía*, serviço ou atividade feita pelo povo. Desta perspectiva, "o enraizamento é um direito humano esquecido. O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas. A liturgia pode enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores lembranças que dão sentido à vida", afirma Bosi,

(1999, p. 41). O que confirma mais uma vez, nesta pesquisa, que a participação religiosa influencia e favorece os vínculos sociais.

CAPÍTULO 4

MEMÓRIA RELIGIOSA, SÍMBOLO, EDUCAÇÃO E CULTURA

À sua maneira, as crenças religiosas cristalizam-se em grupos, comunidades, igrejas, irmandades, ordens, seitas, com um impacto social inevitável.
(José Severino Croatto)

Esse capítulo tem o objetivo de fazer uma reflexão sobre como a memória e o simbolismo religioso, a partir da cultura, podem contribuir com uma educação de jovens e adultos que conduza a uma participação mais efetiva e transformadora desses sujeitos reinraizados na sociedade.

O referencial teórico que dá suporte para essa busca é Halbwachs (1990), que trabalha a memória coletiva na visão sociológica concreta, próxima da realidade; Brandão (2002a) que trata da educação como cultura, e (2002b) que trabalha a questão da educação popular na escola cidadã; e outros como Croatto (2001), Eliade (1991), Geertz, (1989), Rocher (1971).

A questão central desse estudo é feita a partir do trabalho com a memória. Busca-se conhecer melhor a religiosidade dos alunos, observar como esses sujeitos elaboram estratégias e pensam ações para o futuro, ou seja, objetiva-se compreender o trabalho de memória dos alunos do ensino noturno, que possuem uma história individual e coletiva, permeadas de lutas cotidianas, incluindo a migração até a periferia da cidade grande e que tem a religião como aliada nessa trajetória.

O referencial teórico metodológico básico é Bosi (2003), especialmente, sua obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, confrontando-a com a memória coletiva, social, na perspectiva de Maurice Halbwachs (1990). Buscar-se-á suporte, também em Moscovici 2003, que aprofunda o estudo das representações no campo da psicologia social; na dissertação de mestrado de Margarete Sueli Bertti (2002), intitulada *Memória coletiva e educação em assentamentos rurais goiano*. Outro suporte desse estudo é a pesquisa empírica feita por meio de entrevistas realizadas com uma 3ª série de alunos do ensino noturno.

Inicia-se fazendo um pequeno histórico do que seja o trabalho de memória individual e coletiva a partir desses autores. No presente estudo enfoca-se o conceito de memória fundado nas ciências humanas, no âmbito da história e da antropologia, especificamente da memória coletiva, enquanto trabalho de reconstrução do passado, da experiência vivida pelos grupos, de reelaboração das lembranças a partir dos ethos culturais da sociedade.

Segundo Halbwachs, o passado não pode ser revivido, mas reconstruído. Essa reconstrução, feita pelo indivíduo, é realizada através da visão de mundo da sociedade no tempo presente. Na obra *Os quadros sociais da memória* de 1929, Halbwachs fala que é impossível conceber o problema da evocação e da localização

das lembranças se não considerarmos os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta construção que chamamos memória. Nesta perspectiva, as relações estabelecidas não são entre corpo e espírito, mas nas relações interpessoal, nas instituições sociais.

Halbwachs estuda a memória a partir das instituições sociais. Para ele, a memória individual depende da participação do sujeito na família, na escola, na igreja, na profissão, com a classe social, com os grupos de convivência própria desse sujeito. Segundo esse autor, é impossível conhecer a evocação e localização das lembranças se não ativer mais ao ponto de aplicação dos quadros sociais reais que servem de referências na construção da memória.

O autor valoriza e considera as instituições sociais como formadoras do sujeito. Em sua visão, o que faz a pessoa se lembrar são os traços materiais, o presente e os grupos sociais dos quais ela participa. Isto leva Bosi (1987. P. 17), que utiliza esse referencial ao estudar memória dos velhos, a afirmar: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, a experiência do passado”. Memória é reencontrar o passado no presente.

Nessa discussão, estudar a memória individual não tem sentido se ela não for colocada em relação a um coletivo do qual o indivíduo faz parte. A ênfase é dada no caráter interpessoal das instituições sociais. Dessa forma, a memória do indivíduo depende do relacionamento com estas instituições, da mediação que estas são capazes de lhe proporcionar.

Nesta linha, Bosi (1987, p.331) reafirma esse ponto de vista, pois considera que é preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, idéias e valores não são originais, são derivadas de uma práxis coletiva.

4. 1 Memória e Prática Religiosa dos Alunos

A partir das entrevistas feitas com alunos de uma turma de 3ª série dos do ensino noturno, sujeitos participantes das instituições como escola e igreja, tentar-se-á ver a relação da memória coletiva desses alunos, com a prática da religião.

No primeiro depoimento, procurou-se ver a memória do lugar onde moravam; buscou-se esse dado porque ele pode mostrar a questão do enraizamento, ou da fragmentação. Este foi o primeiro questionamento feito: Onde você morava antes de mudar para Goiânia?

Natividade – TO,
São Valério – TO,
Imperatriz – MA,
São Luís – MA,
Brasília – DF,
Carmo do Rio Verde – GO,
Fazenda Nova – GO,
Goiânia- GO
Pires do Rio – GO,
Goianápolis – GO,
Goiânia – GO,
Campina Grande – PB,
João Pessoa – PB,
Barreiras – BA.
Correntina – BA,
Santa Maria da Vitória – BA.

Quanto as suas origens, esses alunos vêm de seis estados brasileiros; isto mostra o fluxo migratório, sobretudo, das regiões norte e nordeste e mostra também

que a variedade cultural e religiosa trazida por essa população é muito rica. Este dado confirma a hipótese levantada sobre os alunos migrantes e os vínculos destes com a religião, na nova cidade onde passaram a residir.

Outro elemento a ser considerado neste trabalho é a identificação. A busca da identidade que se dá não só pela mediação da religião mas também, pela afeição pelo o lugar onde moram. Tuani (*Apud* BERTTI, 2002 p. 71), diz que “o lugar constitui identidade, o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspira o presente”. É o caso do aluno membro da Igreja Assembléia de Deus que lembra com muita saudade dos hinos que cantava. Essa idéia demonstra que as pessoas têm afeição por seu lugar não por exclusividade de povo ou cultura, mas o lugar existe em diferentes escalas, pode ser a pátria, uma região, uma cidade ou um povoado. O lugar é onde se constroem e acumulam experiências, laços afetivos e culturais.

Conforme já se mencionou, as religiões estão solidamente afixadas no espaço, no solo, não somente porque se trata de uma condição que se impõe a todos os seres humanos e a todos os grupos; mas porque uma sociedade de fiéis é conduzida a distribuir entre os diversos pontos do espaço o maior número de idéias e imagens que são defendidos por essas religiões. Estão presentes nesses espaços lugares sagrados que evocam lembranças religiosas.

No questionamento número dois perguntou-se: Lá você participava de qual religião? treze alunos disseram participar da Igreja Católica, dois da Assembléia de Deus, um que transitou para a Igreja Luz Para os Povos, um espírita e outro que não segue nenhuma igreja.

Os relatos dizem respeito a um momento da vida de cada estudante e conferem identidade a esses sujeitos. Tais relatos são elementos que fazem parte

da constituição da memória coletiva. Eles demonstraram vínculos religiosos no aspecto simbólico, pois dos dezessete alunos entrevistados, em sua maioria católicos, somente um não participa de nenhuma igreja. Além disso, mantêm ligação com os santos, com as festas populares e com as romarias de que todos se lembram e, ainda, são devotos de uma grande diversidade de santos. Estes dados confirmam as palavras de Bosi (2003, p. 55): “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual”.

Na visão de Halbwachs, o passado se conserva no meio do material que nos cerca: “é no espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, é que nossa imaginação ou nosso pensamento é capaz de reconstituir - que devemos fixar e voltar nossa atenção,” (HALBWACHS, 1999, p. 143). Esta é a condição para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. Em consequência, não há grupo, nem gênero de atividade coletiva que não tenha qualquer relação com um lugar, isto é, com uma parte do espaço.

É o que se vê de forma bem concreta nas respostas à questão número três, quando se perguntou: De quais festas você mais se lembra?

Festa de São Pedro, da tradicional festa a Nossa Senhora do Rosário; festa junina da Bahia;

Festa de batismo nas águas, eu gostava muito, por isso, não me esqueço delas;

Eu lembro das festas de nossa Senhora Aparecida, São Pedro, São Jorge e Santa Luzia;

Eu lembro e gosto muito das festas de reis;

A festa de Trindade é maravilhosa, participo dela desde pequeno;

O que mais lembro é da noite de Natal;

ficou na minha lembrança a Romaria do Senhor do Bonfim; as festas de São João.

Pode-se observar que as narrações sobre as festas fazem referência a um passado no qual estão contidos acontecimentos que marcam a vida dos alunos: a romaria do Senhor do Bonfim, as festas de reis, a devoção a Nossa Senhora Aparecida, a festa de batismo nas águas e outros fatos que ficam bem marcados na memória individual e coletiva de cada sujeito que lembra. Toda religião tem sua memória feita de tradições, revelações que aconteceram no passado, e suas raízes são garantidas através de testemunhas, que depois dão origem as romarias e as peregrinações. Lugares por onde os fiéis percorrem caminhos e refazem a memória histórica dos santos.

Qualquer que seja o papel dos cultos aos lugares santos na história dos cristãos, há sempre referência ao espaço religioso, porque sendo Deus onipresente, não existe região ou lugar que não possa participar do mesmo caráter sagrado, onde Deus manifesta. Isso basta para que os fiéis comemorem coletivamente sua fé e guardem as lembranças recordando cada local. O que importa é a significação invisível e eterna desses fatos lembrados.

Na quarta questão foram perguntados sobre as imagens de que mais se recordam. Nas respostas surgiram as imagens de

São João, de Nossa Senhora Aparecida, a santa de minha devoção (seis vezes);

De Jesus Redentor e Santa Luzia; da bandeira dos Santos Reis;

De Santo Antônio; do quadro colorido nas paredes de Igreja;

A partir dos depoimentos sobre as imagens e ícones, pode-se constatar que as lembranças se apóiam nos lugares e símbolos como a bandeira dos Santos Reis, nos quadros coloridos das paredes, nas imagens dos santos populares. Isto

corresponde ao itinerário percorrido pelo grupo e funciona também como marcas do tempo vivido. Assim, no espaço e no tempo, situam-se as ações dos seres humanos.

Neste sentido, é importante abordar a memória como elemento essencial de busca individual ou coletiva, busca esta que é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades. A memória coletiva, além de ser uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder; luta pela dominação de recordação e da tradição. É por isso que, segundo Bosi (2003, p. 55), “Halbwachs liga a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade”.

A memória do grupo é contínua, ela retorna aos lugares, refaz o espaço pelas lembranças e sensibilidade do pensamento. Esse grupo de alunos tem a religião como apoio, como se descreve na formação do povo brasileiro. Sobrou para os marginalizados uma crença que levam na memória para onde vão. Por isso, o grupo religioso, tem a necessidade de apoiar-se sobre um objeto, sobre uma realidade que dure e permita-lhe projetar o futuro sobre o caos.

Cada aluno do grupo tem uma representação coletiva comum que é a religião. Esta só tem sentido em relação ao o grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento vivido em comum. Por isso, a

memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência aproxima momentaneamente. A memorização pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro dos quais estamos engajados (HALBWACHS, 1999 p.14).

Dessa forma, situam-se os estudos a partir de grupos sociais, de alunos trabalhadores, de pais de famílias, de vida religiosa, de histórias de vidas. Há um

vasto conhecimento não institucionalizado, que contrapõe aos interesses do poder oficial. Nesta linha, importa neste estudo buscar a memória dos alunos, como forma de preservar as suas histórias de vida, mas também uma síntese feita por eles mesmos, enquanto sujeitos sociais em ação.

A mediação da religião, conforme já se referiu, ocorre como apoio e canal de expressão, de enraizamento, dando direção e significado mais amplos à vida, pois o sujeito social lembra e confirma a tradição. Quanto às religiões, elas estão solidamente fixadas no espaço. Por esse motivo há lugares sagrados que evocam lembranças religiosas. A sociedade religiosa consegue recordar os lugares ou reconstituir em torno dela uma imagem simbólica dos lugares nos quais ela se originou. Conforme explica Halbwachs (1990, p. 159)

porque os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é baseado neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição, que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se eternizar e de durar: esta é realmente a condição da memória.

Desse modo, o grupo religioso faz a separação entre os lugares sagrados e profanos, pois há parte do espaço que o grupo de fiéis considera proibido, mas há outros espaços que se tornam um abrigo, um apoio sobre o qual firmam suas tradições.

A igreja não é somente um lugar onde se reúnem os fiéis. Devido seu aspecto interior, ela é diferente dos outros lugares e recintos da vida coletiva. Sua organização atende às necessidades do culto, e se inspira em tradições e pensamentos do grupo religioso. Seja pelos diferentes lugares que são preparados para os fiéis, pelos sacramentos, pelas formas de devoção ali encontradas, as

igrejas impõem por si mesmas, aos membros do grupo, atitudes, reverências, um conjunto de imagens determinadas e imutáveis como os ritos, as preces, os dogmas impregnados de mistérios. Assim, as religiões se desenvolvem e se aproximam no espaço. Essas são as condições que asseguram sua sobrevivência.

Outro instrumento de que não se pode esquecer de referir ao estudar a memória é a linguagem. Ela é o elemento socializador que unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural as imagens lembradas. A língua expressa as representações ou símbolos vindos das situações vividas, sonhadas em grupo.

Nesse pensamento, a religião é referência para esse grupo de alunos, pois nada escapa da existência social e da combinação de diversos elementos culturais, que emergem em forma de lembranças, as quais são traduzidas em linguagem.

O estudo das representações sociais permite analisar o processo de construção dos vínculos religiosos dos alunos em sua realidade, através do senso comum, da prática. O senso comum consiste em um conteúdo informal, carregado de informações e saberes é produzido pelos membros do grupo a partir do conhecimento popular, das tradições, e da comunicação social que as pessoas estabelecem com os valores sociais na vida cotidiana. Segundo Moscovici (2003, p. 27), é “impossível eliminar o conteúdo do senso comum, o conhecimento popular, e, em particular, a psicologia popular, se pretendemos compreender o pensamento e a ação humana”.

Nas repostas dadas às questões três e quatro, nas quais se indagou sobre as festas e imagens de que mais se lembram, fica bem clara a ligação dos alunos (jovens e adultos) com o catolicismo popular. Esta é uma religião voltada para a vida aqui na terra e, por isso, é uma religião prática. É uma prática que afirma as ações simbólicas da vida social desses grupos. A festa é um momento de troca, de alegria,

de fartura, de pagar promessas, é rito de passagem da vida diária, uma herança do catolicismo rural que possibilita fazer memória.

A folia de reis, por exemplo, é uma festa popular que reúne as pessoas, dá alegria ao povo, recolhe as dádivas para os santos que tornam as festa mais eficazes. A folia assegura o pagamento das promessas e a proteção do santo. Assim os valores e representações simbólicas estão expressos na união coletiva dos foliões que representam o festeiro; na bandeira do santo: símbolo sagrado para todos os participantes.

Conclui-se essa análise com as palavras de Parker (1995), que faz uso específico do termo 'religião popular', por ser mais adequado para tratar cientificamente as expressões religiosas e culturais do povo latino-americano. Para este autor,

as religiões populares são manifestações coletivas que exprimem a seu modo, de forma particular e espontânea, as necessidades, as angústias, as esperanças e os anseios que não encontram respostas adequadas na religião oficial ou nas expressões religiosas das elites e das classes dominantes (PARKER, 1995, p. 55-6).

Os alunos do ensino noturno, hoje residindo nas periferias da capital, ainda têm vínculos com a religião, e participam de uma igreja como forma de reenraizamento aos valores presentes na tradição coletiva para uma melhor sobrevivência. Como fala Bosi (1999) inspirada em Weil, "o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros e certos pressentimentos do futuro" .

4. 2 A Prece de Mauss

Através das considerações feitas acima, fica constatado que a presença da religião no universo das representações criadas pelos seres humanos dá-se pelo pensamento, pela linguagem falada e escrita, pela arte e também pela própria organização social, na medida em que se progride na história.

Mas para que a vida em sociedade aconteça é necessária a existência de um mínimo de valores comuns entre seus membros, isto é, para que haja adesão efetiva e afetiva a esses valores. Uma das condições para que tais valores se tornem coletivos, sociais, e para que sejam eficazes é o compartilhamento dos valores comuns almejados. Segundo Lemos (2004, p.130), “essa condição é obtida quando os valores são remetidos a representações, que se articulam em modelos culturais estruturados do viver e do sobreviver”.

A prece é um dos elementos inerentes aos ritos existentes nas diversas representações religiosas, e assim sendo, interage dialeticamente com a sociedade. Ela pode fornecer valores que favoreçam a vida social? Essa é a questão fundamental que tentaremos evidenciar a partir dos estudos do artigo ‘A prece’ de Mauss (1979)³ e também da realidade empírica dos alunos, coletada através da entrevista escrita.

A prece é um fenômeno religioso, faz parte das manifestações do conjunto das coisas sagradas. Ela está presente na história das religiões. De todos os fenômenos sagrados é o que dá, de imediato, a impressão de profundidade, de vida, de riqueza, de complexidade. Isto porque a prece é um dos fenômenos centrais da vida religiosa. Ela é o ponto de convergência, de adesão a muitos outros fenômenos

³ Reproduzido de Mauss, M. *La prière*. In: oeures. Ed. Cit. Liv. I. V. I, p.357-414. (Introdução definitivamente).

religiosos, através de dois meios distintos: os ritos e as crenças. A prece participa da natureza do rito e da natureza da crença. Os dois pólos regulam a experiência religiosa. As crenças consistem nas representações. Enquanto os ritos são ações que dão sentido às diversas visões de mundo de todos os grupos religiosos e sociais. Assim sendo os ritos e as crenças formam um sistema de representações que explicam o sagrado, e a prece é um dos elementos desse sistema.

Nesse mesmo aspecto, Eliade (2001, p. 19) analisa a questão de “o sagrado e o profano que constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumida pelo homem ao longo da história”. A prece é uma forma de unir essas duas modalidades do universo humano. É na experiência íntima com o sagrado que se dá a prece, pois este universo contém em si o sagrado e o profano, que representam o bem e o mal na construção de sua organização social.

A prece é um rito pois é uma atitude assumida, um ato realizado em vista de coisas sagradas e se dirige a uma divindade. É uma crença em certo grau, um credo que exprime um mínimo de idéias e sentimentos religiosos. O ser humano se relaciona com o sagrado como algo que se encontra acima e é diferente dele. É como se o sagrado fosse uma arma poderosa para enfrentar o caos.

Dessa forma, a prece apresenta diversos papéis: é uma exigência, uma ordem, um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, uma louvação, um hosana, segundo Mauss (1979).

Na prece, o fiel age e pensa, a prece é pensamento e ação. Neste sentido, ambos estão intimamente ligados em um mesmo momento religioso. A oração para Mauss (1979) é uma palavra, é a linguagem, é a comunicação, é um movimento que tem um objetivo e um efeito. É um instrumento da ação humana. Falar é ao mesmo tempo agir e pensar: a prece é, simultaneamente, crença e culto.

Por outro lado, a prece é um dos melhores sinais pelos quais se manifesta o estado de desenvolvimento de uma religião. Ela é um rito que pertence a uma religião; seus destinos e os da religião estão estritamente unidos. Através do desenvolvimento da oração, podemos perseguir o fio que conduz às grandes correntes que agiram sobre o conjunto dos fenômenos religiosos.

Uma religião nasce de simulações de várias naturezas: da liturgia, que é uma das formas de prece; do espaço temporal, que afirma a fundação de uma religião; dos oráculos, que são narrativas fundantes de uma religião; das fórmulas teológicas e dos objetos sagrados. Tudo isso é organizado por um corpo de especialistas que dão continuidade aos ritos e às crenças revisando os mitos, transformando-os e zelando pela sua existência. É a função exercida pela agentes religiosos.

A experiência religiosa, quando institucionalizada, quer dizer juntar, unir, religar. Nisto ela se caracteriza por uma estrutura simbólica, procura dar sentido único, global e comunitário à vida para os que nela crêem. Por isso, ela é também uma organização nos parâmetros sociais.

No decorrer da história, o ser humano, na sua busca por respostas e sentido de vida, sempre faz uso de sua capacidade de transcender-se. Isto ocorre porque ele acredita no transcendente ao qual deu o nome de criador, mantenedor da ordem cósmica, providência, bem, deus, princípio, vida. Essa crença é testada nos mitos de origem em praticamente todas as religiões, afirma Schiavo (2004). Assim a religião faz parte da cultura de um povo porque ela é a tentativa de busca, de dar significados e respostas aos questionamentos mais profundos do cotidiano da vida das pessoas.

A partir das considerações feitas acima sobre religião, compreende-se melhor as origens da prece. Segundo a definição de Mauss (1979, p. 146) ela é “um rito

religioso, oral, diretamente relacionada com as coisas sagradas.” No início, ela foi totalmente mecânica, agindo só por meios de sons proferidos, acabou adquirindo a forma mental e interior. Dessa dimensão passou para efusão do pensamento da alma. Primeiramente coletiva, segundo formas comuns, tornou-se a livre conversão do indivíduo a Deus. A prece pôde chegar a essa etapa devido à sua natureza oral. Assim, a oração sendo, uma palavra, acha-se bem próxima do pensamento, por isso pode abstrair-se e espiritualizar-se.

A origem da prece pode ser encontrada nas formas de ritos orais, petição dirigida à personalidade divina ou ao menos espiritual. No entanto, foi-se revestindo de formas fixas e específicas. Da simples mantra, passa à prece mental, à concentração mística do pensamento, superior a todo rito. A prece é um fato interior que escapa à observação, pois ela faz parte do campo da espiritualidade. Por isso, é um fenômeno inapreensível, que segundo Mauss (1979) só se pode conhecer interrogando a si próprio ou àqueles que rezam.

4. 3 A Prece na Perspectiva dos Alunos

Foi na tentativa de apreender melhor o significado da prece, para um determinado grupo, que se entrevistou os alunos da terceira série do Ensino Fundamental noturno do município de Goiânia da Eaja. Eles foram indagados sobre o exercício de tal prática religiosa.

Na primeira questão: O que é orar (prece) para você? Obteve-se as seguintes respostas:

Orar para mim é conversar com Deus, não só quando estamos precisando dele, mas todos os dias;

É falar com Deus;
 Orar para mim é o momento que estou falando com Deus;
 É falar com Deus e ter intimidade com Ele;
 Quando eu oro é gratificante, é muito bom falar com Deus;
 Orar para mim é meditar;
 É clamar a Deus e pedir perdão a Deus;
 É pedir perdão a Deus de todos os pecados e pedir a salvação a Deus;
 É estar mais próxima de Deus e ter fé.

Neste bloco de respostas dos alunos, vê-se que na prece o crente age e pensa, que a prece é uma palavra substanciada na fé no transcendente como afirma Mauss (1997). Fica visível que a fala, na prece, é um fator preponderante. A questão da intimidade, da meditação com a divindade também aparecem, como outro elemento que o autor citado analisa. É o entrar em contato; para os alunos entrevistados esta questão é colocada dentro da primeira resposta. Outro aspecto da prece é informado nos seguintes termos:

É muito bom pedir as bênçãos de Deus;
 É o momento que desligo de tudo e de todos e vivo só para Jesus; Eu me sinto muito bem, lembro-me de muitas coisas e peço a Deus para me ajudar;
 É entrar em contato com Deus e fazer pedidos;
 Orar é entrar em espírito com o Senhor Jesus Cristo;
 Rezar para mim é muito bom para me ajudar;
 Orar para mim é entrar em espírito com o Senhor, pois preciso do Senhor;
 É rezar para Deus me livrar e defender de toda tentação;
 É para mim ser feliz e arrumar um bom emprego e nunca faltar nada;
 É pedir perdão a Deus de todos os pecados e pedir a salvação a Deus.

Este segundo bloco dirige-se mais aos pedidos, às súplicas, que é outra função da prece. A súplica motiva as pessoas que acreditam, a buscar e viver o futuro presente. Além de manter a esperança de que os pedidos se realizem em

outro tempo, possibilita viver a vida em sociedade. Observa-se que boa parte das súplicas dirigem-se às divindades pedindo saúde, emprego, bem estar para a família, garantia de paz, proteção contra as tentações. Em tudo isso é necessária a presença de Deus para atender às necessidades da vida. Essas respostas mostram elementos da coesão social que é a base do sobreviver.

À Segunda questão: Qual é o significado da oração (da prece) para você? os entrevistados responderam com a simplicidade do cotidiano.

Orar para mim significa um preceito de Jesus;

A oração para mim significa várias coisas, dentre elas a vida que Deus fez para mim;

O significado da oração é ter um momento de paz no coração;

É tudo que eu pedir com fé na oração, Deus com certeza responderá com alegria;

Eu me sinto aliviada de todos os meus pecados, sinto que tenho paz na minha vida;

O significado da oração para mim é um tempo que devemos tirar todos os dias para conversar e agradecer ao Senhor Jesus;

Significa para mim que a gente possa orar para nossa família e que Ele proteja todos nós;

O significado da oração é fazer pedidos de proteção para a família e fazer agradecimentos a Deus;

É agradecer por tudo e pedir, principalmente, o perdão pelas nossas falhas;

A oração para mim significa muito, ela é muito importante;

Sabemos que sem Deus não somos nada, mas com Ele na nossa vida tudo vai bem e também agradecer tudo que Ele nos dá;

É estar mais próxima de Deus e ter fé.

A prece aumenta ainda mais a capacidade humana de elevar-se, de ir além de sua realidade através da reflexão do pensamento, dos sonhos, da imaginação. É o que transparece nestas falas: agradecimento, fé, alegria, paz, proteção, plenitude.

A prece deve ser compreendida na perspectiva de busca de sentido às respostas mais profundas da vida, como já foi dito anteriormente.

A terceira questão procura observar o tempo e o espaço da prece: Quando você reza ou ora?

Quando vou dormir, quando acordo, na igreja ou nos grupos de oração, nos finais de semana;

Eu oro a noite;

Quando eu oro é gratificante, é muito bom falar com Deus;

Na hora de dormir, quando me levanto cedo para trabalhar;

Eu rezo todos os dias e peço a Deus que proteja eu, as minhas filhas e meu marido, que Deus dê muita saúde para nós;

Antes de dormir, de manhã e ao meio dia;

Oro às noites, todos os dias, ao Pai nosso que está no céu e a Santa Maria mãe de Deus;

Quando minha família está doente; quando a gente está devendo eu também rezo para que aquele pedido seja pago;

A palavra de Deus diz: vigiai e orai sem cessar, por isso devemos orar todos os momentos;

Geralmente quando vou deitar e quando estou aflita;

Nos finais de semana;

Todos os dias às 3:30 da tarde, peço a benção para mim e minha família.

Aqui é importante analisar a relação da prece com o tempo e o espaço onde acontece a experiência religiosa da prece. A partir das respostas aparecem os elementos íntimos, individuais, diários como na hora de dormir, de aflição, de dívida, de saúde. E nos momentos em que se refere ao coletivo: em grupos, finais de semana, trabalho, a sentimentos comuns. Quanto ao espaço a prece acontece na casa, na igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o presente trabalho: A Influência da Religião na Construção de Vínculos Sociais de Adolescentes, Jovens e Adultos da Escola Noturna, é importante destacar algumas idéias e desafios que surgiram durante a análise da pesquisa. A compreensão desses desafios, podem contribuir com novas construções de vínculos sociais entre os alunos do ensino noturno e de outros grupos com influências religiosas semelhantes.

A primeira idéia identificada foi que, para este grupo de alunos, a religião é um elemento forte no que diz respeito aos vínculos sociais que os alunos ainda mantêm, diante de tantas exclusões e desenraizamentos pelos quais passaram. Nessa trajetória de vida, a religião torna-se uma grande mediadora, ela propicia aos fiéis a participação e o reconhecimento dos valores do ser humano. A pesquisa deixou claro que sobrou para os marginalizados uma crença em um Deus que está na memória e no caminho para onde vão, transformado em razão do viver no cotidiano da cidade, o novo território desses sujeitos. Como disse uma entrevistada: “sem Deus não somos nada”.

Foi a partir dessa perspectiva que se analisou a história de formação dos bairros, das invasões nas cidades como Goiânia, e de modo especial a história do Jardim Guanabara. Foram estudados os vários fatores que interferem nesse processo de migração e de moradia onde os sujeitos da pesquisa passaram a residir.

A trajetória de vida dos alunos mostra que eles não só migraram do campo para a cidade, mas também de cidades do interior para a capital, e ainda de outros estados e de regiões mais pobres do país. Nesse processo acontecem rupturas e deslocamentos no espaço e, conseqüentemente, surge uma descontinuidade, um desenraizamento, relativamente aos seus territórios de origem. Isto atinge o modo de vida desses indivíduos no campo social, econômico, político e religioso. Os efeitos desses deslocamentos causam separações e distâncias dos seus hábitos culturais. As condições em que se deu esse processo estão relacionadas ao conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, ao nascimento e desenvolvimento das cidades e ao processo da divisão do trabalho em manual e intelectual.

Esse processo de desenvolvimento das cidades em oposição ao campo marca uma nova fase de estruturação da religião, pois há uma separação entre o mundo do mito: de uma religião ligada à natureza, da organização do mundo urbano. Conseqüentemente, nascem as dicotomias entre religião e magia, sagrado e profano.

Por outro lado, o aluno viajante é nutrido de contrastes e experiências e se coloca diante de diversos saberes no contato com a nova realidade da cidade. Esse terreno mesmo separado por várias fronteiras é rico em cultura religiosa originada no catolicismo rural e popular que não morre. A cultura religiosa é transportada para onde os sujeitos delas vão. Talvez aqui os educadores, agentes religiosos e culturais

tenham uma chave para acessar a memória dessa população e mobilizar sua participação que está adormecida, conforme alertou Gohn (2003).

Esse estudo provocou também um olhar sobre os efeitos da globalização, os quais obrigam a pessoa a repensar sua relação com o outro. Esse momento de radicalização e desenraizamento das coisas e do ser humano é sinal de uma civilização que se desterritorializou. A ação para existir nessa sociedade mundializada deve reterritorializar-se, pois uma cultura só tem sentido quando enraizada em seus próprios hábitos. Do contrário ela não é. Por isso, a cultura necessita localizar-se neste ou naquele lugar, realizar-se desta ou daquela forma.

Quanto ao espaço, deve-se levar em conta que este é um conjunto de planos atravessados por processos sociais diferenciados. A nossa civilização caracteriza-se como sendo simultaneamente uma tendência de conjunção e disjunção de espaços, ou seja, uma direção voltada para o singular e outra para a diversidade. Dessa forma, não há oposição entre cultura local, regional, nacional, pois estas existem quando resultam em vivências. Essa visão possibilita uma análise mais aberta da cultura de grupos migrantes, como a dos alunos do ensino noturno. Qualquer agrupamento humano para existir, deve se enraizar em um determinado território.

Um outro aspecto que se pode detectar nesta pesquisa refere-se ao do estudo dos fenômenos educacionais. Foi possível perceber a melhoria inegável da educação de adolescentes, jovens e adultos no Brasil e no município de Goiânia. Ações estão sendo desenvolvidas para buscar a superação da longa história de exclusão, de fracasso, de preconceitos sociais com relação a esse setor da educação.

Nessa tentativa de superação, foi importante visualizar que o movimento em prol da educação permanente, em especial para esta população, entrou para a agenda mundial, através das conferências internacionais e na defesa dos princípios básicos

dos direitos humanos: “o da educação como direito de todos e do direito à educação ao longo da vida toda” (PAIVA; MACHADO, 2004, p. 11). Dentre os princípios e compromissos orientadores da nova proposta de educação nacional, registrada na *Coleção memória contemporânea de educação de Jovens e adultos*, está a consciência de que a EJA é um instrumento que a sociedade tem para atender as necessidades educacionais, equalizando as oportunidades. Até então, esta era uma dívida social para com aqueles que foram excluídos ou não tiveram acesso ao sistema escolar.

Outros princípios orientadores registrados na coleção acima citada são os valores da democracia, da participação, da justiça e da solidariedade. Estes valores possibilitam aos educandos mudar sua postura de intervenção na realidade. A *coletânea*, ressalta ainda, que a construção de novas formas de participação cidadã constitui seu objetivo principal. Estes valores defendidos como princípios da educação de jovens e adultos são de ordem universal. Por isso, são defendidos também pelas igrejas em seus trabalhos missionários. Isso influencia a prática religiosa entre os estudantes.

Outro ponto importante foi a intensa retomada da ligação da organização da educação de jovens e adultos com os movimentos sociais: as parcerias com organismos da sociedade civil e religiosas. Neste sentido, essa parceria é também um resgate histórico da participação das igrejas no processo de alfabetização. O MEB dos anos 60 funcionava muitas vezes em salões paroquiais. Esse ambiente também não deixa de exercer influências.

Da mesma forma é importante a relação da EJA com a educação popular. As orientações da EJA defendem o princípio de troca de saberes como parte inerente do currículo. Na educação popular estão nossas raízes e sonhos da construção de uma

nação com um futuro diferente da pobreza, do subdesenvolvimento, do atraso. A educação popular engendra em suas expressões elementos dessa busca almejada, elementos de religiosidade. A cultura popular age então como substância simbólica que articula um outro “mundo possível”. Ela encerra, no imaginário dos indivíduos, as potencialidades de um mundo diferente.

Durante a análise dessa pesquisa foi constatado também que a educação de jovens e adultos e sua proposta de socialização tem muito em comum com as vivências religiosas dos sujeitos. Ambas oferecem espaços de aprendizagens, de trocas de experiências, de conhecimentos e de cultura na medida em que provoca o relacionamento com outras pessoas. O ser humano só é na sociabilidade. É através das relações em sociedade que ele se constrói social e individualmente. Analogamente na igreja como na escola, a dimensão do individual se une a do coletivo. O estar em grupo faz sentido. É diferente do estar sozinho na vida diante da insegurança da cidade.

As duas instituições são espaços referenciais de socialização, de diálogo, de amizade que os alunos têm para sentirem-se juntos. Embora isso se reflita dentro da escola, no comportamento entre colegas e professores, na aprendizagem, eles sabem fazer a diferença entre os territórios como disseram nas entrevistas: “a escola ensina coisa diferente”. Na distinção do espaço entra a questão do sagrado, da espiritualidade. Na igreja, ao contrário da escola, ocorre uma relação sem obrigações expressas, não aparecem os preconceitos e os fracassos. Na escola há o problema da descontinuidade. A igreja está presente em todo lugar, no rural e no urbano. Nesse aspecto, a igreja exerce uma influência maior sobre esses sujeitos.

Diante da influência da religião que foi observada nesse grupo de alunos deve-se perguntar: Como a matriz religiosa brasileira expressa o referido valor (a

presença da religião na vivência dos alunos migrantes)? Como ela aparece na memória e nas experiências religiosas dos praticantes? A influência da religião se expressa como um valor absoluto, na fé em um Ser sem o Qual é impossível viver. É um Deus que marca e acompanha a pessoa em todos os aspectos da vida. O Único com quem podem contar. É uma força, um conteúdo no qual as pessoas acreditam e cujo sentido é o próprio conteúdo da vida, porque Ele atende às necessidades humanas. Por isso mesmo, a religião se torna identidade cultural, memórias, tradições e representações coletivas que se multiplicam através da comunicação, entre os grupos sociais em sociedade. Essa religião trazida por eles é uma religião fruto de uma resistência cultural dos ameríndios, dos negros e, hoje, dos migrantes e de seus descendentes, como define muito bem Bittencourt Filho (2003, p.63):

esta religião originada no Brasil é uma manifestação da cultura espiritual, e por isto mesmo persistente e capaz de resistir, mais do que outra manifestação, à dissolução por vezes imposta pelos conflitos de culturas, como foi o caso da colonização.

Essa matriz expressa o processo do sincretismo religioso brasileiro, constituindo-se em diversas religiosidades. Compreende-se a religiosidade como formas concretas, espontâneas e variadas por meio das quais a religião é vivenciada pelas pessoas e pelos grupos.

Frente a tantas expressões religiosas, pode-se perguntar também o que alimenta esses valores matriciais no grupo de alunos do ensino noturno. A resposta foi encontrada nas representações das preces dos alunos. Os elementos mostrados nas respostas dos estudantes que *rezam*, nos remetem a valores sociais expressivos para eles que crêem. O que esta de acordo com Mauss (1979): a prece é um fenômeno social. Ela se origina do mito, perpassa pelos ritos e é fruto do

trabalho, do tempo, do esforço acumulado de muitas gerações de pessoas. Pode-se dizer que a prece vem da tradição. Isso não significa que ela seja só individual; ela tem uma existência social, exterior ao indivíduo, tanto nos ritos como na convenção religiosa. Portanto, a prece confirma, através das expressões do povo e de suas devoções, a sua eficácia como instrumento de coesão social, porque nela se encontra o conteúdo religioso oferecido pelas diversas religiões. As diversas religiões atendem à necessidade humana e ao equilíbrio harmonioso buscados pelos fiéis.

O mito, o rito e os símbolos são de máxima importância para a compreensão dos valores humanos, porque são eles os pilares da origem religiosa. O mito é a base da explicação do porque do rito. O rito traduz e faz a memória do mito através dos símbolos. É o que acontece nas celebrações, nos cultos das igrejas. Recorda-se aqui Bosi (1999), ela tem razão ao dizer que as “liturgias enraízam”, porque qualquer igreja exerce o rito de memória ao mito original e assim constrói tradição ela também faz a prece. Dessa forma a religiosidade alimenta as vivências humanas no seu cotidiano; produz sentido para o seu passado e seu presente e projeta o futuro. Por isso, os mitos, os ritos e os símbolos têm um papel fundamental e necessário na produção coletiva de sentidos, de ações e relações sociais entre os indivíduos.

Tendo em vista a construção coletiva de socialização que a vivência religiosa traz, o que a educação pode aprender com a religião? Acredita-se que os homens são “seres aprendentes” sempre e que a educação poderia trabalhar mais com o mito e com os símbolos, no contexto cultural dos alunos, fazendo memória a partir da literatura e das imagens. Acredita-se que a educação poderia compreender melhor os símbolos que representam os homens e os enraízam na construção

participativa de novas relações na sociedade contemporânea que é caracterizada por símbolos.

A partir das matrizes religiosas que se formaram no Brasil e na América Latina o povo vive atualmente um pluralismo “de expressões religiosas” (PARKER, 1996, p. 208). Isto acontece, devido às conseqüências dos processos da atual modernização e da urbanização do sistema capitalista, que ontem era chamado de sistema colonial. Tais processos conduziram a uma forma particular de secularização que não modificou a religiosidade do povo, mas a transformou em diversas direções.

Neste sentido, a pesquisa com os alunos do ensino noturno certificou que a religião continua presente e ativa na sociedade, porque ela atende às necessidades do cotidiano das pessoas e dá significado as suas vidas.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Alberto *et al.* *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

BERTTI, Margarete Sueli. *Memória coletiva e educação em assentamentos rurais goianos*. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002. 135 f.

BIDEGAIN, Ana Maria. *História dos cristãos na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BITES, Maria Francisca de Souza C. *Ensino noturno em Goiânia: um diagnóstico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 1992.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

_____. *Cultura e desenraizamento*. In: BOSI, Alfredo (Org.) *Cultura brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2002a.

_____. *Educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002b.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja e Desenvolvimento*. CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1971.

_____. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1973.

CANESIN, Maria Teresa. *Introdução ao método em ciências sociais e educação*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.

CANESIN, Maria Teresa; SANTOS, Catarina de Almeida; JUNQUEIRA, Lilian de Castro. O neopentecostalismo evangélico em Goiânia: alguns elementos de análise sociológica. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 9, n. 3, maio/jun. 1999.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Religião e cultura).

CURY, Carlos Roberto Jamil. 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. In: BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Parecer n. 11, 07 de julho de 2000. Brasil: CNE/CEB.

DIÁRIO DA MANHÃ, Goiânia, 13/06/2004. Caderno meubairro, p. 4-6 c.

FRENETTI, Sérgio F. *Repensando Sincretismo*. São Paulo: Edusp, 1999.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória. (Org.). *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS Leonildo Silveira. *Na força do espírito os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: [s.n], 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE MOS, Carolina Teles. Religião e sociedade: a eterna busca de sentido. In: LAGO, Prenso (Org.). *O sagrado e as construções de mundo: roteiro para as aulas de introdução à teologia na Universidade*. Goiânia: Ed. da UCG; Brasília: Universa, 2004.

MACHADO, Maria Margarida. *Educação de jovens e adultos e as políticas públicas*. Monografia (Especialização em Políticas Públicas) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995. 95 p.

_____. *Política educacional para jovens e Adultos: a experiência do projeto AJA (93/96) na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

_____.; RODRIGUES, Maria Emília Castro. Educação de jovens e adultos no Brasil: campanhas, movimentos, projetos, programas...Qual o lugar da EJA nas políticas? In: 54ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, Goiânia, 12 de julho de 2002.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Trad. Clarêncio Neotti. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAUSS, Marcel. *A prece 1909*. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (ORG). São Paulo: Ática, 1979.

MELO NETO, João Cabral de. *Da educação pela pedra à pedra do sono: antologia poética*. São Paulo: Círculo do Livro, 1965.

MENDONÇA, Antonio Gouveia de. *As raízes*. In: _____. *O celeste porvir*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MOSCOVICI, Sérgio. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

O POPULAR. *Álbum-Projeto dos 60 anos de O Popular, Fotografias da fundação de Goiânia em 1938*. Goiânia, 15 jun. 1998.

OLIVEIRA, Paulo de S. *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 1998.

ORTIZ, Renato. *Um outro território*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1987. (Temas Brasileiros, II).

PARKER, Cristián. *O leque que se abre*. In: _____. *Religião popular e modernização capitalista: uma outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia*. São Paulo: Quieroz, 1993. (Biblioteca de Psicologia e Psicanálise, v. 6).

PLANO Decenal Educação para Todos. Brasília, 1993.

RAMOS, Artur. *As culturas negras no novo mundo*. São Paulo: Nacional, 1979.

RAMOS, Maria Aparecida Gomes. *Evasão escolar no ensino noturno*. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998. 70 p.

RIBEIRO, Darci. *Os brasileiros*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. (Livro I – Teoria do Brasil).

RUBENS, José; LOPES, Jardilino; SANTOS, Gerson Tenório D. (Org). *Ensaio de religião e psicologia*. São Paulo: Plêiade, 2001.

SABATINI, Francisco. *Fenomenologia da experiência e do comportamento religioso em jovens universitários*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002. 2002. 101 f.

SANTOS, Vicentina Mendes da Silva. *Os docentes e o ensino religioso na rede pública de Goiânia: uma aproximação a partir das representações sociais*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

SASSATELLI, Marcos. Goiânia e Goiás violam direitos humanos. *Semeando Justiça e Paz*. Goiânia, n. 6, p.3, ago. 2005.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ivonete Maria da. *"Ou trabalha e come ou fica com fome e estuda:" o trabalho e a não permanência de adolescentes, jovens e adultos na escola em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2004.

SILVA, José Carlos Avelino da. *Zeus e a lógica do mito*. Goiânia: Descubra, 2003.

SILVA, Óseas Barbosa; GOMES, Uene José. Religião e conflitos sociais. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 9, n. 3, maio/jun. 1999.

SUESS, Paulo. *A conquista espiritual da América espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: M. Claret, 2002.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Trad. Maria Leonor Loreiro. Bauru: Edusc, 2001. (Coleção Mulher).

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS SOBRE A PRECE E MEMÓRIA

1 QUESTIONÁRIO SOBRE A PRECE

- 1 O que é a prece (oração) para você?
- 2 Qual o significado da prece (oração) para você?
- 3 Quando você reza ou ora?

2 QUESTIONÁRIO SOBRE MEMÓRIA

- 1 Aonde você morava antes de mudar para Goiânia?
- 2 Lá você participava de qual religião?
- 3 De quais as festas você mais lembra?
- 4 De quais as imagens você mais recorda?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS ALUNOS

1 Dados Gerais:

Questionário nº: _____

Data de Nascimento: _____

Série: _____

Naturalidade : _____

Idade: _____

Gênero: () masculino () feminino

Mora com os pais: () sim () não

Grau de instruções dos pais: _____

Profissão dos pais: _____

Bairro onde reside: _____

Residência própria: própria () alugada () cedida ()

Atividade profissional: _____

Horas de trabalho por dia: _____

Salário pessoal: _____ Salário familiar: _____

Movimentos sociais: sindicato () associações () _____

2 Dados sobre migração:

Origem: rural () Urbana ()

Você nasceu em: _____

Veio para Goiânia quando: _____

3 Dados religiosos:

Religião _____ de _____ origem: _____

Religião atual: _____

4 Dados escolares:

Idade em que começou a estudar: _____

Desde quando estuda à noite: _____

Em quantas escolas já estudou: _____

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DOS ALUNOS

Alunos da 1ª à 4ª Série – 2005

Bloco 1

*Perguntas destinadas a conhecer as histórias de vida dos alunos.

- 1 Qual é a sua cidade natal?
- 2 Até quando morou lá?
- 3 Qual motivo você veio para Goiânia?
- 4 De onde você gosta mais, de lá ou daqui?
- 5 Mudou de bairro para outro? Por que?

Bloco 2

*Perguntas que objetivam a perceber o significado da religião e a colher elementos que dizem a respeito à influência religiosa dos alunos da Eaja, no sentido de formar vínculo social.

- 1 A sua religião é?
- 2 Qual é sua igreja?
- 3 Ela fica no setor Jardim Guanabara? Sim () Não (). Ou em outro setor, qual?
- 4 Já mudou de religião alguma vez? Por que?
- 5 A religião para você é?
- 6 Qual é a importância dela em sua vida?
- 7 O que você vê e mais gosta dentro dela?
- 8 O que esses objetos representam para você?
- 9 O que motiva você a participar da igreja?

A família ()	O econômico ()	A espiritualidade ()
A fé ()	A alegria ()	O trabalho ()
- 10 Há outros motivos? _____
- 11 Qual mensagem você busca ao participar na igreja?
- 12 Você freqüenta a igreja toda semana? Sim () Não () Quantas vezes? _____

13 Como é sua participação dentro da igreja, como membro ou exerce algum cargo?

Bloco 3

Questões que buscam observar a participação do aluno do ensino noturno nos movimentos sociais.

1 Você participa dos movimentos sociais? Sim () Não () Por quê?

Falta de tempo () Não acredita () Não tem alegria ()

Já foi convidado () É desligado () Não conhece ()

2 Há outros motivos quais? _____

Bloco 4:

*Perguntas que visam descobrir a relação dos alunos do Eaja com a escola e o processo de ensino aprendizagem.

1 O que você acha da escola?

2 O que ela te oferece?

3 O que espera alcançar com os estudos?

4 Por que frequenta a escola?

5 Qual motivo você falta ou abandona a escola?

6 Sua religião ajuda você a compreender as explicações dos professores?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO AGENTES RELIGIOSOS

CARACTERIZAÇÃO DOS AGENTES RELIGIOSOS

1 Dados Gerais:

Entrevista nº: _____

Data de Nascimento: _____

Naturalidade : _____

Gênero: () masculino () feminino

Mora com os pais: () sim () não

Grau de instruções dos pais: _____

Profissão dos pais: _____

Bairro onde reside: _____

Residência própria: própria () alugada () cedida ()

Atividade profissional: _____

Horas de trabalho por dia: _____

Salário pessoal: _____ Salário familiar: _____

Movimentos sociais: () sindicato () associações _____

2 Dados sobre migração:

Origem: rural () Urbana ()

Você nasceu em: _____

Veio para Goiânia quando: _____

3 Dados religiosos:

Religião _____ de _____ origem: _____

Religião atual: _____

4 Dados sobre o nível de formação:

1º Grau Completo _____

2º Grau Completo _____ Qual? _____

3º Grau Completo _____ Qual? _____

Pós-Graduação _____ Qual? _____

APÊNDICE E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS AGENTES RELIGIOSOS

DIRIGENTES RELIGIOSOS DAS IGREJAS - 2005

*Perguntas dirigidas aos representantes/administradores das igrejas freqüentadas pelos estudantes, para se obter dados sobre as doutrinas, crenças transmitidas aos fiéis.

1 Qual é a igreja que você conduz?

2 Qual é a sua função dentro da Igreja? Pastor (), Padre (), outras _____

3 Quais os valores que os fiéis têm buscado no dia-a-dia?

4 Você sente-se preparado para trabalhar com seus fiéis? Quais os maiores problemas que tem enfrentado com seus fiéis?

5 Qual a mensagem fundamental você tenta trabalhar com seus fiéis em sua igreja?

6 Você motiva/incentiva seus fiéis a participarem dos movimentos sociais?

Sim () Por que _____

Não () Por que _____

8- Outras informações que você julgar importantes.

APÊNDICE F - DADOS DAS ENTREVISTAS DOS ALUNOS

TOTAL DE ENTREVISTADOS: 20

IDADE		ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS PAIS	
15 a 20	02	lavadeira	01
20 a 30	07	lavradores	09
30 a 40	04	do lar	06
40 a 50	04	aposentados	02
50 a 60	02	pedreiros	02
60 a 70	01	servente	01
		ferroviário	01
		costureira	02
		vigia	01
		conferente/estoque	01
		Não informaram	03
GÊNERO		ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS ALUNOS	
mulheres	12	doméstica	05
homens	08	do lar	04
		manicure	01
		babá	01
MORAM COM OS PAIS		serv/gerais	01
sim	05	rev/de avon	01
não	15	servente	01
		mecânico	01
GRAU DE INSTRUÇÃO DOS PAIS		chapa	01
não alfabetizados	17	pedreiro	01
1ª a 2ª série	02	conf/Ceasa	01
3ª a 4ª série	04	aposentada	01
5ª a 6ª série	02	desempregada	01
7ª a 8ª série	02		
não informaram	02		

BAIRRO ONDE RESIDE

Guanabara I	05
Guanabara II	06
Guanabara III	05
Residencial Felicidade	01
Residencial Guanabara	02
Asa Branca	01

MORADIA

aluguel	05
própria	14
Cedida	01

PROCEDÊNCIA DOS ALUNOS

Interior de Goiás	07
Goiânia	02
Estado da Bahia	06
Piauí	02
Ceará	01
Maranhão	01
Minas Gerais	01

RELIGIÃO DE ORIGEM

Católica	16
Nenhuma	01
Assembléia de Deus	02
Cruzada Cristã	01

PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS

movimento de moradia	01
associação do bairro	01
sindicato	01
não participa em nada	17

ORIGEM MIGRATÓRIA

rural	13
urbana	07

TEMPO DE MIGRAÇÃO

01 a 05 anos	02
05 a 10 anos	02
10 a 15 anos	04
15 a 20 anos	05
20 a 30 anos	05
30 a 40 anos	02

RELIGIÃO ATUAL

Católica	09
Assembléia de Deus	05
Católica/Universal	02
Igreja da Graça de Deus	01
Congregação cristã no Brasil	01

INÍCIO DOS ESTUDOS

06 e 10 anos	10
10 e 15 anos	03
15 e 20 anos	04
20 e 40 anos	0
40 e 55 anos	02

TEMPO DE ESTUDO À NOITE

2000 a 2003	03
2003 a 2004	05
2004 a 2005	11
Não informou	01

QUANTAS ESCOLAS JÁ ESTUDARAM

01 e 02 escolas	09
03 e 04 escolas	08
05 e 06 escolas	03

SÉRIE NA QUAL ESTUDAM

1ª série	05
2ª série	05
3ª série	06
4ª série	04

APÊNDICE G – FOTOS DOS ALUNOS



Exposição pedagógica, ao fundo artesanato e Estatuto do Idoso.



O grupo de alunos e professores.



Passeio no Bosque dos Buritis.



Jantar de confraternização entre os alunos.

ANEXO 1 – MAPA DO JARDIM GUANABARA

